ANDRESSA URACH

MORRI PARA VIVER



MEU SUBMUNDO DE FAMA, DROGAS E PROSTITUIÇÃO

Do mesmo coautor de ***Nada a Perder***, biografia com mais de **7 milhões** de livros vendidos em todo o mundo.

Planeta

ANDRESSA URACH

MORRI PARA VIVER

MEU SUBMUNDO DE FAMA, DROGAS E PROSTITUIÇÃO

Planeta

Copyright © Andressa Urach, 2015
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015

Preparação: Marcia Benjamim e Heloísa Lopes
Projeto Gráfico e Diagramação: Mauro C. Naxara
Capa: Departamento de Criação da Editora Planeta do Brasil
Imagem de capa: Renato Parada
Colaboração: Leandro Cipoloni, Lumi Zúnica, Karla Dunder e André Caramante
Agradecimentos: Família Faveri, Pablo de Freitas, equipe do Hospital Conceição, Júlio Vedovato, Clodomir Santos, Fátima Bassini, Renato Cardoso, Giovanni Oliveira, Marcelo Silva, Marcus Vinicius Vieira e Raissa Lima Tavolaro
adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/705J

Urach, Andressa

Morri para viver: meu submundo de fama, drogas e prostituição / Andressa Urach. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

288 p.

ISBN978-85-422-0534-3

1. Celebridades - Biografia 2. Brasil – Biografia I. Título

15-0715

CDD: 927.4692

2015

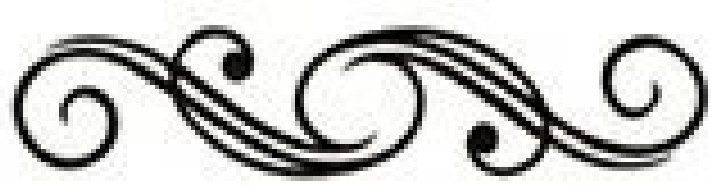
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Ao Arthur, meu filho, à minha mãe, Marisete, e à minha saudosa avó Madalena, com amor.

Aos homens e mulheres de bem que acreditaram em mim e me estenderam a mão.

E, acima de todos, ao Deus da Universal que me salvou. O meu Deus.

SUMÁRIO



Introdução

Capítulo 1
MINHA ALMA EM COMA

O dia na UTI

Corpo dilacerado

Sono da morte

Viciada em plásticas: o maldito hidrogel

Acorda, Andressa!

Capítulo 2
PASSADO REVELADO

Um pedófilo em casa

Abraça seu pai

Rosto rasgado

Cartomante

Cadê minha família?

Quinze marcas na pele

Capítulo 3
O LABIRINTO DA FAMA

Uma confissão inédita: eu fui prostituta

Máquina de desejos

A pista que matou Senna

O diário de uma garota de programa

Baladas, balas e cocaína

Ódio nas palavras

Uma hora de prazer por trinta mil reais

Celebridade a qualquer preço

Jogadores, artistas, bicheiros e empresários milionários

Astro do futebol em Madri

Minha vida diante das câmeras

Com meu filho no hospital

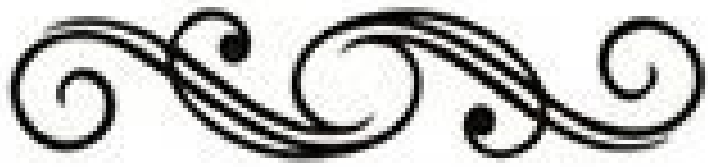
Capítulo 4
EU ME VENCI

Hora de reerguer

Eles oravam por mim

Quem não pode recomeçar?

INTRODUÇÃO





O enredo mais parece criação de cinema, mas é a dramática história real de uma das personagens mais polêmicas da mídia que surgiram no Brasil nas últimas décadas.

A trajetória de Andressa Urach, sem censura, choca por suas próprias palavras. E revela a mente capaz de arquitetar uma inacreditável escalada ao universo das celebridades e dos endinheirados no Brasil e no mundo.

A que uma mulher ingênua e sem perspectivas, de família pobre do interior do Rio Grande do Sul, permite se submeter para alcançar notoriedade, fortuna e beleza? Algumas dessas respostas colocaram-na como protagonista de reportagens nos principais veículos de comunicação do mundo, como *CNN, The New York Times, Washington Post, The Sun, Mirror, People, Huffington Post* e *Daily Mail*.

A virada de vida de Andressa Urach, de fato, sempre chamou a atenção. O atrevimento incontrolável que a transformou em um ser obcecado pelos valores mais fúteis da existência humana é contado com riqueza de minúcias em *Morri para viver*. Uma confissão corajosa de episódios sabidos por milhões de pessoas, mas só agora revelados com o lado desconhecido dos bastidores. Sempre existe outra versão para os fatos.

A travessia pelos porões da prostituição é de uma crueldade constrangedora. Denuncia ao mesmo tempo a ambição desmedida de quem vende prazer e, quase sempre, a cabeça perversamente doentia de quem o compra. O negócio que transforma o corpo em mercadoria de alto luxo talvez nunca tenha sido desvendado como nas páginas deste livro. De um lado do balcão, cafetões, donos de boates, agenciadores travestidos de promotores e garotas de programa fissurados pelas cifras. Do outro, artistas, cantores, astros

do futebol, empresários riquíssimos e gente comum seduzida pela luxúria.

Morri para viver não segue uma rigorosa ordem cronológica, a maioria dos capítulos foi escrita fora de sequência, de forma temática, para evidenciar passagens emblemáticas da autobiografia. Os assuntos são abordados de modo individual experimentados no dia a dia de Andressa Urach. O livro se baseia principalmente nas memórias da modelo ao longo dos seus vinte e sete anos de vida intensa.

Com o auxílio do jornalista e escritor Douglas Tavolaro, coautor desta obra, Andressa também fundamentou a narração em seus arquivos e anotações pessoais. Foram meses de reportagens e mais de sessenta horas de entrevistas, gravadas e escritas. Seu relato também foi apoiado por uma ampla pesquisa jornalística baseada em depoimentos em diversos meios de comunicação. Foram ouvidos quarenta e seis entrevistados em Madri, Lisboa, São Paulo, no Rio de Janeiro e em cinco cidades do interior gaúcho. Foi em uma dessas incursões no sul do Brasil que um antigo diário foi encontrado. Escondido em uma caixa empoeirada dentro de um apartamento humilde onde Andressa passou os primeiros anos de casada, o diário tinha o registro dos abusos sexuais sofridos na infância. Páginas desconhecidas pela própria família da modelo.

Somam-se a isso fotografias e documentos que, acrescidos à obra, compõem três encartes de imagens ligadas ao passado e ao presente de Andressa, algumas jamais divulgadas, apesar de sua mirabolante exposição nos noticiários. No principal site de buscas da internet, o Google, o termo Andressa Urach aparece mais vezes que os nomes da escritora Margaret Mitchell, autora do best-seller *E o Vento Levou*, da cantora Alison Krauss, maior vencedora do prêmio Grammy, e dos atores Wagner Moura, astro do filme *Tropa de Elite*, e Daniel Day-Lewis, vencedor do Oscar de 2013.

Andressa Urach tornou-se um fenômeno impressionante de mídia. O drama de sua internação, a partir do primeiro dia de dezembro de 2014, data em que teve início o seu coma, correu o mundo. Despertou mais interesse que um picante ensaio de fotos da cantora Madonna, divulgado no mesmo dia, em que aparece com os seios à mostra na revista norte-americana *Interview*. Na primeira semana desse mesmo mês, o nome Andressa

Urach foi também mais buscado no Google que os de Barack Obama, Lionel Messi, Neymar e Beyoncé. Em todo o planeta.

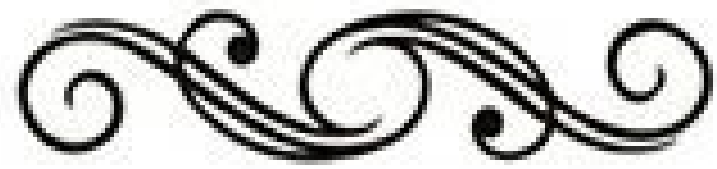
Em *Morri para viver*, os depoimentos de Andressa transmitem verdade e transparência, com tamanha capacidade de impressionar ao relatar casos fingidos para ganhar fama. Sua ousadia em assumir o vício em cirurgias plásticas provoca igualmente perplexidade. Uma operação a cada três meses e meio em um período menor do que quatro anos. E, no decorrer

das complicações da insana e malfadada aplicação do hidrogel, a modelo se propõe a cortar os dedos dos pés para calçar sapatos menores e até a arrancar uma costela para reduzir as medidas da cintura. Quem é capaz disso?

E, assim, as cenas desse filme de realidade passam diante dos nossos olhos, a cada momento, como se o leitor embarcasse com Andressa Urach em uma viagem no tempo para reviver cada episódio, um mais inesperado que o outro. Rejeições, miséria, overdoses, depressão, conflitos em família, ameaças de morte, vinganças, armações, holofotes, dinheiro fácil, ostentação. Ascensão e queda. A formação da personalidade de uma pessoa sem limites.

E o roteiro termina com a derradeira luta pela sobrevivência na UTI de um hospital, narrativa que inicia a obra. Foi ali que Andressa partiu para uma comovente caminhada em busca de um recomeço. No lugar de dinheiro e sucesso, entraram o filho e a fé. Um acerto de contas com o passado e, sobretudo, um encontro com ela mesma.

Prepare-se para um retrato escancarado e avassalador do submundo da fama.



MINHA ALMA EM COMA



O DIA NA UTI



As dores contorciam meu corpo. Eu me apertava com força na esperança de sufocar tanto sofrimento. Eram pontadas que se alternavam de alto a baixo na minha perna esquerda. Pareciam rasgar minha pele e furar meus músculos.

– Mãe, uma ambulância... Mãe, pelo amor de Deus! Não consigo nem mais falar! Mãe! Mãe!

– Calma, filha! Calma! A ambulância vai demorar... É melhor a gente correr para o hospital.

– Mãe, eu não consigo pisar no chão! Está doendo muito!

Me ajuda, mãe! Socorro, socorro!

Meu padrasto dirige com velocidade ao lado da minha mãe, Marisete de Faveri, que segue no banco de trás segurando meus ombros na tentativa de me consolar. A parada no Hospital Conceição de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é repentina. Os dois tentam me tirar do carro enquanto choro de soluçar.

Os gritos ecoam pela calçada.

Uma sensação penosa corre pelo sangue. Um aperto no peito. O coração bate mais rápido. As mãos suam. Tento me colocar em pé apoiada em meu padrasto e logo percebo que é impossível movimentar a perna. Ele me apanha no colo, mas não consegue me carregar por muito tempo. Busca uma cadeira de rodas e me empurra para dentro do hospital.

As dores parecem se intensificar. Na mente, um medo inexplicável e uma preocupação obsessiva, em flashes de pensamentos. Será que escapo de mais uma confusão na vida? Será que estou colhendo todo o mal que fiz ao meu corpo? Como sobreviver a tanta dor? A morte se aproxima?

Correndo e ofegante, minha mãe atravessa as portas da emergência do pronto-socorro também chorando muito e gritando por atendimento urgente.

– Pelo amor de Deus, alguém me ajude! Minha filha, minha filha! Preciso de um médico para atender minha filha! É uma urgência, socorro!

Sempre fui bastante resistente à dor e todos que conviviam comigo, principalmente minha mãe, não estavam acostumados a me ver gritar daquele jeito. Meu rosto estava pálido. A falta de coloração denunciava meu grave estado de saúde.

– É ela, é ela... – comenta um dos seguranças no saguão do setor de emergência.

– Quem? Quem? – pergunta o colega.

– Aquela moça famosa que fez um montão de plásticas... a Andressa Urach.

A conversa se perdia em meio aos meus gemidos. O hospital está agitado com o entra e sai de dezenas de pacientes e seus acompanhantes. Em desespero, minha mãe percebe não ser possível esperar na fila de chegada para passar pela triagem do pronto-socorro e procura imediatamente uma funcionária:

– Ela está muito mal. Não dá para esperar! Nos ajude rápido, por favor.

Sou imediatamente levada para a sala de triagem e, enquanto a enfermeira se prepara para diagnosticar meus sinais vitais, lanço um jato de vômito que atinge praticamente todo o chão do local. A enfermeira faz o procedimento às pressas. Naquele momento, minha pressão arterial já estava muito baixa.

– Sete por três! Precisamos fazer alguma coisa... Essa menina vai morrer! – diz a enfermeira.

Em média, uma pessoa em bom estado de saúde tem pressão de doze por oito. E se minha pressão caísse tanto a ponto de eu ter um choque? Pressão muito baixa significa que o coração não está bombeando sangue para o organismo. Eu poderia sofrer lesões irreversíveis e morrer ali mesmo.

Sem vacilar e com afobação, a enfermeira parte da triagem do pronto-socorro me empurrando na cadeira de rodas para o setor da emergência onde ficam os médicos. É nítida a preocupação com o meu estado de saúde.

O desespero da minha mãe aumenta. Quando a enfermeira falou que eu morreria, também entrei em pânico. Eu agonizava de dor na recepção do pronto-socorro. Os sintomas se espalhavam pelo corpo inteiro. Os dentes trincavam e a boca parecia prestes a travar. Minhas pernas trepidavam. Eu estava cada vez mais fraca. A sensação era indescritível.

Era uma noite quente do dia 29 de novembro de 2014. Horas antes, havia retornado da praia de Quintão depois de passar o sábado com minha família na intenção de comprar uma casa para viajarmos no verão. Sempre adorei o litoral gaúcho. Saímos cedo de casa: eu, minha mãe, meu padrasto Dionatan, meu irmão Vinicius e meu filho Arthur, de nove anos. Era um dia ensolarado e a brisa soprava por todos os lados. Mas o tempo fecharia para mim. Na volta para casa, já na estrada e sentada no banco de trás do carro, passei a sentir fisgadas por toda a perna.

– Mãe, isso não é comum. Estou com muita dor. São umas pontadas estranhas na perna. Parece alguma coisa ruim acontecendo – comentei, já incomodada.

– Ligue para o seu médico, filha. Ele pode te receitar um remédio mais forte para controlar isso que você está sentindo.

– Tudo bem, mãe. Não é nada – disse carinhosamente Arthur, encostando a cabeça no meu ombro.

O médico que me acompanhava era o cirurgião plástico Júlio Vedovato, meu especialista desde 2011, e que executava uma série de operações para a retirada do hidrogel do meu corpo. Era uma das substâncias que apliquei para ganhar mais medidas nas nádegas e coxas em minha enlouquecida e inconsequente busca por medidas perfeitas e pela fama a qualquer preço, como vou explicar em detalhes algumas páginas adiante. O dr. Vedovato chegou em casa no final da tarde daquele sábado e, na hora de me aplicar um medicamento, se espantou com minha insistente reclamação de dores. Mais cedo, eu já havia tomado seis comprimidos de três tipos diferentes de analgésico, mas não consegui diminuir a forte agonia nas pernas, a febre e, tampouco, a vermelhidão que começava a se espalhar por todo o meu corpo.

– A vermelhidão já era decorrente de uma infecção que afeta as partes mais profundas da pele, a derme e o tecido gorduroso, e é disseminada pelos vasos linfáticos – explica o médico Vedovato.

Após me examinar, ele me aplicou morfina na veia, para que suportasse a dor, e também uma dose de corticoide com antibióticos. O médico decidiu aguardar um prazo de mais doze horas para saber como seria a minha reação aos medicamentos e resolveu ir embora. Ainda na noite daquele sábado, minha mãe ligou novamente para o médico e o avisou de que meu estado havia piorado. Foi quando, por volta das nove horas da noite, decidimos pedir socorro na emergência do Hospital Conceição.

Ali, após a constatação da minha queda de pressão no setor de triagem, entrei em choque. Na cadeira de rodas, não me aguentava de tantas dores e gritava. Meus berros eram ouvidos a distância. Enfermeiros corriam de um lado para o outro. Minha mãe segurava nos meus braços com a ajuda do meu padrasto. Parecíamos um tanto desnorteados. Eu ainda não havia sido medicada. A trepidação das pernas aumenta. Chega o soro na veia com um remédio para amenizar a dor. Tudo parece girar.

A partir da porta de entrada do setor da emergência onde estavam os médicos, minha mãe foi impedida de me acompanhar. Eu seria conduzida rapidamente para a ala cirúrgica.

Segui sozinha em meio a um choro incontrolável.

– Calma, filha... tudo vai ficar bem. Calma! – dizia minha mãe.

Só consegui balbuciar algumas poucas palavras:

– Toma, mãe, fique com meus anéis. Estou ficando fraca... muito fraca...

A evolução do meu quadro de inflamação ocorreu em poucas horas.

Já quase sem forças, senti os enfermeiros me sacudindo de um lado para o outro. Fui colocada na maca. Todos aguardavam os médicos para decidir qual procedimento seria executado. Estava consciente, mas já não tinha mais vitalidade para falar. As dores prosseguiam, crônicas. Da maca até a sala de cirurgias, sozinha, conseguia assimilar meus pensamentos com o resto de forças que havia no meu corpo. Não sei explicar, mas sentia que iria morrer. Essa sensação era marcante: eu estava caminhando para a morte.

Sozinha, jogada na maca, eu caminhava para o tudo ou nada no bloco cirúrgico. As dores. A morfina já sem efeito. A vermelhidão por todo o corpo. A fraqueza maior a cada minuto. A inflamação que se alastrava.

Fui colocada na mesa de cirurgia da UTI. E desacordei naquela madrugada do dia 30 de novembro de 2014.

Perdi minha consciência. Perdi minhas reações nervosas a qualquer estímulo. Minha sensação era de morte, mas os médicos prosseguiam na batalha para me trazer de volta à vida. Ficaria desacordada por muito tempo? Um dia? Um mês? Vários anos? Para sempre? Teria sequelas no meu corpo, caso voltasse a viver? Perderia minhas pernas? Acordaria com lesões irreversíveis? E se tivesse morte cerebral? E se voltasse em estado vegetativo? E se tudo desse errado?

E se morresse? Morrer? Sim, e se morresse? O fim da vida aos vinte e sete anos. O que seria de mim? E da minha mãe? E do meu filho?

E da minha alma?



CORPO DILACERADO



Por volta da meia-noite, já desacordada, passei pelo clínico geral no pronto-socorro e por vários exames mais detalhados no centro cirúrgico do Hospital Conceição. Minha mãe e meu padrasto aguardaram parte da madrugada na recepção, aflitos, em busca de notícias sobre o meu estado de saúde. Meu filho permanecia em casa sem saber de nada do que acontecia.

Os médicos foram precisos no primeiro diagnóstico. O improvável tinha acontecido. Uma bactéria havia entrado no meu corpo pelos buracos na minha perna esquerda produzidos para a retirada do hidrogel. E eu já estava com um quadro chamado de sepse, infecção generalizada causada justamente pela invasão desse germe em minha corrente sanguínea.

– A sepse é um conjunto de manifestações graves em todo o organismo, produzidas por uma infecção. Na verdade, raramente a infecção está em todos os locais do organismo, apesar de haver comumente circulação de bactérias na corrente sanguínea. Muitas vezes, a infecção pode estar localizada em apenas um órgão, como no caso da Andressa Urach, na perna esquerda, mas provocando em todo o organismo uma resposta com inflamação, ou seja, as células de defesa liberam várias substâncias que promovem reação inflamatória. É uma tentativa de combater o agente da infecção. Essa inflamação pode vir a comprometer o funcionamento de várias estruturas do corpo do paciente e, muitas vezes, levar à morte por falência múltipla dos órgãos – explica o médico infectologista Érico Arruda, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia.

O foco da infecção era ali. A decisão dos médicos foi a de cortar minhas pernas de alto a baixo para extrair o pus e o pouco de hidrogel que ainda estava na minha coxa. Meu cirurgião plástico também foi chamado às pressas e informou à equipe médica sobre o meu histórico de saúde.

Fui entregue, então, ao dr. Pedro Martins, médico responsável pelo plantão da cirurgia geral. Assim que me examinou, percebeu a gravidade do quadro clínico, interrompeu as visitas rotineiras que fazia aos pacientes mais estáveis e foi direto para o boxe da UTI onde eu estava isolada. Ele conta, de forma incisiva, que se espantou com o que viu:

– Eu fiquei em choque. Ela estava à morte.

O médico passou a pensar no pior. A perspectiva que ele descreve era assombrosa:

– Andressa estava completamente vermelha, dos seios até os pés. Era uma infecção grave dos tecidos conhecida como celulite, não aquela que todos conhecem como pequenos furinhos na pele das mulheres, mas sim aquela também chamada de erisipela. O corpo dela estava duro, empastado, inchado – detalha o dr. Pedro.

Após nova avaliação, ele decidiu colocar um dreno na minha perna esquerda para que a secreção com pus saísse do meu corpo sem a necessidade de uma intervenção cirúrgica mais agressiva.

– Meu receio de operar naquele momento era o precário estado de saúde da paciente. A infecção era muito forte. Mais tarde, os exames mostrariam que o sangue da Andressa estava infectado pela bactéria *Staphylococcus aureus*, normalmente encontrada na pele e nas fossas nasais e de alta virulência – afirma o dr. Pedro, que trabalhou ativamente naquela madrugada no Hospital Conceição de Porto Alegre.

Meu corpo permanecia estirado na mesa do centro cirúrgico. Do lado de fora, a agonia da minha família crescia a cada instante.

Minha mãe ficou desolada ao saber do meu estado.

– Calma, dona Marisete. Nós fizemos tudo o que era possível e com muita agilidade. Toda a equipe se esforçou bastante para salvar a Andressa, mas ela está bem ruim. Sua condição é muito instável. Ela ainda corre risco de óbito – afirmou o dr. Pedro, no corredor do hospital.

– Meu Deus, eu não acredito! Não, não, não... não pode ser! Ela é forte, ela vai sair dessa! Minha filha vai sair dessa, doutor! – respondeu minha mãe, chorando muito.

Após a primeira drenagem, combinada com a aplicação de antibióticos na veia, os médicos não detectaram nenhuma evolução em meu quadro clínico. A febre não cessou, a pressão arterial não voltou ao normal e eu ainda respirava com a ajuda de aparelhos.

– Ao contrário, o estado geral da Andressa piorou muito após a drenagem. A pressão sanguínea foi praticamente ao estado de choque e, não fossem as medicações, teria caído a zero e ela morreria – reconta o dr. Pedro.

Os médicos estavam me perdendo.

Da cirurgia geral, fui levada direto para a UTI em estado gravíssimo.

O intensivista Henrique Saltz, um dos médicos coordenadores da UTI do Hospital Conceição, ao entrar na ala de emergências, me encontrou desfigurada pelo inchaço e ficou alarmado com a cena. O médico sabia que, no Brasil, cinquenta por cento das pessoas que têm sepse morrem.

– De fato, fiquei espantado com a condição dela. Também me impressionou o alvoroço que tomou conta do nosso hospital. Começamos a ser bombardeados por perguntas de veículos de comunicação do Brasil e do

exterior, por telefone ou pessoalmente, com o plantão de várias equipes de TV na entrada do hospital – relembra o dr. Saltz.

A equipe médica estava diante de um dilema. Seria o momento certo para perfurar as minhas pernas e extrair os focos de infecção? Ninguém poderia garantir que eu resistiria a uma operação às pressas com a saúde tão fragilizada.

– Foi uma decisão bastante difícil. Por mim, a intervenção cirúrgica deveria ser feita o quanto antes. Se esperássemos mais, ninguém sabia o que poderia acontecer. Mas, e se eu decidisse intervir com a cirurgia e ela não resistisse? Uma cirurgia é curativa, mas ela também é agressiva. Vai cortar, vai sangrar e vai somar mais um trauma.

A decisão foi tomada.

– Quando fiz o exame de apalpação e detectei os focos de infecção, resolvi levá-la para o bloco cirúrgico na hora – disse o dr. Pedro.

Minha mãe não estava no hospital quando se decidiu pela intervenção cirúrgica urgente.

– Foi um risco que precisei assumir. Aquele era o momento e não podia esperar para que algum parente assinasse embaixo da minha decisão. É quando o médico carrega o peso da responsabilidade nas costas.

Não havia vaga no centro cirúrgico naquele momento, mas a gravidade do meu estado de saúde fez com que a direção do Hospital Conceição remanejasse a agenda de operações e eu fui rapidamente preparada para ter as duas pernas operadas.

Durante a cirurgia, no dia 1o de dezembro de 2014, o meu quadro piorou.

Eu estava em processo de falência do sistema circulatório. O grande volume de soro já não fazia efeito. As toxinas se alastravam pelo corpo. O meu coração, afetado pela ação da bactéria no sangue, estava próximo da falência. Também passei a sofrer um quadro de insuficiência renal aguda, ou seja, meu rim havia parado. Eu não urinava mais e a preocupação dos médicos só aumentava.

Meu quadro se tornava cada vez mais complicado. Eu entrei em coma.



SONO DA MORTE



De repente, minhas dores sumiram. Os buracos na perna, a deformação das coxas, a infecção que se espalhou. Não sentia nenhum suplício. A enfermidade havia desaparecido. Meu corpo estava limpo, completamente são.

Que paz era aquela que invadia meu interior? Onde estava a agonia que apertava meu peito? Como todo aquele tormento havia terminado assim, de uma hora para outra?

O inacreditável parecia real. Eu me vi levantando do meu corpo, flutuando pelo quarto, enquanto me observava na cama do hospital. Sumiram minhas noções de tempo e espaço. Ficou tudo turvo. Eu não tinha controle para voltar. Fora do corpo, conseguia enxergar em todas as direções ao mesmo tempo. Parecia um desligamento completo do meu cérebro, apenas a minha consciência funcionava. Não é uma coisa física que se pode explicar.

A minha alma não estava presa ao corpo. Eu estava na fronteira da morte. A sensação era nítida: estava partindo para o outro lado, era o fim da vida para mim.

Cheguei a um lugar vazio, como um deserto, silencioso, diferente de tudo o que já tinha visto. Muito limpo, muito branco.

Um vale extenso. A paisagem mirava o infinito de nuvens. Não é possível descrever ao certo essa imagem. Fui tomada por um sentimento indescritível de serenidade. Era uma sensação de prazer e de bem-estar que não tem explicação.

Tudo era claro, muito claro. Vi uma luz muito forte bem ao fundo, que me acompanhava cada vez mais de perto. Não tinha a forma de um corpo humano. É a luz mais brilhante que poderia existir e, ainda assim, não ofuscava minha visão. Era uma luz acolhedora. Era a paz absoluta. A experiência é impossível de ser reproduzida com fidelidade em palavras. Era Deus. Eu sei que era Deus. Eu vi Sua luz.

Eu estava parada diante de Deus, despida, humilhada, aguardando o julgamento do destino da minha alma. Isso era claro para mim o tempo inteiro. E, de repente, como se eu resgatasse toda a memória, comecei a ver uma retrospectiva acelerada da minha vida. Flashes de cenas rápidas como na exibição de um filme.

Comecei a visitar momentos do meu passado. Infância perdida, juventude rebelde, mulher sem princípios e valores. Tudo passou diante dos meus olhos. Dinheiro, imóveis, carros, beleza, luxúria, fama e as atrocidades cometidas em nome de tudo isso. O que eu havia conquistado na vida estava ali, sem valor algum, reduzido a nada. Restava apenas a minha alma.

Não merecia estar com Deus, só a condenação por toda a eternidade. Não havia solução para mim, sabia disso. Minha história de vida era tão suja que não conseguia mais olhar para

Deus. Eu não tinha coragem de erguer meus olhos para Ele. Meu rosto estava cabisbaixo de tanta vergonha e humilhação. Minhas mãos estavam juntas, colocadas na altura do coração. Minha culpa era enorme.

Pensei no meu filho e supliquei uma segunda chance. Eu precisava de uma segunda chance. Uma oportunidade para consertar o que fiz e o que fui.

– Perdão, meu Deus! Perdão! Perdão, meu Pai! Meu filho precisa de mim. Vou fazer tudo diferente, se eu tiver uma segunda chance. Perdão! Perdão! Perdão, meu Deus! Perdão! Perdão!

A luz desapareceu no momento seguinte. A cena registrada na minha mente seguia, na minha terrível tentativa de respirar. Eu me percebia entubada, me empenhando para puxar o ar com a ajuda dos aparelhos respiradores. A sensação era de sofrimento, de uma tortura física que não passava.

Eu permanecia em coma profundo de volta à Terra.

No quarto do hospital, minha mãe era a única familiar autorizada a ficar ao meu lado durante essa fase da internação. As visitas eram controladas com rigor por causa do risco de infecção. A todo momento, chegavam novas informações negativas. Os médicos de plantão diziam que a infecção no meu corpo estava avançando.

– Quando entrei na UTI pela primeira vez, vi a Andressa entubada e desfigurada. Quase não acreditei. Não era a minha filha cheia de vitalidade que estava ali. Esse não poderia ser o triste fim da vida dela – recorda minha mãe, Marisete.

Ao perceber uma piora no meu estado de saúde, sozinha, ela caminhou em silêncio até a porta do hospital. Escolheu um banco qualquer, sentou e não conseguia parar de chorar. Sentia vontade de correr, mas não encontrava forças para levantar.

– Meu Deus, não deixe minha menina morrer. Salva a minha filha – disse a frase em voz baixa e com lágrimas escorrendo. Eu estava com a aparência física de uma pessoa de cento e cinquenta quilos e precisava do auxílio de quatro profissionais médicos para simplesmente me virar na cama.

Minha mãe passava horas seguidas com o olhar firme em mim. É como esperar respostas de uma estátua de cera. Mas eu estava ali, viva, com o coração pulsando, o sangue quente, os olhos fechados. Não sei se meu cérebro estava ou não em atividade. Para mim, era um vazio absoluto que só era interrompido pelas minhas experiências além desta vida. Minha mãe ficou ao lado do meu leito no hospital me aguardando voltar.

Certa noite, tive outro momento de pânico: vi espécies de anjos da morte se aproximando, parecendo buscar meu corpo. Vultos negros que rodeavam o leito do hospital. Meu quarto estava cercado deles. A cena se passou de forma nítida. Eram espíritos ruins, porque sentia pulsar uma sensação de angústia, uma agonia que se multiplicava conforme essas imagens tenebrosas rondavam meu corpo.

Era a morte, na minha visão.

Gritei, desesperada, pedindo socorro para minha mãe. Comecei a me debater na cama.

– Mãe, eles vieram me levar! Mãe, eles vieram me levar! Me ajuda, mãe! Deus! Deus, me salva!

– A Andressa, completamente inconsciente, mexia a cabeça com agitação. Fiquei assustada. Parecia mesmo pedir socorro – recorda minha mãe.

Um desses vultos tinha uma cor preta mais intensa, parecia o mais forte deles. Ele veio de longe, aproximando-se aos poucos. Novamente, eu me vi saindo do corpo.

– Mãe, mãe, mãe! Ele vai me levar, mãe! A morte vai me levar! Mãe!

Passei a ouvir gritos de diferentes tons de voz e volume e sofri uma terrível sensação de medo.

Foi quando os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus passaram a fazer as primeiras visitas na UTI a pedido do meu primo Pablo de Freitas, membro da Igreja desde 2010, depois de uma longa vida na criminalidade. Minha mãe também é frequentadora da Universal, levada por minha avó Madalena de Faveri, já falecida. Os primeiros passos no caminho dessa crença foram dados por ela quando eu ainda era recém-nascida. Ainda bebê, fui apresentada no Altar da Igreja no Rio Grande do Sul. Ao saber do meu estado de saúde delicado, meu primo decidiu nos socorrer espiritualmente. Com frequência, levava mensagens de fé e esperança para minha mãe. Repetia ser possível já me ver curada e cheia de saúde.

Desde que assumiu uma nova vida, Pablo, hoje com trinta anos, tornou-se um homem de convicções. Crescemos juntos em uma região pobre e violenta do município gaúcho de Alvorada, onde, logo jovem, se tornou especialista em golpes a bancos. Ou seja, desviava dinheiro de contas

bancárias pela internet utilizando cartões clonados.

Carros, roupas, armas, viagens, mulheres e bebedeiras passaram a ser parte da vida de ostentação do meu primo. Com o dinheiro sujo, chegou a faturar mais de dez mil reais por semana. Na virada de 2005 para 2006, a casa da família dele foi invadida por criminosos armados. O grupo estava atrás do dinheiro acumulado com os golpes aos bancos.

Extremamente violentos, os ladrões espancaram meus tios e minha prima, já que Pablo não foi encontrado pela quadrilha. Com o sentimento de culpa pela crueldade sofrida por sua família, meu primo mergulhou nas drogas até se transformar em traficante.

Apesar de muito mais arriscado do que os golpes bancários, o tráfico de drogas começou a dar lucro e Pablo virou alvo de policiais corruptos, que queriam extorquir seu dinheiro. Em dezembro de 2007, levou seis tiros em uma emboscada: cinco no peito e um no rosto.

– Tentei ser feliz no mundo do crime, mas não teve como.

Uma hora, a conta chegou – atesta meu primo.

Ainda baleado, começou a cuspir os dentes estraçalhados pelo ferimento na boca. Sua língua também foi dilacerada e um dos tiros atravessou um de seus pulmões. Ele sobreviveu graças a um milagre.

O susto não provocou sua mudança de imediato. Até quando Pablo, ainda no tráfico de drogas, montou um esquema criminoso errado que resultou na injusta prisão do seu próprio pai, meu tio Davi. Com remorso pela prisão do pai, que sempre ganhou a vida como ourives, ele decidiu abandonar o crime e se voltar para a fé.

– Não conseguia dormir à noite havia três anos. Foi dentro da Igreja que descobri o que é paz e comecei a perceber que os trabalhadores também podem vencer com uma vida de honestidade. Eu acreditei em mim e, sobretudo, em Deus e mudei de uma vez por todas – afirma, com a mesma convicção com que falava à minha mãe nos meus dias de internação.

A fé viva que resgatou meu primo do crime poderia me salvar do coma. Juntos, ele, minha mãe e os pastores se uniram em correntes de oração por minha saúde. Mesmo as notícias ruins não os abatiam. Eu passei por rejeição a medicamentos, ganho e perda de peso excessivos, transfusões de sangue, febres intensas, crises respiratórias, infecções e inflamações graves, ameaças de falência múltipla dos órgãos. Mas nada abalava a crença absoluta de todos eles durante o meu período como paciente na UTI.

Os momentos de coma também me fizeram enxergar um mundo espiritual até então desconhecido. Afinal, o que existe depois que a vida acaba? Para mim, a morte sempre significou o fim de tudo. Minha mente nunca aceitou a possibilidade de eternidade com ou sem Deus. Mas a

jornada fora do meu corpo me provou que a nossa alma é eterna e cada um, aqui e agora, decide o destino dela. Não tenho dúvida sobre isso.

Conversei com médicos e especialistas para achar uma explicação científica para o que aconteceu comigo. Queria saber se tudo podia ser uma ilusão produzida de alguma maneira pelo meu cérebro. Ouvi neurocientistas e psiquiatras e cheguei à conclusão de que não há como compreender. Não foi uma alucinação, não foi um sonho. Entendi que a ciência ainda não tem respostas conclusivas sobre experiências como as que eu vivi.

Soube de um famoso neurocientista da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, chamado Eben Alexander, que teve uma passagem parecida com a minha após ficar sete dias em coma ao ter uma meningite devastadora. A doença foi provocada por uma bactéria que atacou o seu cérebro. Segundo o próprio médico conta, toda a parte do seu crânio que nos dá consciência, pensamentos, memória e entendimento não estava funcionando e ele tinha poucas chances de vida. Ainda assim, viu cenas que vão além do corpo e além deste mundo enquanto estava desacordado. Sobreviveu sem sequelas após uma semana. Depois de passar a vida inteira como ateu, o médico que estuda o cérebro decidiu acreditar na existência de Deus.

Como ele, eu também afirmo: há, sim, vida após a morte.



VICIADA EM PLÁSTICAS: O MALDITO HIDROGEL



No hospital, eu permanecia como paciente terminal. Sedada, na UTI, necessitava da ajuda de aparelhos para respirar. A batalha dos médicos era para controlar a infecção generalizada e, ao mesmo tempo, combater a bactéria alojada na minha perna através dos buracos feitos para a extração do hidrogel.

O hidrogel foi um maldito pesadelo na minha vida, um mero resultado de tantas insanidades cometidas na construção de um ilusório corpo ideal. Uma estúpida vaidade que quase me custou a vida. Na verdade, mais um sintoma do meu incontrolável vício em cirurgias plásticas.

Nunca, nada me deixava satisfeita com o meu corpo. Ora mais magra, ora menos magra. Ora mais acinturada, ora menos acinturada. Ora as pernas me importunavam, ora os braços me importunavam. Ora a boca, ora o nariz. Sempre faltava algo. Decidia operar como se fosse trocar de roupa ou ir ao supermercado. Eu alimentava uma incessante busca pela perfeição, mas, em vez de fazer o meu corpo ficar mais bonito, acabei por deformá-lo.

Eu nunca pensei duas vezes sobre entrar na faca. Quando as pessoas me avisavam sobre os perigos das cirurgias, eu só pensava que resolveria o problema se ele aparecesse. Foi assim que decidi fazer a aplicação de hidrogel, em meados de 2009. Era uma clínica clandestina na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Eu cheguei no final da manhã para uma consulta rápida e, como sempre agia, não fiz muitos questionamentos. Não imaginava que poderia me trazer algum tipo de complicação.

– Doutor, todas as minhas amigas dizem que o hidrogel resolve de uma vez. Eu quero coxas grossas, bem grossas. Quero dormir com coxas finas e acordar com dois supercoxões – afirmei, sem me importar com a qualidade da clínica e do médico e a segurança do novo procedimento da moda.

– Tudo bem, Andressa. Quantos mililitros você quer? – perguntou o cirurgião, diante do meu desdém com os cuidados para com a operação médica.

– Eu quero bem grossa, bem grande. Coxas grandes, doutor!

– Dá para colocar uns quatrocentos mililitros em cada perna, abrangendo também a região das nádegas.

– Então coloca!

– E tem uma vantagem: não deixa cicatrizes. O resultado é imediato.

– Ótimo, doutor. Quero colocar hoje ainda.

Assim mesmo: tudo foi decidido em uma conversa inconsequente de poucos minutos. Paguei vinte mil reais à vista e, sem me submeter a nenhum exame prévio, operei no mesmo dia na mesma clínica clandestina onde realizei a consulta. Recebi anestesia geral e, após quatro horas, acordei com duas coxas enormes. Na hora de dar alta, um médico auxiliar me passou algumas recomendações finais:

– Olha, Andressa, o hidrogel é excelente. Não há contraindicação e, em um ano, seu corpo vai absorver tudo. Você vai ficar linda!

Deixei a clínica usando apenas uma meia-calça de compressão. E com uma bomba-relógio de quatrocentos mililitros em cada perna.

– O hidrogel é um produto químico composto por gel, que caiu em desuso para cirurgia plástica justamente por ter trazido inúmeros problemas. Além do uso incorreto da quantidade do produto, um dos riscos também pode estar associado à sua aplicação. Pode provocar deformidades irreversíveis – esclarece o médico Luis Henrique Ishida, diretor da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Eu não me importava com nada. Menos de um ano depois de colocar o hidrogel, empolgada pelos primeiros resultados no meu corpo, decidi dar uma nova "turbinada" com outra cirurgia da moda: a aplicação do PMMA, mais conhecida como bioplastia. Operei novamente minhas coxas, dessa vez em uma clínica de Porto Alegre, apenas com anestesia local. Paguei dezoito mil reais pelo produto nas nádegas e mais quarenta mil reais para as pernas.

– É uma substância injetável originalmente empregada na fabricação de próteses ortopédicas. Diferente do hidrogel, o PMMA é definitivo e jamais absorvido pelo corpo. Ele também é um gel pastoso antes da aplicação. Uma vez injetado, endurece dentro dos músculos e passa a ser uma espécie de cimento, sem qualquer chance de remoção da região onde foi aplicado – detalha o médico Ishida.

A aplicação do hidrogel foi muito dolorida, mas o PMMA superou esse trauma. Vomitei de tantas dores durante o procedimento pós-operatório.

Outra bomba-relógio em cada uma das minhas pernas.

E elas explodiram no início de 2014, quando comecei a sentir crises abomináveis de dor durante os treinos da academia ou quando fazia um esforço maior com as pernas. Fui obrigada a iniciar um tratamento para retirar os produtos do meu corpo sem prever que, pouco tempo depois, quase me levariam à morte.

Quando fui internada na UTI do Hospital Conceição, com a bactéria já incubada em minha perna, estava prestes a realizar a quarta sessão para retirada do hidrogel. Eram procedimentos parecidos com uma lipoaspiração

de gordura.

– Imagine uma esponja mergulhada em um balde com água. Levante essa esponja. O que acontece? A água escorre toda para a parte de baixo da esponja. Foi isso o que aconteceu com o hidrogel utilizado pela Andressa. Ele escorreu para a parte baixa das coxas dela – explica o cirurgião plástico Júlio Vedovato.

Em dezembro de 2014, no mesmo período em que eu, no coma, lutava pela vida, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica emitiu um comunicado oficial condenando, de uma vez por todas, o uso do hidrogel e do PMMA no Brasil:

> *"Tendo em vista a gravidade dos últimos acontecimentos envolvendo o uso indiscriminado do produto hidrogel, vimos informar que nossa entidade não recomenda o uso deste produto em procedimentos estéticos, ainda que a Anvisa admita sua utilização até o limite de cinquenta centímetros cúbicos, em quaisquer que sejam as regiões anatômicas.*
>
> *Por tratar-se de material (produzido em laboratório da Ucrânia) cujos estudos científicos a longo prazo são inconclusivos, entendemos que, à semelhança do que ocorre com o PMMA (metacryl, bioplastia), sua utilização deve ser restrita a procedimentos considerados reparadores.*
>
> *Alertamos que, segundo nos informa o site da Anvisa, a licença de comercialização do hidrogel está vencida desde o dia 29 de dezembro de 2013, o que faz o seu uso um ato de contravenção sujeito a penalidades".*

Meu histórico com as plásticas é longo. Fiz loucuras de que me arrependo. Mergulhei fundo nesse universo de transformações irracionais do corpo.

Sempre sonhei ser como a boneca Barbie, mas acabei apelidada de Wolverine por meu cirurgião plástico. Wolverine é um herói de histórias em quadrinhos e de filmes conhecido por se curar instantaneamente de ferimentos e carregar inúmeras cicatrizes.

Adorava me transformar, ser quem eu quisesse ser. Eu me viciei em cirurgias plásticas. Não havia limites. A sequência insana de operações a que me submeti, em um curtíssimo espaço de tempo, prova a minha obsessão.

Escolhi expor essa vergonhosa atitude para comprovar a minha doença, hoje, para mim, motivada por sérios problemas espirituais originados no meu interior.

A sucessão de cirurgias, com a minha idade e o ano em que foram realizadas, assusta:

1. 2008 . 20 ANOS

PRIMEIRA PRÓTESE MAMÁRIA

Implantei trezentos e quinze mililitros de silicone em cada mama alguns anos depois de amamentar meu filho. Juntei dinheiro e paguei em várias prestações. Era uma operação comum entre as mulheres. A vaidade ainda não tinha virado patologia.

2. 2009 . 21 ANOS

RINOPLASTIA

Mudei o formato do nariz em uma das cirurgias mais agressivas ao meu corpo. Eu tinha o dito "nariz de bruxa", todos me chamavam de "narigudinha", o que me causava tristeza e raiva. O médico foi obrigado a quebrar o osso para tirar uma espécie de caroço. Eu fiquei com o rosto cheio de hematomas roxos, olhos e boca inchados por várias semanas, sem conseguir me alimentar direito.

3. 2009 . 21 ANOS

PRIMEIRA LIPOASPIRAÇÃO NA BARRIGA

Reduzi as medidas da cintura com a lipoescultura, tratamento que era tendência naquele tempo. Também coloquei gordura no bumbum. Eu tinha de ser musculosa, com curvas bem definidas.

4. 2009 . 21 ANOS

SEGUNDA PRÓTESE MAMÁRIA

Implantei quinhentos e vinte e cinco mililitros de silicone em cada mama para aumentar o volume dos meus seios. O objetivo era chamar a atenção, ser a mulher mais linda e perfeita entre todas aquelas que conviviam comigo. Ninguém poderia me superar. Minha mente tinha essa fixação.

5. 2009 . 21 ANOS

APLICAÇÃO DE HIDROGEL

Foi a cirurgia que me levou à batalha entre a vida e a morte. Sempre achei que as pernas e o bumbum torneados das mulheres seduziam qualquer homem. Foram quatrocentos mililitros nas coxas, quantidade duzentas vezes maior do que a aprovada pela Anvisa, a Agência Nacional da Vigilância Sanitária. O órgão que controla o uso de medicamentos no Brasil recomendava o uso entre um mililitro e cinquenta mililitros, de acordo com a indicação clínica.

6. 2010 . 22 ANOS

PRIMEIRA APLICAÇÃO DE PMMA

Foram oitenta mililitros em cada coxa menos de um ano depois de injetar o hidrogel. O produto, também conhecido nas clínicas como bioplastia, era outra novidade no mercado de plásticas. Não conhecia os riscos, mas ainda assim paguei pelas operações em um voo cego e mortal.

7 E 8. 2010 . 22 ANOS

DOIS ENXERTOS SEGUIDOS NA BOCA

Fiz essas operações na face seguidamente, no intervalo de algumas semanas. Retirei gordura do joelho e coloquei nos lábios. Cada cirurgia era motivo de notícia em busca de mais fama. Sonhava ter a boca carnuda como a das atrizes de Hollywood.

9. 2010 . 22 ANOS

SEGUNDA APLICAÇÃO DE PMMA

Outra bioplastia, dessa vez na panturrilha. Eu continuava me considerando feia. Na minha cabeça, a parte inferior das minhas pernas era fina demais. Meu corpo precisava ser um produto bem embalado.

10. 2010 . 22 ANOS

TERCEIRA APLICAÇÃO DE PMMA

Nova bioplastia no maxilar para deixar meu rosto mais fino. De uma hora para outra, o molde do meu queixo também passou a me incomodar.

11. 2010 . 22 ANOS

QUARTA APLICAÇÃO DE PMMA

Para dar o efeito de afinamento da face, também fiz a bioplastia na maçã do rosto. Mesmo com o uso de anestesia, as dores eram insuportáveis, mas não conseguiam me frear.

12. 2010 . 22 ANOS

QUINTA APLICAÇÃO DE PMMA

Nova bioplastia na região posterior da coxa. Buscava pernas ainda mais grossas e um bumbum ainda maior. Para mim, isso era sinônimo de sedução. Um corpo perfeito me abriria portas no mundo dos famosos.

13. 2011 . 23 ANOS

SEGUNDA LIPOASPIRAÇÃO NA BARRIGA

Com os treinos na academia, ganhei massa muscular. Achei que era necessário perder mais cintura para seguir a moda da barriga tanquinho. Já estava com o corpo "plastificado".

14. 2012 . 24 ANOS

CIRURGIA ÍNTIMA

O uso excessivo de anabolizantes mudou meu tom de voz e provocou alterações em minhas partes íntimas. Fiz questão de divulgar isso em rede nacional durante um *reality show* da televisão brasileira. O que para a maioria das mulheres era motivo de silêncio e constrangimento, para mim foi uma forma de promoção pessoal.

No total, foram quatorze cirurgias em menos de quatro anos. Em média, uma a cada três meses e meio. Gastei mais de um milhão de reais em intervenções, clínicas e tratamentos pré e pós-operatórios. Eu não conseguia enxergar a loucura dos meus atos.

Nada me segurava. Já no período de extração do hidrogel, em meio a tantos acessos de dores, acordei depois de uma operação decidida a realizar mais duas novas cirurgias plásticas: cortar os dedos dos pés para calçar um número menor e retirar uma costela de cada lado para ter a cintura mais fina. Meu cirurgião se negou a fazer.



ACORDA, ANDRESSA!



O vício desenfreado pelas plásticas me custou um preço alto. E eu o estava pagando internada, durante semanas, em coma na UTI. Em uma das cirurgias mais decisivas, os médicos discutiam qual seria a melhor maneira de abrir os pontos nas minhas pernas, onde residia a infecção que ameaçava minha vida.

O procedimento usual seria um corte do osso do fêmur até o joelho. Seria uma abertura bem grande para atingir a área infeccionada, mas deixaria um rasgo na minha perna. Para preservar minha estética, já que sempre trabalhei com o uso do corpo, os cirurgiões adotaram outra estratégia. Os cortes seguiriam os contornos de uma das minhas maiores tatuagens, um enorme desenho tribal com sete trevos de quatro folhas, que tenho na coxa esquerda.

– Usei o perímetro da tatuagem para abrir os cortes. Foi a primeira vez que tive essa ideia para guiar meu bisturi. Quando fui fechar os cortes, também usei os contornos da marca para saber onde tinha que costurar certinho – conta o médico Pedro Martins, chefe das cirurgias mais difíceis na UTI do Hospital Conceição.

Ao fazer a primeira incisão, a equipe médica teve uma boa surpresa: não havia mais pus no local da infecção, apenas um pouco de hidrogel. O tecido da minha coxa também não estava morto. Caso minha pele ou os músculos se encontrassem escurecidos, o médico seria obrigado a fazer uma espécie de escavação no meu corpo para retirar o tecido até chegar ao osso.

No passo seguinte à operação, os médicos lavaram cirurgicamente minhas pernas por dentro. Para esse procedimento de limpeza, toda a pele, a gordura e os músculos foram descolados e escovados. A operação durou cerca de uma hora.

Eu permanecia desacordada, em coma profundo, com a minha vida em risco. Quando souberam da piora do meu estado, meu primo, minha mãe e os pastores da Igreja Universal se uniram em oração. Era o início de uma imensa corrente de fé que salvaria a minha vida.

Foram usados vários litros de soro para lavar as cavidades das minhas pernas, despejados com uma seringa e retirados com um aspirador cirúrgico. Essa lavagem retirou a bactéria. Não fosse por essa ação direta, apenas os antibióticos não teriam dado fim à infecção no meu corpo.

Ao deixar a mesa de cirurgia, parecia que eu ia sobreviver. Essa era a sensação de toda a equipe médica e dos meus familiares e amigos. Os cortes abertos nas minhas pernas deixaram grandes buracos, como mostram algumas fotos tiradas no hospital semanas após essa operação.

Dias depois, ainda na UTI, outro sinal positivo: eu havia começado a urinar e estava com a pressão sanguínea estabilizada, já sem a ajuda dos vasopressores, drogas usadas para elevar a pressão de pacientes em estado grave. Essa evolução rápida fez com que os médicos voltassem a examinar os cortes nas minhas pernas. Nada fora do esperado foi encontrado. Pelo contrário, a vermelhidão e o inchaço no corpo haviam diminuído de forma substancial.

O tempo passou e, ainda apagada, eu fui me recuperando gradualmente.

Na manhã de 4 de dezembro de 2014, eu acordei.

De uma hora para outra, eu puxei o ar. Um suspiro forte com imensa dificuldade. Não conseguia respirar direito. Onde estaria o oxigênio? Não sabia mais inspirar e expirar. Parecia um grave pico de crise asmática.

Eu abri os olhos.

– Acorda, Andressa! Acorda, Andressa! – repetia uma das enfermeiras.

Ainda sedada, vi as primeiras imagens do quarto onde vivi dias de coma. A enfermeira mexia no meu aparelho respirador e nas minhas sondas por onde injetavam o medicamento. O sono era grande.

– Vocês são anjos. Anjos que estão salvando a minha vida – balbuciei.

Nunca tinha visto aquela mulher na vida, mas nutria uma profunda percepção de felicidade.

– Sempre encontrava algumas colegas de trabalho pelos corredores do hospital que riam da Andressa. Algumas diziam: “cuidado para ela não te bater ou cuspir no seu rosto”. Eu brigava com elas e dizia que Andressa também merecia uma segunda chance – recorda Deise Ourique, técnica em enfermagem que me acompanhou o maior tempo na UTI.

Foi ela quem cuidou da minha aparência durante o mês em que vivi internada. Penteava meus cabelos e fazia minha maquiagem como uma técnica para recuperação da minha saúde. Foi ela também que, dias mais tarde, me acalmou quando, ao me movimentar na cama, coloquei sem querer a mão dentro de um dos buracos abertos na minha perna. Eu entrei em desespero e chorei bastante. Ainda recém-saída do coma, horas depois de despertar, notei de relance minha mãe, ao fundo, com as mãos sobre o rosto. Os olhos dela pareciam cheios de água. Demonstrava estar emocionada. A imagem permanecia um tanto embaçada.

– Obrigada, Deus. Obrigada. Era a única frase que conseguia repetir ao lado do leito da minha filha – conta minha mãe. Ela e eu não podíamos nos tocar por causa do risco de contaminação, mas, quando já não havia tanto perigo assim, as enfermeiras permitiram uma rápida aproximação.

– Pode abraçar, mãe. Sua filha está viva. Ela conseguiu – afirmou a chefe das enfermeiras.

– Ao olhar para o lado, outras duas ou três enfermeiras da UTI estavam encostadas na parede limpando o choro – revive minha mãe.

Nas primeiras horas em que havia recuperado minha consciência e não sofria tanto com o efeito dos sedativos, mergulhei nos meus pensamentos. Refleti em meu pequeno filho Arthur.

– Estou viva. Consegui... – afirmei para mim mesma, segurando o choro.

Permaneci em silêncio durante horas. Admirava as situações mais simples do quarto do hospital. Ouvia a distância o barulho do aparelho que controla os batimentos do coração. O monitor cardíaco exprimia sons bem ao longe. Observava o remédio pingando na sonda. O entra e sai das enfermeiras. O movimento contido das minhas mãos. Os meus dedos. Sentia o ar. Tinha dificuldade, mas sentia o ar. Minha respiração.

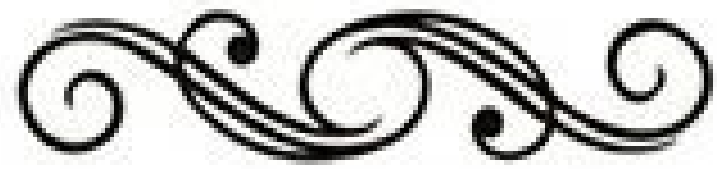
Suspirei.

Chorei muito. E choro agora ao escrever essas memórias. Tudo foi muito difícil para mim. Quando eu me lembro dos detalhes, não resisto às lágrimas. Foi muita dor. No corpo e na alma. O sofrimento maior não foi ver os buracos enormes nas minhas pernas, e sim imaginar o meu destino, caso tivesse morrido.

Voltei do coma convencida de que há, de fato, vida após a morte. E que escolhemos o futuro da nossa eternidade aqui neste mundo.

Eu estava acordada. Sobrevivi a vinte e oito dias em estado grave, três dias de coma profundo, dezoito intervenções cirúrgicas de emergência e a uma infecção generalizada de altíssimo risco. Deus me trouxe de volta à vida. Ele me salvou.

Ele me deu uma segunda chance.



PASSADO REVELADO



UM PEDÓFILO EM CASA



–Eu estou grávido – ele dizia, com uma discreta risada infernal, enquanto levava as mãos em direção ao zíper de sua calça.

– Olha o pezinho do nenê saindo... Dá um beijinho no pezinho do nenê, dá... Faz carinho no nenê, faz... Ele está tão feliz com você...

Eu apenas olhava, assustada. Muda. Ingênua. Indefesa e tomada de pavor, enquanto era forçada a encostar nas partes íntimas daquele homem velho, repugnante e criminoso. Faltam palavras para descrever com exatidão o que sente alguém que sofreu abusos de um pedófilo.

Ele tinha cinquenta e oito anos de idade e eu apenas sete. Barrigudo e fétido, usava sua força para tocar em mim de todas as formas mais brutais e indignas. Ele explorava meu corpo de criança como se fosse uma mulher adulta e não se ressentia da minha dor. Tenho vivas essas memórias. Era evidente que eu sofria e deixava isso claro nas minhas reações, mas, ainda assim, aquele asqueroso pedófilo não teve um instante sequer de compaixão.

Hoje me pergunto com um misto de indignação e desprezo: com tantas mulheres à disposição, muitas lindas e sensuais, como um homem de cinquenta e oito anos desejava ter prazer comigo, uma menina de apenas sete anos? O que o atraía em um corpo franzino, repleto de pureza? O que o atraía em uma criança que só desejava brincar com as amiguinhas e aproveitar a infância? O que ele via em mim? Por que eu, meu Deus?

Agora, compreendo as respostas e sei que não há outra explicação racional a não ser a de que existe, de fato, origem espiritual para tanta maldade. Minhas lembranças são dolorosas demais. Machucam meu interior. Só aceitei escrever isso porque tantas recordações servirão para ajudar quem deseja se reencontrar na vida com o apoio da fé que nos transforma para valer.

Guardo até hoje os detalhes daquelas cenas de horror.

O pedófilo era o avô de criação que tive durante cinco anos da minha infância. Quando eu estava perto de completar três anos, minha mãe se apaixonou por um funcionário de um escritório de arquitetura na pequena cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul, onde vivíamos. Rapidamente decidiu morar com ele. Eu era filha de outro relacionamento da minha mãe, à época com vinte anos.

Enquanto minha mãe trabalhava durante a semana, eu ficava

sozinha com esse avô de criação e sua esposa. A mulher era idônea, dedicada à família e muito amorosa, mas o homem, um ser de mente satânica. Ela era professora aposentada e o marido, um ex-funcionário da prefeitura. Fui criada por esse casal dos três aos oito anos. Ninguém desconfiava que aquele homem, sorridente com os vizinhos e amigos, cometia tamanhas atrocidades às escondidas dentro da sua própria casa.

No início, ele aparentou ser uma pessoa maravilhosa. Fez de tudo para ganhar minha companhia. Presentes, doces, brinquedos e todos os tipos de mimos que o faziam um indivíduo simpático e afetuoso.

Lobo em pele de cordeiro.

Os abusos sempre ocorriam quando estávamos sozinhos no mesmo ambiente. Na hora, eu não sentia nada, apenas medo e muita dor. Às vezes, chegava a chorar, mas meu choro era abafado pelas seguidas ameaças:

– Você não pode falar nada para ninguém, senão eu vou bater na sua mãe, eu vou matá-la. Você não quer que eu machuque sua mamãe, quer?

Oprimida, apenas balançava a cabeça lentamente como sinal negativo.

– Você não quer que eu judie da sua mãe, quer? Então, você vai ser uma menina boazinha e não contar nada para ninguém, não é? Esse vai ser um segredo só nosso.

Eu me calava, estática.

– Está gostoso o carinho? Gostoso, não é? – dizia, enquanto me puxava para o colo dele.

Impossível lembrar essas cenas apavorantes sem sentir meu estômago embrulhado de revolta.

Os atos de pedofilia se acentuaram com o avançar da minha idade. Ele costumava me espiar tomando banho ou quando trocava de roupa. Falava coisas nojentas. Ele sempre arrumava desculpas para me tirar de casa sem ninguém por perto. Assim que me colocava no carro, logo deslizava a mão nas minhas pernas. Chegava a pedir para passear sozinho comigo para abusar de mim com mais liberdade.

Lembro-me de uma tarde em que, risonho, interrompeu as brincadeiras com minha avó de criação e outras crianças da rua se oferecendo para comprar sorvete comigo e visitar o meu avô materno. No caminho, desviou o carro para um matagal em uma estrada de terra da cidade. Segurou minhas mãos, me tirou do carro e me deitou em uma área coberta de grama. Já estava escuro quando ele me assediou lentamente. Ele tocava meus órgãos genitais e meu peito com prazer diabólico. Não tinha nem seios, mas ele corria suas mãos imundas como se tivesse.

Por causa dessa violência, a sexualidade aflorou cedo demais em

mim. Queria brincar de dar beijinho com minhas amiguinhas. Repetia as mesmas atitudes dele com elas: eu tentava tocar as meninas como ele fazia comigo. Minhas bonecas sempre beijavam outras bonecas. Mal sabia explicar direito quanto mais entender a crueldade de tudo aquilo.

É possível imaginar o ódio que tomou conta de mim nos anos seguintes. Atribuía todas as minhas situações ruins e tudo o que dava errado àquele homem. Eu desejava que o linchassem na rua com a mesma barbárie usada para atacar a minha inocência. Foi assim, movida pela fúria, que citei o nome dele durante minha participação no *reality show*

A Fazenda, da TV Record. A sede de vingança me fez contar a verdade dos abusos, ao vivo, para todo o Brasil, com a única intenção de expor o nome dele.

Ainda na cidade de Ijuí, os abusos terminaram somente no dia em que minha avó de criação flagrou seu marido me acariciando em plena sala da casa. Ela havia dormido após o almoço e acordado de repente quando se assustou ao ver o órgão íntimo do homem para fora da calça. Depois de chorar muito, pediu para minha mãe se mudar às pressas para Porto Alegre, onde moravam minha avó e minhas tias.

Já adulta, relembrando o passado, descobri que o mesmo pedófilo também abusou da minha prima, outra criança que visitava aquela família com frequência. Ela passava dias seguidos conosco enquanto minha tia viajava a trabalho. Não vou revelar o nome dela em respeito à sua aflição passada.

Nossa primeira conversa sobre essas feridas expostas me marcou muito. Minha prima me fitou com os olhos marejados e, em uma troca de conforto, nos abraçamos, caladas. Não era preciso dizer nada. A humilhação e tanta destruição interior nos uniram.



Em março de 2015, durante a preparação deste livro, ao revirar caixas com roupas e fotos de infância, surpreendentemente minha mãe encontrou meus cinco diários escritos no início da minha adolescência. São um registro vivo daquele período de atrocidades.

Não tinha recordações exatas dessa agenda do terror. O trecho com detalhes do assédio está rabiscado de caneta, mas ainda é possível ler o que vivi. Eu só revelei os abusos à minha mãe quando completei vinte e dois anos. O texto, na sua forma original, com erros de ortografia, é transcrito a seguir:

"(...) jamais contei isso a ninguém nesse mundo e espero que a minha mãe não pegue esta agenda pois á coisas escritas que jamais foram ditas a ninguém! Eu me lembro como se fosse ontem eu tinha quase... anos e ele sempre foi tarado… e tinha nojo… colocava as mãos em meu órgão genital… e tivesse contato físico… porque isso me traumatizou profundamente... eu não podia contar a ninguém… eu ficava com medo não entendia nada do que estava... e isso aconteceu até os oito anos de idade e foi quando fui embora"

Hoje, aprendi o valor de vencer o passado para estar próxima de Deus e ser feliz no presente e no futuro. Após minha decisão de aceitar a fé verdadeira, tenho apenas uma palavra para dizer ao pedófilo que destruiu meus sonhos de criança e, ao longo dos meus vinte e sete anos, me imputou uma vida de complexos e dores: eu o perdoo. Confesso que não é uma missão fácil, mas tenho feito orações em favor dele e de sua família, em prol da saúde e da felicidade deles, citando o nome de cada um, dia após dia.

Eu o perdoo. Sim, eu o perdoo.



ABRAÇA SEU PAI



Minha família sempre foi arruinada. Meu pai me rejeitou no dia em que cheguei ao mundo, no início da tarde do domingo, dia 11 de outubro de 1987.

– Sim, é ela. Andressa de Faveri Urach. Esse é o bebê do senhor – afirmou a enfermeira do Hospital de Caridade de Ijuí, cidade gaúcha onde nasci.

– Nossa! Como ela é escurinha... – exclamou, sem pudor, meu pai, que, desde o início da gestação, desconfiava não ser o verdadeiro genitor.

A família Urach no Rio Grande do Sul reúne, em sua maioria, descendentes de alemães, quase todos com olhos azuis ou verdes e cabelos alvos de tão loiros. Meu pai não aceitava a ideia de ter gerado uma criança sem esses traços típicos do sul, embora minha mãe carregasse outras características físicas.

– Não. Ela não é minha filha. Não, não pode ser – sentenciou para minha mãe, irado.

E se negou a me registrar.

Essa rejeição no ato do meu nascimento, na verdade, foi o desfecho de um percurso de conflitos. Meu pai era de uma família rica com muitas terras e plantações de arroz e, sempre que seu carro quebrava, frequentava a oficina mecânica do meu avô, onde conheceu minha mãe, no pequeno município de Bossoroca, vizinho a Ijuí. Ela estava com apenas quatorze anos e ele vinte e sete quando namoraram e minha mãe acabou engravidando.

A gravidez foi acentuada por brigas e traições cada vez mais fora de controle.

Minha certidão de nascimento carregava um espaço em branco no campo da filiação. Um vazio no nome do pai. Um vazio no meu interior até os nove anos. Eu não o conheci durante toda essa fase, mesmo sofrendo demais com a sua ausência. Quando perguntava por ele, minha mãe apenas respondia que morava no interior, e fim.

Não havia diálogo. E isso me fez crescer uma menina solitária, carente e, claro, cheia de rebeldias, ainda mais aguçadas pelos abusos sexuais. Namoros precoces, tentativas de fuga, comportamento agressivo e o vício se tornaram minhas regras de conduta. A resposta da minha mãe, ainda muito jovem, sozinha, sem experiência e paciência nenhuma, obrigada a

educar uma criança, era uma só: surras. Apanhar passou a ser o lema de casa. Comecei a fumar com incríveis onze anos. Mal conseguia tragar a fumaça do cigarro, tossia como uma moribunda, mas fazia pompa de uma adulta cheia de si, metida a me achar uma supermulher. Quando penso nessa idade tão prematura para o tabaco, sinto vexame. Como pode uma criança colocar um cigarro na boca? Como fui capaz de fazer tanto mal para o meu próprio corpo tão cedo?

Não nutria prazer pelo fumo, mas queria demonstrar meu aborrecimento e ódio pela vida. Queria desrespeitar os bons costumes. Queria afrontar os valores justos e corretos. Queria desafiar minha mãe. Queria a insubordinação. Queria o mal.

Eu fumava constantemente às escondidas na saída da escola. Foram meses e meses em que matava aula ou atrasava minha chegada em casa para sustentar aquele início de vício. Com o dinheiro do lanche, separado por minha mãe com muito suor, pagava um ou dois maços de cigarro, claro, sempre do mais barato e da pior qualidade, se é que existe algum de qualidade. Já morávamos em Porto Alegre, em um período de muita pobreza, de favor, nos fundos da casa de um dos nossos parentes.

Para ocultar os maços, embrulhava o material escolar em um papel de presente e o guardava no fundo da penteadeira do nosso único quarto. Um dia, ao chegar do colégio, deixei escapar dois cigarros no chão sem querer, bem no corredor do quintal. Minha mãe chegava poucas horas depois de mim. Naquele início de noite, ela parou alguns instantes na porta de casa e ficou olhando para o chão. Não entendi o movimento dela. Eu lavava a louça de casa cantarolando uma música.

– Andressa! Andressa! Cadê você? – gritou, do lado de fora da cozinha, já com a voz transtornada.

Ao esticar o pescoço pela janela, vi minha mãe recolhendo do chão o segundo cigarro. Fechei os olhos. Franzi a testa. Gelei na hora.

– Andressa, você está fumando? – berrou, batendo a porta. Fiquei sem me mexer.

– Você quer se matar, menina? E quer me matar também? O que você está fazendo da sua vida? – continuava gritando, pisando firme em direção ao quarto.

Ao abrir o guarda-roupa, possessa, começou a jogar tudo no chão. Logo deduzi: “Ela vai achar meu maço de cigarros. Estou perdida!”. E foi o que aconteceu ao lançar para o alto tudo o que tinha na gaveta da penteadeira.

– Eu não acredito nisso! O que é isso, menina? O que é isso, sua safada? – bradou, esmagando o maço, correndo na minha direção.

Em um relance, ela me puxou pelos cabelos, me derrubou e me bateu de todos os modos imagináveis. Socos de mão fechada, chutes, beliscões, puxões de cabelo, empurrões. Ela havia enlouquecido àquela altura. A surra não parava. Eu gritava e chorava ao mesmo tempo com a agressividade das pancadas. Comecei a tossir e sangrar com alguns cortes e, ainda assim, a violência não parava. Até que a vizinha do quintal, assustada com a gritaria, invadiu a casa e segurou minha mãe com ímpeto:

– Calma, Marisete! Calma! Você vai matar a menina!

Calma, Marisete!

– Eu não te quero! Nunca mais eu te quero! Não quero mais saber de ti! Some da minha vida! Vou te dar para o seu pai! Não quero te ver nunca mais! Sua ingrata! – prosseguiam os berros.

Eu me mantinha no chão, encolhida, atordoada e cheia de ferimentos. Fiquei nessa posição por longos minutos. Tudo girava. Ao passar o ataque de fúria, comecei a juntar minhas roupas, tomada de curativos.

– Amanhã cedo você vai embora ficar com seu pai de uma vez por todas. Está decidido. Eu não sou feliz por sua causa – afirmou, me encarando com raiva.

E me deixou sozinha, trancada no quarto.

No dia seguinte, partimos para uma viagem desoladora rumo a Bossoroca, onde meu pai permanecia desde que teve um romance-relâmpago com minha mãe. Dentro do ônibus, a tristeza dividia espaço com a expectativa de conhecer o homem que, enfim, poderia me dar o afeto e o aconchego de pai.

No meu íntimo, havia esperança de pôr um fim à culpa e às aflições que me corroíam. Da janela, enquanto avistava o vaivém dos carros e as árvores passando em velocidade, eu me perguntava: afinal, por que ele nunca quis me conhecer? Por qual motivo ele havia me rejeitado? O que eu havia feito? Qual era a minha transgressão?

Ao chegar na casa de um tio, ainda desconhecido para mim, minha mãe foi seca:

– Eu vim trazer a Andressa. Seu irmão precisa ficar com ela. Eu não sei mais o que fazer para essa menina tomar jeito.

Meu tio só me espiou. Pegou a moto e pediu para segurar firme na cintura dele. Sozinhos, deixamos a cidade rumo a uma região rural, afastada do centro do minúsculo município. Era um acampamento no meio de um matagal. As barracas estavam montadas, mas não havia ninguém por perto. O sol estava a pino.

Era possível ouvir, bem ao longe, o barulho de árvores caindo. Andamos alguns minutos mata adentro quando avistei um homem, sem

camisa, sujo de terra, sentado no tronco de uma árvore. Ele parou de tomar o chimarrão e se aproximou lentamente:

– Quem tu trouxe? Quem é a guria? – quis saber, em um tom de voz gelado.

– Vim trazer a filha da Marisete. Ela quer te conhecer – respondeu meu tio.

Ele me olhou, já próximo de mim, alto, com olhos verdes típicos do povo dos pampas e falou sem rodeios:

– Oi, minha filha, tudo bem contigo? Sou teu pai... abraça teu pai.

Eu não falei nada. Só observei ao redor. Conversamos alguns minutos, mas logo sua atenção se restringiu ao meu tio e aos demais companheiros de roça, que dividiam o serviço na mata. Fiquei um tanto esquecida até que ele me chamou de canto para dar um presente. Um certo valor em dinheiro, que usei para comprar uma boneca, brinquedo raro na minha infância. Partimos pouco tempo depois na moto. Apenas eu e o meu tio.

Voltei no mesmo dia para Porto Alegre acompanhada de minha mãe, amarga, por não ter convencido meu pai a ficar comigo. Tempos mais tarde, entendi que o objetivo real dela era mais me aplicar um susto do que necessariamente abrir mão da minha criação.

Eu continuei fumando às escondidas por toda a minha juventude e, nos anos seguintes, até a minha internação no coma.



ROSTO RASGADO



A rejeição do meu pai e a educação truculenta da minha mãe acarretaram dificuldades para me aceitar como eu era, mas, sobretudo, de forma incomparável, os abusos sofridos quando criança me transformaram em uma adolescente revoltada com tudo e com todos.

A rebelião começava com a minha própria imagem. Desde nova, sempre fui bem magra, morena, cabelos escuros e lisos. As fotos daquele período mostram bem como eram meus traços e como me transformei com o passar do tempo. Eu não tinha paz comigo mesma, trauma insuperável ao longo da vida. As perguntas ecoavam na minha mente ao passar horas olhando meu reflexo no espelho da cômoda do quarto, morando em Porto Alegre.

Por que sou feia assim? Por que meu corpo é torto e defeituoso? Por que meu cabelo não presta? Por que sou morena demais? Por que sou magrinha demais? Por que não sou como a boneca Barbie? Por isso, minha mãe só briga comigo e não me ama. Por isso, meu pai não me quer. Por isso, sou desejada unicamente por um velho imundo aliciador de menores.

Por que o mundo é tão ruim comigo? Por quê? Por quê? Por quê?

Minha adolescência foi uma perturbadora fase de não aceitação da minha imagem. Pintei o cabelo de diversas cores, as mais incomuns e improváveis, para chamar a atenção. A primeira coloração foi preto azulado. Um susto para todos que conviviam comigo ou me conheciam de vista. Depois, vermelho escarlate. Passei a descolorir, cortar bem curto e tingir de branco. Em seguida, pintei de rosa, verde, laranja e azul. Mudava a cor do cabelo em um curto espaço de tempo.

– Como ela não tinha dinheiro para comprar tinta, usava papel crepom para o tingimento. Era uma vontade louca de mudar a aparência o tempo todo – recorda Lurdes Souza Silva, cinquenta e sete anos, uma das vizinhas que conviveu com a minha família no bairro da Alvorada, na capital gaúcha.

Usava maquiagem da minha mãe às escondidas, sempre para produzir um visual excêntrico. Pinturas dramáticas, batons e sombras com cores vibrantes, olhos fortemente realçados, bem melancólicos, para combinar com os cabelos totalmente pretos ou supercoloridos e a franja caída. O olho preto esfumado era minha marca. Como não tinha muito seio,

por baixo do uniforme escolar, vestia como sutiã um biquíni de bojo, com meias na parte interna, para aumentar o volume do peito.

Também agredi meu rosto ao usar até três piercings de uma vez. O primeiro, eu coloquei aos doze anos. Como não tinha dinheiro para furar minha pele, agi sozinha.

Ao chegar do colégio, parti para frente do espelho com álcool, um punhado de algodão e uma agulha de costura. Rasguei meu rosto a sangue-frio, sem nenhum método de esterilização. Depois de conter um leve sangramento, saí de casa com um brinco de argola com tarraxa na sobrancelha esquerda.

A atitude me fascinou. Eu queria mais. Virei o foco das atenções entre os meus colegas e professores.

– A Andressa sempre foi uma aluna inquieta, questionadora, dentro da sala de aula, e vejo que ela levou essa característica para a vida – ressalta Angélica Fontoura, minha professora de história na Escola Estadual Presidente João Belchior Marques Goulart, o Colégio Jango, no bairro da Alvorada.

Após uma semana, a pele do meu rosto rasgou, o que me obrigou a ir ao hospital para levar pontos na sobrancelha. Mas isso não me fez desistir, pelo contrário. Aos treze anos, usava dois piercings na parte de cima dos olhos e um no nariz. Todos furados por mim, sozinha, diante do espelho. Tenho essas marcas até hoje.

– A Andressa era uma pessoa de extremos. Nunca mediu esforços para fazer o que queria, principalmente o que era errado – revela minha prima Paula de Oliveira, uma das melhores amigas naquela época.

Minha mãe praticamente havia perdido o controle sobre mim. Sem o menor ressentimento, eu pulava o muro da escola para fumar com as amigas mais velhas. Bebida alcoólica era algo rotineiro. Até que, ainda aos treze anos, descobri a maconha.

– Tenho um negócio mais forte hoje. Só para você, Andressa, mas não está aqui comigo – declarou um dos garotos, de cabelo moicano.

– Passa aí. Eu quero – falei, sem titubear.

Ele me levou até uma quadra de basquete onde um rapaz vendia drogas em plena luz do dia, enquanto fingia assistir ao jogo na mureta. Ao abrir o embrulho, me mostrou parte de um tablete de maconha.

– Aí, Andressa... Quando você precisar é com esse rapaz aqui. Você pode falar com ele.

Ali, na mureta mesmo, me ensinou a esmagar e enrolar a erva em um pedaço de papel. Cuspiu, apertou as duas pontas e me entregou.

– Esse negócio aqui dá uma brisa boa, né?

Depois de algumas horas, eu parecia estar nas nuvens, flutuando, leve e solta. Ria demais por qualquer coisa. Embriagada, parecia sentir uma alegria incomum e logo pensei que a felicidade poderia existir, sim. Tinha vontade de fugir de casa, sumir, quebrar tudo, mas lá parecia me sentir anestesiada.

Ao voltar da escola, com os olhos avermelhados, temi ser descoberta por minha mãe. Não consegui lavar a louça naquela noite. Os desenhos nos azulejos se mexiam, dançavam para mim em círculos. Tomei uma série de remédios para dor de cabeça e apaguei, escapando de uma nova surra.

O visual extravagante de adolescente se tornou ínfimo diante da futura metamorfose do meu corpo com uma cadeia insana de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos em geral. Cigarro e maconha antes dos quinze anos não eram nada perto do que viria pela frente. Estava caminhando para um perigoso mergulho no subterrâneo das drogas.



Nesse mesmo tempo, me apaixonei por um adolescente morador de uma das regiões mais pobres e violentas do meu bairro. A área era dominada pelo tráfico de drogas. Eu sabia dos riscos, mas estava decidida a fugir de casa para morar com ele no meio da criminalidade.

Até então, era virgem, não havia me deitado com nenhum homem e desejava me entregar a ele. Eu procurava o amor sincero, já que carregava as dores dos abusos da infância. Levada por outro impulso de desobediência, vendi meus cartuchos de videogame e juntei alguns trocados, acreditando que poderia botar o pé no mundo, de uma vez por todas. Mas minha mãe descobriu o plano e me bateu por horas seguidas. Acabei entregue novamente para meu pai em Bossoroca, dessa vez para morar em definitivo por lá.

Comemorei o aniversário de quinze anos ao lado do meu pai e do meu irmão, então um garoto de dezesseis anos, filho de outro casamento. Meu pai o obrigava a participar dos bailes da cidade para me proteger, como se fosse um segurança particular. Ao voltar de uma dessas festas, bêbados, dormimos na mesma cama e tivemos relação sexual.

Minha experiência íntima inicial, de fato, aconteceu nesse dia. O primeiro homem da minha vida foi o meu irmão. Tenho vergonha de contar isso. Eu morria de medo do meu pai e sabia, caso descobrisse, que era capaz

de uma loucura para se vingar. Esse episódio se repetiu outras noites até que decidiram me levar de volta a Porto Alegre.

Não era a primeira situação esdrúxula na minha vida sexual quando menina. Ainda mais nova, tive meu primeiro orgasmo com um animal. Isso mesmo: um cachorro lambia minhas partes íntimas e, pasmem, eu sentia prazer. Essa degradante e demoníaca cena acontecia nos momentos em que brincava com uma vizinha de rua, dona de uma criação de cães.

Como mulher, hoje me sinto enojada e muitíssimo humilhada em confessar essas atitudes. Mas, como repito seguidamente, essa é a velha Andressa que já morreu. Meus erros são confessados para eu assumir uma nova vida.



CARTOMANTE



De volta a Porto Alegre, um bate-papo ingênuo com minha prima acendeu uma luz no fim do túnel. Ela me convenceu a conhecer o meu futuro com a interpretação das cartas do baralho e, quem sabe, me apontar um destino diferente em meio àquele turbilhão de infelicidades.

– Você precisa saber o que as cartas dizem a seu respeito. O que o futuro escreveu para você. As cartas podem te dar uma família – sussurrava a cartomante, com voz suave.

Estávamos sentadas embaixo de uma tenda vermelha e branca, em uma mesa de madeira de uma sala reservada. Pedras coloridas e estátuas de bruxas em miniatura decoravam o ambiente. A casa ficava em um dos bairros mais ricos da capital gaúcha.

A promessa mexeu com um sentimento vivo dentro de mim: o sonho de ter uma família de verdade. Enfrentava uma fase de resistências e teimosias, mas, no fundo, carregava a aspiração de conquistar um lar, no sentido mais amplo da expressão. Era um anseio de criança que nunca tive capacidade de realizar.

– Eu quero uma família, senhora. Quero muito, mais do que tudo.

– Preciso ler as cartas. Podemos começar? – perguntou a cartomante.

Após o pagamento, dinheiro surrupiado da minha mãe e da minha tia, a cartomante retirou um baralho enrolado em um pano vermelho e espalhou as cartas pela mesa. Eu olhei tensa e ansiosa para ela, e indaguei:

– Qual é o meu futuro? Por favor, diga o que vai acontecer comigo. Vou ser feliz no amor?

– Andressa, as notícias são boas para você – revelou, antes de silenciar por alguns segundos.

– Você vai se casar cedo e ser muito feliz. Seu sonho de ter um marido ainda jovem vai acontecer.

Eu havia acabado de completar dezesseis anos. Até aquele momento, lutava contra as frustrações da minha juventude, vivia um agitado período de descobertas, dificilmente encontraria uma paixão capaz de me fazer abandonar tudo. Desacreditei daquela previsão.

Seis meses depois, conheci um colega de escola e me apaixonei perdidamente. Ele seria o meu esposo e pai do meu filho. Funcionário do Exército, era um jovem de dezessete anos muito disciplinado e honesto.

Tivemos um romance rápido e não namoramos nem noivamos, simplesmente decidimos partir direto para o casamento. Registramos um termo de união estável no cartório e, em seguida, mudamos para o apartamento dos meus sogros. Em um primeiro momento, os parentes do meu então marido pareciam ser tudo o que eu nunca tive: uma família estruturada.

Minha mãe apoiou a atitude, já que temia me ver grávida de supetão. Comecei a tomar anticoncepcionais aos treze anos, antes de começar a relação que me levaria ao casamento, mas, ainda assim, engravidei cedo. Fui mãe do meu querido e amado Arthur quando estava para completar dezessete anos, no dia 24 de maio de 2005.

A gestação foi marcada por complicações e seguidas ameaças de aborto por causa de uma grave infecção no rim. Compareci ao hospital praticamente semana após semana. Tive internações e resgates de última hora. Por tudo isso, o bebê nasceu prematuro, de oito meses, em um complicado parto induzido.

Por ter nascido fraco, com imunidade baixa, já recém-nascido, aos exatos vinte e nove dias de vida, ele contraiu uma pneumonia que o levou a internação às pressas também no Hospital Conceição, em Porto Alegre, o mesmo onde depois eu passaria os momentos mais difíceis da minha vida em estado de coma.

Meu filho estava internado entre a vida e a morte.



CADÊ MINHA FAMÍLIA?



Arthur precisou passar dez dias hospitalizado. A agonia de uma mãe ao ver o filho recém-nascido em um leito de UTI é impossível de dimensionar. Ter o seu bebê sofrendo, doente, parece infinitamente pior do que você mesma, derrubada, em um hospital. Eu me desesperei, chorei muito, quando vi a cena do Arthur internado.

Os médicos chegaram a aplicar uma agulha na cabeça da criancinha porque já não encontravam mais veias no corpo para introduzir o medicamento. Uma sonda na altura do cérebro do neném: uma imagem dramática que jamais se apagará das minhas recordações de mãe.

Ao retornar a minha casa, para trocar de roupa, me ligaram do hospital. Era a enfermeira-chefe de plantão:

– Andressa, volte ao hospital para amamentar o Arthur porque ele precisa fazer uma cirurgia urgente. O doutor vai colocar um cateter no pescoço dele para passar a medicação.

Desliguei o telefone, desolada. Imaginei o trauma para um bebê ser operado doente e com tão poucos dias de vida. Arthur sobreviveu à cirurgia e hoje é um lindo e saudável garoto de dez anos.

A enfermidade do meu filho, em vez de me unir ao meu então marido, provocou um distanciamento maior. Não conseguia entender ao certo os motivos reais. Não havia uma explicação lógica, tínhamos tudo para sermos um casal feliz e completo, mas não era assim.

Passamos a brigar demais. Os desentendimentos por motivos banais nos afastaram, pouco a pouco. O meu gênio difícil me fazia alguém impossível de conviver em paz. Para piorar, ele lidava com os espíritos, ora entidades invocadas em um centro kardecista, ora entidades invocadas em terreiros. Ele repetia constantemente que havia recebido uma missão: desenvolver sua mediunidade.

Quando contava que via vultos e ouvia vozes de espíritos, eu me assustava. Na hora, lembrava de minhas tias incorporadas com entidades nas reuniões de libertação da Igreja, vociferando que iriam matar e destruir toda a nossa família. Gritavam serem eles os responsáveis pela infelicidade no amor de todas as gerações de mulheres da nossa casa. Uma espécie de maldição passada de mãe para filha até os dias atuais. Minhas tias tinham o rosto transformado, um profundo alívio, como se tivessem recebido uma

limpeza, apenas quando os pastores expulsavam o mal delas.

Antes de se converter à fé cristã, minha avó Madalena havia sido casada com um pai de santo do Rio Grande do Sul. Pouco antes da sua morte, ela nos contava que, naquele tempo, presenciava lâmpadas estourarem no seu quarto, bem em cima de sua cama. E que meu avô definhou com uma patologia incurável por desobedecer às entidades, sem conhecer a Deus.

Eu sabia que existiam espíritos malignos e, assim, temia ver a manifestação deles dentro da minha própria casa, no corpo do meu então marido. Mas isso aconteceu em uma noite na casa de praia dos meus sogros, quando ainda estávamos recém-casados.

– Ele está me chamando na rua. Ele está me chamando – afirmou, agitado, me despertando do sono.

Nós estávamos na cama, poucos minutos depois de deitar. Eu olhei intimidada, sem entender ao certo o que meu ex-marido dizia.

– Ele quem? Ele quem? Para com isso! Vamos dormir! – eu parecia falar com as paredes.

– Ele entrou no quarto! Ele está aqui!

E no momento seguinte, sua voz se transformou e uma expressão de raiva tomou conta dele. Os braços se contorceram. Eu passei a gritar, apavorada, mas ninguém me escutava. Estávamos sozinhos na casa.

– Eu sou como tu e tu és como eu! – gritou o espírito incorporado.

Eu comecei a chorar. Não compreendia o que ocorria, mas sentia um tremendo pavor. As palavras passaram a sair emboladas. Afirmava ser meu amigo e que estava lá para me ajudar. Eu orei em voz alta lembrando das reuniões que assistia na Igreja quando criança. Tinha certeza absoluta de que aquilo não era algo bom.

Minutos depois, meu marido voltou a si sem se lembrar de absolutamente nada, como se tivesse sofrido um apagão. Chorando, nervosa, detalhei o que havia acontecido e, a partir desse dia, o proibi de falar comigo sobre mediunidade.

Nosso casamento acabou lentamente. Eu já trabalhava como coordenadora de recursos humanos em uma empresa de marketing promocional e, nos finais de semana, viajava bastante para fazer bicos como promotora de eventos. Comecei como demonstradora de produtos em um supermercado e passei a recepcionista da empresa. Vivemos inúmeros apertos por falta de dinheiro. Parentes chegaram a doar leite e a me emprestar cinco, dez reais para comprar comida para o meu filho.

As discórdias com o meu ex-marido se acumularam a tal ponto que ele repentinamente saiu de casa. E nunca mais voltou. Mas preciso fazer

justiça. Ele sempre foi um homem correto, dedicado e muito trabalhador, virtudes herdadas de seus pais, também pessoas de índole irretocável.

Nossas vidas tomaram rumos diferentes, mas ele me proporcionou o meu maior tesouro, abaixo de Deus: meu filho Arthur. Hoje entendo que fui a maior responsável pelo fracasso do casamento. Não sabia como ser uma boa esposa, compreensiva e presente, aliada do marido em todas as situações. Estava cega em meu mundo de perdição. Reconheço o valor do caráter do meu ex-marido, visto principalmente no cuidado com a criação do nosso filho.

Em janeiro de 2009, prestes a fazer vinte e um anos, meu grande sonho de ter uma família feliz e ser amada tinha naufragado. Onde estava o lar bem-sucedido prometido pela mulher que leu as minhas mãos? Onde estava a minha casa como um pedacinho do céu? Tudo havia desmoronado. A aspiração de uma vida em família havia implodido.

Eu não sabia naquele momento, mas o fim do casamento me levaria à beira do precipício.

O mundo me chamava.



QUINZE MARCAS NA PELE

Com a separação, decidi jogar tudo para o alto. Claro que muitas atitudes foram motivadas pelo desespero da falta de dinheiro, como vamos descobrir algumas páginas adiante, mas havia dentro de mim algo que sempre me conduzia para o perigo e a imoralidade.

Meu corpo carrega esse traço de personalidade desenvolvido desde jovem: ao todo, tenho quinze tatuagens espalhadas da cabeça aos pés – cada uma com um significado diferente, quase todas baseadas em valores invertidos ou ideias pouco inteligentes.

A primeira delas eu fiz depois de seis meses que dei à luz ao meu filho. Uma forma de rebeldia, quase um grito de liberdade. Na hora, não pensei. Paguei por um desenho tribal com quatro rosas e espinhos na barriga. Aquela tatuagem me representava. Eu me enxergava bonita e delicada como uma rosa, mas machucava os outros com minhas espetadas.

A tatuagem também tinha a função de esconder algumas imperfeições. Aos vinte e dois anos, fiz duas rosas para disfarçar os pontos da lipoaspiração nas costas. A partir daí, mais do que nunca, a decisão por novas marcas no corpo prosseguiu a fundo.

Também aos vinte e dois anos, tatuei dois morcegos no cóccix, uma homenagem a um dos meus amantes, por quem eu era apaixonada. Com a fama, aflorou uma mulher ainda mais inconsequente. Depois, desenhei o número treze num dedo da mão esquerda. Treze é uma gíria que significa ser louco e ter coragem de fazer tudo, sem limites.

Aos vinte e quatro anos, tatuei no punho direito: “uma vida”. Na minha cabeça, eu só teria aquela vida e deveria passar por todas as experiências intensamente. Minha oitava tatuagem foi feita também aos vinte e quatro anos, no braço esquerdo: “sorte sempre” em árabe, como se isso fizesse alguém mais ou menos bem-sucedido. Logo depois, resolvi tatuar nas costas, em kanji – uma escrita japonesa – as palavras “Deus e Família”. A décima primeira foi uma homenagem ao meu filho: “Arthur”, na nuca.

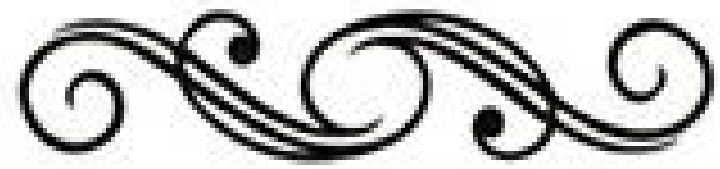
Para provocar, tatuei “Miss Bumbum” no cóccix porque eu fui vice-campeã nesse concurso e desejava ser mais famosa que a garota em primeiro lugar. Uma das últimas tatuagens que fiz foi em 2014, quando surgiram os hematomas causados pela rejeição ao hidrogel e ao PMMA.

Os desenhos disfarçaram um pouco as marcas na coxa esquerda, do

início do quadril até próximo do joelho. Foram duas horas de tortura, mas não consegui terminar de tanta dor. A tatuagem ficou incompleta, apenas com os riscos. Um tribal com sete trevos de quatro folhas. Símbolo de sorte, na minha cabeça. A última mesmo, a décima quinta, foi o desenho de uma bomba no pulso esquerdo, com duas referências em uma só: a um rapaz com esse apelido por quem me apaixonei e também à minha personalidade – uma pessoa de pavio curto e que explodia com facilidade.

Minha primeira tatuagem, porém, se transformaria em um prenúncio desolador. Uma espécie de aviso dos momentos angustiantes e tenebrosos que passaria no futuro. Os espinhos da rosa prevaleceriam na minha vida para me fazer sangrar e sangrar muita gente ao meu redor.

Sem família, sozinha com meu filho, sofrendo com a pobreza e a falta de rumo, de costas viradas para o bem, fui tragada por um maremoto de destruição. Começava o lado mais perverso dos meus dias.



O LABIRINTO DA FAMA



UMA CONFISSÃO INÉDITA: EU FUI PROSTITUTA



Essa é uma revelação jamais feita sobre a minha vida. Nunca, em tempo algum, falei abertamente sobre essa página infeliz da minha história, nem como personalidade pública nem para a maioria dos meus familiares, e faço isso como prova maior do meu desejo de redenção.

É um relato do lado cruel, real, dolorido e invisível do submundo da prostituição.

Eu comecei como a maioria das garotas. Levada pela falta de dinheiro e a ameaça de perder a guarda do meu filho, logo após a separação, ainda com vinte e um anos. No dia em que tirei do bolso poucas notas de um real, a vergonha e a raiva me fizeram perguntar: por que não? Seria mais humilhante vender o corpo ou deixar meu filho passar fome?

É claro que, conforme o tempo passa nesse mundo de sujeira, somos engolidas pela ambição. Um desejo desperta outro maior ainda. As conquistas passageiras nos iludem. Um passo na lama leva a outro que nos afunda mais ainda e, quando você olha ao redor, descobre que está envolvida até o pescoço em uma enorme e mortal areia movediça.

Meus primeiros passos nesse lamaçal foram dados em uma sexta-feira, 24 de abril de 2009, quando eu ainda trabalhava como funcionária de recursos humanos. Acordava às cinco da manhã para chegar a tempo no serviço e voltava no meio da noite para casa, um cubículo na periferia de Porto Alegre. Tomava uma só condução e andava horas a pé para economizar. Meu almoço era macarrão instantâneo. Ainda assim, as contas não fechavam, estava completamente endividada.

– Minha prima passou pela mesma situação. Não tinha um tostão e arrumou um jeito: começou a fazer shows eróticos em casas noturnas. Ela trocou de carro e comprou uma casa. Está com dinheiro sobrando – me contou uma das promotoras de evento, colega de trabalho.

– Como assim? Ela é uma vagabunda? – perguntei, sem rodeios.

– Não é isso. Ela faz shows. E quer saber? Está ganhando quinhentos reais por dança. Pense bem, Andressa. Não faz nada se você não quiser, é só dançar.

Essa foi a conversa que me despertou a ideia.

Antes de ir ao prostíbulo naquela sexta-feira, telefonei para lá. Estava apreensiva para saber como tudo funcionava. Assim que enviei minhas fotos

pessoais, feitas um mês antes para conseguir trabalhos como promotora de eventos, agendaram uma entrevista para o mesmo dia.

Fui recebida pela proprietária da casa, mas de cara não me senti bem. Um ambiente escuro, pequeno e sujo. Cheguei apenas com o dinheiro de ida da passagem de ônibus.

– Você tem experiência em programas sexuais? – questionou a dona, diante da minha reação de surpresa.

– Como? Não entendi. Eu só estou interessada em dançar – retruquei.

– Sim, querida. Vamos dar uma volta para você conhecer melhor o estabelecimento.

Havia poucas mulheres e clientes, a maioria deles bebendo, no bar e em poucas mesas. Agradeci a atenção e decidi ir embora. Foi quando ela me chamou de volta oferecendo-me uma carona com um homem. Em troca, deveria ficar algumas horas com ele em um motel apenas conversando.

– Ele é carente, sabe? – ironizou, com uma risadinha de canto da boca.

Eu desconfiei, mas aceitei a oferta mesmo sentindo medo. Passei mais de uma hora ouvindo os lamentos de um senhor de aproximadamente sessenta e cinco anos, desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, enquanto tomávamos um champanhe ruim. A parada aconteceu perto da minha casa. Mesmo sem ter relação comigo, o desembargador me deu um cheque de quinhentos reais.

Isso me animou. Passei os dias seguintes em pesquisas na internet até descobrir quais eram os principais bordéis da região. Estava determinada a virar uma dançarina. Minha intenção era manter o meu emprego e fazer shows para complementar a renda. Em alguns lugares diziam que era possível ganhar vinte reais a cada dez minutos de dança. A conta era fácil: acreditava que, caso dançasse cinquenta minutos, conseguiria cem reais por noite, seiscentos reais por semana e dois mil e quatrocentos reais por mês, sem me prostituir. Pobre devaneio. Consegui uma entrevista no principal bordel de Porto Alegre, um dos maiores da região sul do país. Eu vestia calça jeans, blusa rosa de mangas curtas e calçava salto alto preto. Na chegada, fui recepcionada pela gerente local, uma espécie de supervisora técnica do prostíbulo. Cabia a ela decidir quais mulheres podiam ou não entrar no bordel.

– Você deve vir de segunda a sábado, precisa chegar até meia-noite e só pode sair depois das quatro da manhã. Tem de vir pelo menos um sábado do mês – afirmou, ríspida, com a cara fechada.

– Mas eu não posso ficar de segunda a sábado. Desculpe, eu tenho

filho – argumentei, em vão.

– Sinto muito, menina. São as ordens da casa.

E me despediu. Já na porta, cabisbaixa, em direção à rua, o gerente da casa me chamou:

– Onde você está indo? Pode ficar. Esqueça o que aquela mulher disse. Aqui quem manda sou eu.

Em seguida, me ofereceu de graça uma bebida. Acabei ficando apenas para observar o local. Com o avançar da noite, as mulheres dançavam freneticamente e tiravam totalmente as roupas. O principal show acontecia no começo da madrugada com a estrela do bordel. Além de danças particulares, algumas garotas subiam com os clientes para os quartos, localizados nos andares de cima. Isso me assustou, mas sabia que eram as regras do jogo.

Observei tudo, imóvel. Na hora de sair, encontrei o mesmo gerente do lugar.

– Volte amanhã e veja se você gosta. Se não gostar, vai embora. Se gostar, fique – propôs, de forma direta.

– Mas como funciona? Não entendo...

– Você fica à vontade no salão da casa. Caso se interesse por algum cliente e decida subir para os quartos, você só precisa pedir um suco lá em cima. Todo o dinheiro é seu. O valor mínimo para cada cliente é de duzentos reais, mas você pode pedir o quanto quiser. A negociação do seu cachê é com ele. Ah... e se ele passar cartão de crédito, a gente cobra quinze por cento a mais – explicou, tentando me convencer.

– E se eu quiser só dançar? – questionei.

– Para dançar, você precisa ter o corpo perfeito ou ser famosa. É bastante disputado – ouvi, sem falar nada, indo embora em seguida.

Um dia depois, retornei já decidida a tudo ou nada para levar dinheiro para casa.

Ao subir as escadas para me arrumar, revestida por um tapete vermelho aveludado, desmaiei repentinamente. Tomei um susto porque isso nunca tinha acontecido antes. O taxista que havia me trazido logo me acudiu. Era ele quem tinha a função de buscar em casa as mulheres que se prostituíam.

– Isso é mau-olhado, inveja. Eu posso te ajudar. Você quer? – sugeriu, solícito, poucos minutos depois de me ver inconsciente.

– Claro, eu preciso de ajuda – afirmei, meio atordoada. Na calçada, antes de entrar no táxi, quis saber:

– Para onde o senhor vai me levar?

– Você precisa de um banho de sal grosso para tirar suas impurezas. Você vai sair de lá outra pessoa. Eu só cobro a corrida de ida. A volta é por minha conta. É pertinho, você pode me pagar outro dia – me convenceu.

Não rodamos mais de vinte minutos para estacionar na porta de um sobrado vistoso, em outro bairro chique de Porto Alegre. Uma mulher aparentando uns cinquenta anos, carinhosa e gentil, vestida toda de branco, me recebeu na sala e me propôs um tratamento religioso com rezas e rituais místicos. Não sabia que tanta doçura custaria minha escravidão espiritual pelos anos seguintes.

– Você vai sair daqui leve. E garanto: com uma proteção muito especial. Seus caminhos vão se abrir – assegurou a mulher mística, ao mesmo tempo que deslizava as mãos sobre meus ombros.

Eu aceitei na hora. Tomei um banho de sal grosso no corpo inteiro e, ao me virar de costas, outro banho de rosas enquanto repetia os dizeres de uma mandinga. Ainda no banheiro, esborrifou um perfume com aroma de morango e champanhe. E completou:

– Agora, vou te dar um banho de mel para você chamar os homens. Você vai atrair os melhores clientes no seu novo trabalho.

Eu, tola, sorri, agradecida. Na hora de sair, assumi uma dívida de trinta reais, com a condição de aceitar um compromisso:

– Você está protegida contra a inveja, minha filha. Seus caminhos foram abertos. Mas se tudo começar a dar certo para você, volte aqui para agradecer. Eu tenho uma coisa ainda mais forte te esperando – prometeu a mulher mística.

Retornei à meia-noite para o prostíbulo supostamente com as energias revigoradas. Um terremoto se aproximava da minha vida.



MÁQUINA DE DESEJOS



Na volta ao bordel, passei algumas horas sentada no bar, observando a movimentação, na esperança de que os donos do lugar me chamassem para uma dança, mais cedo ou mais tarde. Eu precisava chegar em casa com algum dinheiro para compensar a noite.

De repente, um rapaz elegante, cabelos escuros, de média estatura e com quase quarenta anos, se aproxima para puxar assunto, claro, com segundas intenções. Tímida de início, expliquei que estava lá aguardando a chance de fazer um show. Com a postura de um cavalheiro, ele começou a perguntar da minha vida e eu da dele.

O salão fervilhava. Havia cerca de duzentas meninas por noite e a casa sempre ficava lotada. As garotas do salão vestiam roupas sensuais, bem curtas, e eu de calça jeans e blusa muito simples. Bebemos alguns drinques enquanto detalhava sobre o meu trabalho e as minhas dificuldades financeiras. Contei que era a minha primeira vez ali e isso valorizou o meu passe.

– Quanto você precisa para quitar sua dívida? – quis saber, na cara de pau.

– Preciso de mil reais – assumi, envergonhada.

– Mil reais? Sei...

E em tom de mistério, continuou com uma proposta que me deixou desconcertada:

– Então vamos subir.

– Subir? Como assim, subir?

– Vamos para o quarto. A gente fica à vontade na suíte e eu te dou os mil reais – ofereceu, cordialmente.

Titubeei, mas não consegui recusar a proposta. Eu necessitava do dinheiro.

Os quartos eram grandes, decorados, tinham camas redondas ou quadradas, espelhos no teto e na lateral. E, então, tive a minha primeira relação sexual com um cliente.

Foi depois desse primeiro programa que minha intenção de ser apenas dançarina acabou aniquilada. Se ser prostituta era ganhar tanto assim e ser tratada como uma dama, pensei comigo, eu aceitaria transformar meu corpo em um objeto de negócio. Resolvi me lançar a fundo a uma vida de

devassidão. O preço dessa escolha um dia chegaria.

Na segunda noite em que estive no bordel fiquei com dois clientes. Na terceira, quatro. E da quarta noite em diante, dispensava homens interessados em pagar para se deitar comigo. Cada programa, uma hora. O valor mínimo era de quatrocentos reais. Já me vestia como uma qualquer com roupas muito curtas e apertadas. Tops e minissaias coloridos e cheios de babados. O importante era seduzir. Eu havia começado com sucesso, mas queria mais.

Por isso, no final daquela primeira semana, retornei à casa da mulher que mexia com as entidades em busca do prometido "algo mais forte". Em poucos minutos de conversa, decidi que tomaria o banho de sal grosso e de rosas diariamente antes de trabalhar no bordel, porém, ela me propôs algo diferenciado:

– Escute, Andressa. Quero te dar o que nenhuma das garotas lá tem. Vou te oferecer à pombagira com um banho de champanhe. A partir de hoje, minha cigana vai te acompanhar e você vai conseguir ainda mais homens e dinheiro. Só que tem uma condição para esse pacto ser firmado – afirmou, me encarando.

– Qual, dona? Eu aceito qualquer coisa – repliquei, inquieta.

– A cada mil reais que você ganhar, você deve entregar um champanhe de presente para a pombagira.

Assumi o juramento com um anel de ouro, ganhado da minha família havia alguns anos. Ela pegou o anel, rezou uma simpatia e prometeu que mergulharia em uma vasilha com sangue de animal.

– Esse é o seu amuleto, sua segurança de vida. Nada vai te acontecer enquanto você usar esse anel – decretou.

Eu concordei com tudo. Na semana seguinte, deixei o emprego no setor de recursos humanos para me dedicar exclusivamente à prostituição.

No decorrer dos primeiros meses, fiz programas apenas com homens selecionados com critério e sempre cobrava valores altos. Recebia até quatro clientes por noite. Passei a fazer programas também durante a tarde. Eu cumpria os meus horários com rigor. Chegava cedo e era a última a sair. Várias meninas bebiam de cair e usavam drogas dentro da casa, mas eu não. Tratava a clientela com gentileza, sempre me apresentava muito cheirosa e bem-arrumada.

Tinha regalias diretamente com os donos porque me tornei um negócio rentável para eles. Começaram a me colocar para fazer os melhores shows, nos horários mais nobres, e me pagavam mais. O bar virou meu espaço particular de sedução. Eu dançava de um lado para o outro no balcão para provocar os clientes. Não era preciso muita conversa, o preço era acertado ali

mesmo. Negava sempre as ofertas mais baixas.

Pagava os garçons para me indicarem as mesas com os maiores gastos com bebidas, assim era possível cobrar mais pelos programas. Os fregueses pagavam antes de subirem para os quartos, onde havia um sinal sonoro avisando o final do tempo. Perdi o limite, se é que havia algum.

Realizava loucuras na cama invocando o espírito da pombagira. Gritava e beijava bastante, carinho raro entre as prostitutas. Não usava lubrificante para fazer sexo anal e cobrava mais caro por isso. Praticava tudo o que as demais garotas não faziam. Queria mostrar minha excitação e fidelizar a freguesia. Com o passar do tempo, com a propaganda boca a boca, meu nome entrou em destaque no principal site de garotas de programa do sul do Brasil. Os preços dos programas começavam com quatrocentos reais e depois iam subindo até três mil reais. Chegou a um ponto que passei a recusar cheques. Só recebia em espécie ou cartão. Cheguei a faturar mais de trinta mil reais por mês trabalhando de segunda a sábado. Realizava até sete programas em um único dia.

Eu virei uma deprimente máquina de fazer programas.

No final de cada mês, enviava caixas e mais caixas de champanhe para a mulher das entidades, além de outros presentes e o pagamento do meu banho místico diário. Enquanto mergulhava nessa rotina devassa, deixei de ver meu filho crescer e me distanciei, ainda mais, da minha família. Arthur dormia sob os cuidados da minha mãe. Para todos, mentia dizendo que havia conseguido um trabalho extra como dançarina em casas noturnas.

Nos poucos momentos de peso na consciência, principalmente quando lembrava os ensinamentos da minha avó, desenvolvi uma técnica covarde de sobrevivência. Não sentia nada e não pensava em nada. É como se fizesse de mim um ser vivo oco, sem nada por dentro. Não me lembrava do rosto dos homens. Em casa, esquecia o que tinha acontecido na noite anterior como se fosse a interpretação de um personagem de novela.

Como foi possível me iludir tanto?



A PISTA QUE MATOU SENNA



O glamour dos shows na casa de prostituição enchia meus olhos. Na minha mente, já me via fazendo sucesso para centenas e até milhares de clientes. Quando modelos e *strippers* famosas se apresentavam em nosso bordel, eu desejava seguir uma carreira semelhante.

Mas para dar passos mais ousados era preciso criar uma estratégia de marketing diferenciada. Eu necessitava de uma marca.

– Você precisa criar um nome de trabalho forte. Não dá para você usar seu nome real nem inventar um nome a cada noite – me aconselhava um dos donos, o que me faria afundar ainda mais.

– Um nome? – refleti naquele dia. Mais tarde, o chamei, convicta:

– Ímola. Sim, Ímola.

Isso mesmo: a cidade italiana onde fica localizado o autódromo em que o saudoso piloto Ayrton Senna morreu, em uma trágica fatalidade na curva de Tamburello, em maio de 1994. A pista é conhecida por trechos de curvas acentuadas para aceleração em altas velocidades.

– A partir de hoje, eu sou a Ímola.

A explicação era a mesma para as repetidas perguntas dos clientes:

– Ou você se perde ou chega em primeiro. Prazer, Ímola. Refiz meu visual e providenciei um figurino à altura do sucesso que vislumbrava com a utilização do novo nome. Passei a usar um aplique com longos cabelos loiros e lentes de contato azuis. Dei início às primeiras cirurgias plásticas em busca de um corpo violão. Investi em um novo guarda-roupa, ainda mais sensual e de cores mais sóbrias. Mas a principal marca eram as minhas botas brancas e compridas, com o nome "Ímola" bordado em preto nos dois lados.

Com essa produção, conquistei os principais shows da casa. Sempre à meia-noite e meia, todos os dias, porque era o horário em que a boate lotava com os clientes mais ricos. Meu lema se cumpria: satisfação total ou o seu dinheiro de volta.

Exigi um banner para colocar na porta do bordel: "Ímola, a sedutora da noite". Quando os frequentadores chegavam, ainda nas calçadas, davam de cara com a minha foto estampada na parede. Um ensaio fotográfico, com imagens sensuais, rodava no telão do salão principal. Eu já não circulava livremente pela casa, mas era reservada para os clientes vips.

Minha fama se espalhou.

Assim, me tornei a garota mais cara e desejada do prostíbulo. Se soubesse que alguma menina havia cobrado cinco mil reais por um programa, eu cobrava sete. Eu me intitulava a superior, a imbatível. Costumava dizer aos clientes que nenhuma outra das duzentas mulheres do lugar chegava próximo de mim, tanto em beleza quanto na falta de limites entre quatro paredes.

Minha ambição não conhecia fronteiras. Ímola era uma mulher desqualificada e ruim. Pensar nela ainda me causa desolação.



O DIÁRIO DE UMA GAROTA DE PROGRAMA



Nem eu mesma pensei que fosse capaz de me aviltar tanto. Ímola viveu intensamente os piores episódios de luxúria que a mente humana é capaz de imaginar.

Tive centenas de casos ao longo dos anos com os mais diversos e estranhos tipos de parceiro. Sofri com a violência e crises agudas de depressão na rotina do bordel.

Solteiros, jovens e mais velhos, ricos e pobres, homossexuais, mulheres, casais. Tinha prazer em ter homens casados na cama. Tinha prazer em sentir e provocar dor nas relações sexuais. Tinha prazer em me submeter às fantasias eróticas mais agressivas. Eu me sujeitei a todos esses rebaixamentos com gente de cabeça doentia, porque nunca aprendi a dar valor a mim mesma e à minha dignidade. A sede de dinheiro e o impulso pelo sucesso exterminaram meu caráter e me transformaram em um ser humano sem valores.

Um dos meus clientes mais fiéis, nesse período, era um militar de alta patente do exército no Rio Grande do Sul. Seu casaco e boinas verdes, uniforme com medalhas penduradas no bolso, sempre me despertavam a atenção no cabide da suíte. O ritual se repetia a cada noitada: ele me batia com socos e pontapés. As sessões passavam ainda por palmadas ardidas, puxões de cabelo doloridos e sufocamentos.

– Não abra a boca, Ímola! Não se mexa! – repetia com furor. Os atos de brutalidade surgiam quando eu menos esperava. Nunca sabia o enredo de cada programa, quando um cliente poderia perder a cabeça e me surrar sem dó, me espancar a ponto de me machucar para valer. Era impossível adivinhar o raciocínio de quem aparecia na minha cama. Era como abrir uma caixinha de surpresas a cada noite.

Até mesmo quando era a autora das agressões, forçada pelo fetiche dos clientes, lidava com o imprevisível. Não tinha o mínimo controle sobre as reações de quem me pagava para bater. “Tudo pode passar na mente de um sadomasoquista”, concluía.

– Gosto de sentir dor mesmo. Isso me realiza, me transporta para outro mundo, me leva para um estado de espírito diferente. Eu só tenho prazer sofrendo – me explicava um empresário muito rico do interior gaúcho, obcecado por apanhar, em suas fantasias. Magro, alto, cabelos escuros, não

mais que quarenta e cinco anos de idade e pai de três filhos. De dia, um homem de negócios respeitado, proprietário de um dos maiores grupos de venda de carros importados do Rio Grande do Sul. De noite, um viciado em pedidos obscenos, cercados de violência. Eu encerrava as séries de tortura com dores nos braços e nas pernas de tanto bater. Além de levar surras, seu prazer sádico era ouvir xingamentos e palavras de humilhação. Certa vez, me contratou para uma sessão no meio do dia, em pleno horário de trabalho, em um hotel no centro da cidade. Ele apareceu no quarto com um par de algemas e um chicote de silicone com tiras de couro.

– Não pode ter pena. Quando eu pedir para você parar, bata mais. É a hora de bater mais forte. Estamos acertados? – perguntava, como um ritual.

Seu jeito de falar me provocou estranheza. Ele pediu que algemasse uma de suas mãos na cama.

– E eu? Não vamos colocar algemas em mim? – quis saber, enquanto cerrava o ferro sobre seu punho.

– É melhor assim, Ímola. Você vai agradecer por eu estar preso – respondeu, seco, aumentando meus receios.

A sessão de chicotadas durou quase uma hora, e com cada vez mais potência. Seu corpo já estava vermelho, com cortes superficiais em algumas partes das costas. Eu demonstrava sinais de cansaço.

– Você é muito fraca. Não vale o que eu pago! – gritou, nervoso.

Irritada, larguei o chicote com ainda mais firmeza quando, de forma involuntária, atingi o seu rosto. No susto, com apenas um braço, ele me puxou pelos cabelos e prendeu minha cintura com as pernas, como um golpe de judô. E desferiu um soco com a mão fechada bem no meu queixo.

Desmaiei na hora.

Só acordei trinta minutos depois, quando o cliente já havia ido embora. Na cama, um bilhete de despedida com um agradecimento pela relação e o aviso de que havia pagado as despesas do motel. Passei várias semanas com enxaqueca e um hematoma no maxilar.

Cada cliente significava um novo perigo.

O advogado pervertido era um jovem que apareceu pela primeira vez com muito dinheiro na mão. Quem o visse andando na rua enxergava um executivo como outro qualquer. Chegava de terno e gravata, o cabelo impecável, perfumado e sem mau hálito. Ele pedia para bater nele sem dó e revidava para sentir prazer. Cravava suas unhas no meu pescoço, mordia minhas orelhas, quase as arrancando com os dentes. No fim das agressões, eu disfarçava as marcas expostas com o excesso de maquiagem e partia para um novo ciclo de atendimentos sexuais.

A rotina do prostíbulo era cruel e enganosa. E não me permitia incluir

no dicionário a palavra medo, embora esse sentimento sempre surgisse como sinal de alerta. Medo de ser agredida a ponto de parar no hospital. Medo de ficar inválida ou ter sequelas definitivas. Medo de viver com dor. Medo de contrair uma doença grave. Medo de ser descoberta por minha mãe e meu filho. Medo de descobrir quem eu era.

Ignorar o medo me transformou em um ser irracional, controlado por decisões inconsequentes.

Quando maltratava as demais prostitutas da casa noturna, como vou detalhar nas páginas seguintes, não calculava o risco que corria. Algumas delas eram amantes de criminosos, alguns dos quais violentos. Poderia ser espancada ou sequestrada na saída do clube apenas por mera vingança. Minha família nunca saberia de nada.

Corria perigo nas andanças pela madrugada como garota de programa, seja nas saídas do bordel, seja quando circulava pela cidade para atender a clientela. Assaltantes, sequestradores e estupradores. Transitava e aceitava programas em regiões dominadas pelo tráfico de drogas, o que me colocava a todo instante no centro do alvo. Era como atravessar um penhasco sobre uma interminável corda bamba.

– Não vamos pagar! Vocês têm sorte de ainda estarem vivas! – berrava um dos chefes da boca de fumo, após ser atendido por mim e outra garota, em um motel vizinho do prostíbulo. Enquanto esbravejava e se drogava, um de seus revólveres mirava a minha cabeça. Ao sairmos do bordel, não imaginávamos o que viria pela frente. Para nós, era apenas mais um cliente. Um de seus comparsas entrou no quarto no meio da crueldade e, armado, também passou a nos agredir. Estávamos de joelhos, com a cabeça abaixada. Pensei que morreria ali.

– Vocês são um lixo de prostituta! Não são coisa nenhuma!

Não são ninguém! – passou a gritar o segundo bandido.

Antes de partir, em um relance de pena, um dos chefes da boca de fumo parou diante de mim e me encarou em silêncio. Seu revólver pressionava o meio da minha testa.

– Vocês não valem nada, entendeu? Nada...

O silêncio perturbador prosseguiu. O bandido fixou o olhar na outra garota e logo se voltou para mim.

– Vocês só merecem morrer... só morrer – falou, pausadamente.

E saíram em disparada, depois de roubarem de nossas bolsas todo o dinheiro acumulado com os programas daquela noite.

Outro fora da lei que atravessou meu caminho nessa época foi um ladrão de joalherias, morador de uma das favelas mais conhecidas de Porto Alegre. Em sua primeira ida ao prostíbulo, logo passou a me perseguir todas as

noites, mesmo quando não tinha condições de pagar os programas. Eu tentei fugir por semanas, mas era cercada a maior parte do tempo.

Na última madrugada em que nos vimos, o criminoso aguardou o bordel fechar para seguir meus passos na rua. Os seguranças da casa desconfiaram e, rapidamente, começou uma grande discussão que poderia ter terminado em tragédia. De repente, saiu acelerado e jogou um tijolo no meu carro como vingança por não fazer mais programas com ele. Semanas depois, acabou preso em uma tentativa de assalto.

Não tinha ideia do perigo que corria.

Temia também ser presa em flagrante com drogas por uma armação qualquer de algum frequentador mal-intencionado. Ou quem sabe, ser detida pela polícia na companhia de um marginal dentro de um carro roubado ou por porte de armas e, automaticamente, ser incriminada, como ocorre com milhares de mulheres espalhadas pelas penitenciárias do Brasil. Eu vi isso acontecer dentro do bordel. Meses depois de notar a ausência de uma das meninas, perguntei ao gerente da casa por onde ela andava.

– Caiu. A polícia levou, Ímola. Foi presa por tráfico. A moça trazia pó e maconha para os clientes. Já era – contou, com determinada frieza.

Ninguém nunca soube ao certo se a droga era mesmo da garota de programa ou se ela pagou o preço na Justiça no lugar de um dos seus clientes traficantes.

A depressão é outra ameaça invisível no cotidiano das prostitutas. Eu sucumbia em meio ao nada ou, às vezes, sob o peso na consciência suscitado, esporadicamente, por circunstâncias no bordel.

– É um atendimento especial, bem diferente. O cliente não quer ser atendido aqui. Precisa ir no hotel dele. O preço também vai ser especial – anunciou o gerente do prostíbulo, aguardando minha resposta.

Eu topei, um tanto receosa. Era um paralítico das pernas acompanhado da esposa. Minutos depois juntos, o casal começou a discutir. Apanhei minhas coisas, assustada, para ir embora às pressas, e, quando olhei novamente, a mulher havia chutado a cadeira de rodas e arremessado o homem ao chão. Nervoso, ele tentava se arrastar no tapete. Pensei em ajudar, mas a mulher gritava sem parar ameaçando me agredir com uma garrafa de uísque na mão. Fiquei de canto e, na primeira chance, saí rapidamente do quarto.

Experimentei susto semelhante em uma das minhas piores noites com um argentino bissexual, de passagem a trabalho pela capital gaúcha. Ele me tirou do prostíbulo e pagou caro para me levar ao hotel onde estava hospedado. Barrigudo e desengonçado, de aparência física feia, com cerca de sessenta anos de idade, tinha um aspecto repugnante.

– Você gosta de coisas loucas? – ele me provocou.

Já no quarto, o argentino se cortou com uma garrafa e sangrava da cintura para baixo. Fiquei aterrorizada, presa ali por longos minutos. Passei a chorar de pânico, sem me mexer. Só consegui juntar minhas roupas e minha bolsa, e sair correndo. Permaneci dois dias em casa, em estado de choque, sem ir ao bordel.

Cenas assim me abatiam. E apresentaram para mim, pela primeira vez, um tipo de tormento até então desconhecido. Era mais que tristeza. Uma melancolia que parecia uma doença. Uma sensação de culpa pronta para me destroçar. Um vazio na alma. A depressão.

A situação bizarra nos motéis ou nos quartos do bordel, muitas vezes, me afundava em angústia. Ao sair dos encontros, rodava com o carro sozinha, fumando, com o som alto e um aperto no peito, na busca de apagar tudo o que havia vivido. Os rostos, os nomes, os atos feitos e recebidos. Pensar que havia virado uma mulher à venda me afogava em dor. Sentia raiva do mundo e de mim mesma.

Talvez tenham sido as primeiras crises de consciência que encarei, naquele tempo de prostituição. Eu não sabia como agir. Ninguém entendia de verdade o que eu sentia, mesmo porque aparentava ser uma fortaleza, fria e inabalável. Era confidente de muitos clientes. Eles desabafavam seus desgostos nas noites do prostíbulo, mas minha estrutura emocional era frágil. Somatizava tudo aquilo sem ter a mínima capacidade para absorver ou lidar com essa avalanche de dramas e frustrações. E a depressão batia forte.

No fundo, desejava a ajuda de amigos e da família, mas não havia ao certo a quem recorrer. Se alguém mais distante tentasse me ajudar, logo me irritava e não aceitava por orgulho. Se não tentasse, pior ainda. Aos poucos me afastei de todos, me isolando no meu sofrimento. Uma ânsia brutal controlava minha vida, praticamente anulando o convívio com minha mãe e meu filho.

Em meio a esses picos de depressão, vivi outra experiência marcante. Era comum ter clientes com doenças sexualmente transmissíveis, mas, em sua maioria, todos se tratavam porque desejavam viver, acima de tudo. Até que surgiu um famoso médico do sul do Brasil, portador do vírus HIV, oferecendo pagar até dez vezes mais por garotas de programa que aceitassem ter relação sexual com ele sem uso de preservativo.

A notícia tomou conta do bordel.

Sempre ouvia falar de meninas aqui e acolá que adoeciam e até morriam depois de contraírem AIDS. O vírus era um fantasma entre as garotas de programa. Quem não sentiria medo com tanta troca de parceiros o tempo inteiro? Como garantir não ser vítima de um acidente com o

preservativo na hora da relação? Mas quem, com a razão preservada, teria coragem de se submeter a um homem infectado sem nenhuma proteção?

Era como injetar veneno no próprio sangue. Quem assinaria o próprio atestado de óbito?

O mais espantoso foi saber que muitas meninas aceitaram a oferta. Isso mexeu com a minha cabeça e decidi procurar ajuda médica.

Tinha consciência de que quem desaba corre o risco de não se levantar mais: uma parcela das pessoas com depressão grave até comete suicídio. Muitas garotas do clube lutavam contra esse vazio interior à base de medicamentos controlados, os chamados "tarja preta". Acreditava que o socorro psiquiátrico me salvaria.

Logo nas consultas iniciais, entendi que a depressão é uma doença bem misteriosa. Ela não pode ser diagnosticada por exames de sangue ou detectada por algum aparelho. Não há resultado capaz de medir o tamanho da agonia no íntimo de uma pessoa deprimida. Parti, então, para o consumo de uma extensa lista de remédios. Experimentei todos os tipos de antidepressivo, receitados ou não pelos especialistas. Usei o medicamento Prozac e outras "pílulas da felicidade" como um tratamento em potencial. Acreditava ingerir esperança. Era como se buscasse uma pílula para me ajustar à vida.

Havia sido diagnosticada como uma paciente que sofria de tristeza recorrente, mas os remédios, em nenhum momento, foram capazes de me livrar desse vazio, apenas me fizeram dependente de drogas para dormir. A depressão me acompanhou vários anos seguidos, já longe do cotidiano do prostíbulo, até os dias da minha internação no hospital, no final de 2014. Nos tempos em que conquistei fama e dinheiro, também carregava essa infelicidade crônica. Depois das festas, na hora de dormir ou quando ficava sozinha. Carro, casa, viagens, compras, luxo. Isso tudo não me preenchia.

Quando o movimento no bordel terminava cedo, tudo parecia sem sentido. Onde estavam os clientes? A música? As danças? O erotismo? Os pagamentos? Passava horas largada no sofá do salão, exposta como mercadoria, fumando, até o dia amanhecer. Ao chegar em casa, tinha crises de choro. Sem saber como reagir, mergulhava numa tristeza que me paralisava. Como me levantar do chão?

A insônia também estava ali. Chorava na beira da cama enquanto tomava dois ou até três calmantes de uma vez para conseguir dormir poucas horas. As janelas do meu quarto permaneciam fechadas, dia e noite, a maior parte do tempo. Eu me recolhia no meio da escuridão.

Até nos dias quentes de verão, minha casa era tão "gelada" que dormia enrolada e abraçada a vários cobertores. O calor das mantas me trazia

a sensação de um afetuoso abraço. Como sentia falta de alguém para encostar minha cabeça e desafogar meus dilemas! Eu me perguntava como permiti ser tragada por aquela imundície. Sentia nojo de mim mesma. No chuveiro, derramava litros de álcool no meu corpo, a ponto de machucar minha pele, na tentativa de me limpar. Mas a sujeira estava dentro de mim.

Chegava a pensar em largar tudo, me entregar de vez para algum homem correto surgido no prostíbulo, mas a maioria era casada e tinha a mente depravada. Tentei iniciar relacionamentos sérios e duradouros, mas isso apenas causou mais rejeição. Um dos amantes por quem mais me apaixonei, meses depois de juras de amor e promessas de união definitiva, foi destrutivo comigo em poucas palavras. Em uma de nossas discussões, ele me encostou na parede, segurou meus braços e me falou diretamente:

– Nunca vou assumir uma garota de programa! Você não entende, Ímola?

Aquela frase jamais saiu da minha memória e me afundou em outras tantas crises de depressão.

O incompreensível é que esse vazio não me impedia de me prostituir e continuar praticando loucuras em nome do dinheiro e do prazer. Por mais que entendesse isso, no momento de outro rompante, logo cairia deprimida. Sempre escolhia ir adiante, na trilha do abismo. Estava encarcerada em um ciclo vicioso criado por mim mesma.

O calendário dentro desse calabouço se acelerou. Os dias viraram meses. E os meses viraram anos.



BALADAS, BALAS E COCAÍNA



As drogas eram o combustível para tanta prostituição. Inúmeros clientes as usavam livremente durante os programas. A maioria fumava maconha e cheirava cocaína. Um ou outro consumia crack. E ao final, todos ingeriam estimulantes sexuais para encerrar a noite.

Eu não conhecia a fundo esse universo do vício, mas, com o decorrer dos anos negociando meu corpo, participei das mais diversas experiências. Acompanhava meninas definharem – algumas adoeciam, outras morriam – ao trabalharem apenas para sustentar a maldita dependência.

Antes de entrar para o bordel, vivenciei algumas andanças pelo mundo das drogas. Cheirei cocaína pela primeira vez com um jovem casal de amigos em uma festa particular em uma cobertura de Porto Alegre. Comprei pessoalmente o pó branco em uma boca de fumo vizinha. O filho recém-nascido desse casal dormia no quarto enquanto atravessávamos a madrugada com os olhos saltados.

– Vai, Andressa, agora é você. Sua vez, vai fundo! Você vai adorar, vai se sentir bem – induzia minha amiga, já alterada.

Ao aspirar a droga, não senti nada, mas o efeito apareceu, abruptamente, instantes depois. Estava alucinada. A carreira da droga permaneceu espalhada na bandeja até o dia amanhecer. Dormi jogada no chão da sala e, quando o sol nasceu, a dona do apartamento teve uma crise de choro.

Sofri três overdoses até hoje, duas delas antes de virar "mulher da vida". A primeira delas ocorreu durante uma festa rave em Viamão, cidade vizinha a Porto Alegre, em um sítio com uma tenda gigante, no meio do mato, onde meninos sarados e meninas sensuais bebiam e dançavam enlouquecidos por mais de dez horas ininterruptas. Eu desmaiei de tanto ingerir balas – como o ecstasy é conhecido nas baladas – e só acordei no hospital.

A segunda overdose aconteceu em outra rave, dessa vez no balneário de Punta del Leste, no Uruguai, um dos mais agitados do litoral da América do Sul. Sob o efeito de drogas alucinógenas, como lança-perfume e balas, misturei álcool com medicação de tarja preta. Não preguei os olhos por doze horas seguidas até desacordar. Parecia um zumbi. Impossível recordar ao certo o tempo que fiquei apagada.

Toda vez em que regressava dessas festas, vivia crises de depressão após os picos de euforia e mergulhava na medicação proibida.

A terceira e mais pesada vivência com as drogas foi em uma etapa mais recente, em que já convivia com os ricos e famosos. As festas reservadas, das quais só participava gente selecionada, eram as que mais ofereciam oportunidades para o vício. Participei de dezenas, talvez centenas, delas no Brasil e no exterior. Em Las Vegas e Miami, nos Estados Unidos, e em Londres, na Inglaterra, eram as mais abertas para a oferta variada da droga, como vou contar alguns capítulos à frente sobre o meu envolvimento com a prostituição de luxo.

No Brasil, uma festa especialmente não me sai da memória porque tragicamente aconteceu no dia do meu aniversário de vinte e quatro anos, em outubro de 2011. Fui convidada para uma comemoração luxuosa numa mansão em Angra dos Reis, de propriedade de um célebre playboy carioca por quem estava apaixonada. Um grupo de quarenta amigos participou da festa que seria prolongada para um iate, já na madrugada.

O rapaz me rejeitou a noite inteira, o que produziu dentro de mim uma dolorosa angústia, e decidi me drogar. As opções, é claro, eram muitas e variadas. Ao altíssimo som de música eletrônica no barco, atravessei a madrugada consumindo balas, doces – como são popularmente chamados o LSD ou o ácido – e MD, os cristais, misturados à bebida alcoólica. Um vidro de lança-perfume foi reservado só para mim. E, como se não bastasse, cheirei cola de sapateiro dentro da latinha de um energético a noite inteira.

Eu saí de mim.

De volta à mansão, já quase ao amanhecer, tive uma drástica alucinação. Eu me vi levantando do sofá e tentando matar uma das moças da festa. Na minha insanidade, ela me provocava e eu a atingia com uma faca.

– Andressa, você não está entendendo? Você não está entendendo? – ecoava a frase nos meus ouvidos, sem parar.

O meu surto continuava. Ouvi essa voz sinistra e aguda seis ou sete vezes. Logo após, ainda na minha visão, os convidados da festa se levantavam e, girando em torno de mim, gritavam meu nome.

– Andressa! Andressa! Andressa!

"Meu Deus!", dei uma sacudida em mim mesma e, voltando à realidade, corri para abraçar uma amiga.

Mesmo sob o efeito de tantas drogas, consegui pedir uma carona de volta para casa.

Acordei no dia seguinte arrasada. Um lixo de gente. Uma acusação martelava minha mente sem parar: deixei meu filho e minha mãe no próprio

dia do meu aniversário para ter outra overdose de drogas. Que pessoa eu era?



ÓDIO NAS PALAVRAS



Certo dia, ao me preparar para mais uma noite de trabalho, me assustei com uma macumba em cima do meu armário. Uma boneca, cheia de costuras amarradas, com o meu nome escrito nas pernas e braços de pano. Dentro do armário, minhas roupas de dançarina pichadas de tinta preta e, em frente ao móvel, um punhado de terra de cemitério.

O sangue ferveu na hora. Peguei a boneca, desfilando pelo salão e debochando, gritei:

– Olha que linda a boneca que eu ganhei!

As garotas arregalavam os olhos ao me verem brincar com o trabalho às entidades.

– Em mim, não pega! Não pega, meu amor! Pode virar um caminhão de terra de macumba no meu armário! Em mim, não pega! Vai voltar tudo! – falei, ainda mais alto.

Na minha cabeça, eu estava protegida pelos espíritos invocados pela mulher mística. Permanecia fiel aos meus banhos e ao pagamento de champanhe para a cigana dela.

Furiosa, reclamei ao dono do bordel:

– Mancharam todas as minhas roupas. Tem um monte de terra em cima do meu armário. Fizeram essa boneca toda amarrada com meu nome. O que você vai fazer? Você precisa pegar quem fez isso!

Joguei a boneca no lixo. Logo depois, na tentativa de me acalmar, ele tomou a iniciativa:

– Vem cá, Ímola. Vamos conversar com as gurias.

Por alguns minutos, reuniu no camarim todas as meninas que faziam show e estavam na casa naquele momento.

– Parem de implicar com a Ímola. Ela é quem dá menos trabalho entre vocês e também é a mais pedida pelos clientes – discursou, na frente de todas.

Uma das garotas reagiu na hora:

– Ah! Você a protege! Defende quem não merece. Ela não presta. Todo mundo aqui sabe disso.

As demais garotas se calaram. Logo deduzi que era ela a autora da macumba. Ao encerrar a reunião, apontou o dedo para mim e me xingou. Não tive dúvidas: acertei um soco na cara dela.

– Tirem essa louca de perto de mim! – espumava de fúria. O dono do bordel expulsou a moça. No mesmo momento, ordenou aos seguranças que a colocassem na rua, mas, antes que todos percebessem, ela voltou de surpresa e me agarrou pelos cabelos. A confusão foi geral. Bofetões por todos os lados até pararmos na delegacia, onde dei queixa por agressão física. De fato, eu era uma mulher de índole ruim. Morria de inveja das meninas que se destacavam um pouco a mais no bordel. Não aceitava que ninguém me superasse, em hipótese alguma. A última palavra era a minha. Tudo tinha de ser do meu jeito. Meu comportamento era extremamente individualista e competitivo.

Valia tudo para não perder uma disputa com as rivais. Encomendei incontáveis rituais às entidades para fazer o mal. Pedia para utilizar partes de corpos humanos e animais nos trabalhos de magia negra. Para um dos meus alvos, uma garota de programa que me esnobava, exigi dos espíritos que fizessem nascer fungos no órgão genital dela. E aconteceu da maneira como determinei: surgiram sete furúnculos em sua parte íntima.

Paguei rituais para expulsar, roubar, provocar doenças e até matar outras meninas, movida sempre por extremo ódio. Eu me tornei um ser humano péssimo, sem adjetivos à altura para me classificar.

Por muito tempo, me apresentei nos shows vestida com uma fantasia sensual de diabo. Isso já dizia tudo.



UMA HORA DE PRAZER POR TRINTA MIL REAIS



Com o passar do tempo, infelizmente, eu me tornei uma das prostitutas mais caras e desejadas do Brasil. Meu corpo estava torneado, perfeito, em decorrência de cirurgias plásticas e anabolizantes, e despertava a atenção. Ainda cobrando por programas em Porto Alegre, sabia que existia um só caminho para aumentar o meu valor e trilhar uma escalada ainda mais audaciosa: eu precisava ser famosa.

Morria a Ímola e nascia a Andressa Urach.

– Você precisa de ensaios fotográficos, ser capa de revista, notícias em sites, virar assunto na televisão. Se você não aparece, não cresce e não fatura mais – me aconselhava um dos cafetões mais conhecidos de São Paulo, entre tragos de charuto e goles de uísque no bar de um hotel refinado da cidade.

Por intermédio de um amigo em comum, no começo de 2011, pedi essa conversa particular para estudar os caminhos seguintes na minha carreira.

– Pode acreditar. Você ainda vai ouvir falar muito de mim. Voltaremos a conversar em breve – encerrei o encontro, partindo direto para o aeroporto de volta à capital gaúcha.

Semanas depois, conquistei o título de "Musa do brasileirão" do Internacional, clube de futebol do Rio Grande do Sul, em uma competição promovida por um programa esportivo da TV Globo, que selecionava as torcedoras mais belas e sensuais de cada time do campeonato brasileiro. As fotos ousadas ficavam expostas em um site, onde os internautas elegiam suas prediletas.

Em seguida, venci um concurso para, durante dois meses, ser assistente de palco do programa *Legendários*, da TV Record, desbancando outras duas candidatas. Na etapa final, contracenei um beijo na boca e simulei cenas apimentadas com um ex-ator participante do *reality show A Fazenda*, também da Record.

Retornei para São Paulo, dessa vez a convite do cafetão que havia conversado comigo meses atrás. Era a minha entrada no mercado de prostituição de luxo da cidade mais rica do Brasil.

– Tenho um cliente muito especial para você. Ele é um médium daqui, aqueles caras que fazem previsão do futuro, e quer sigilo absoluto. Vai pagar dez mil reais pelo programa – avisou, sem tirar o olho de mim,

espalhando fumaça do charuto.

Eu concordei com a cabeça e, antes de sair do mesmo bar do último encontro, anotei os detalhes da empreitada. Parecia um sonho. No auge do bordel, lucrava trinta mil reais por mês e, agora, dez mil reais em uma única noite. O médium me esperaria no próximo dia em um dos motéis mais conhecidos da capital paulista. Ao entrar na suíte, notei a beleza do lugar: saunas, espelhos por todos os lados e até uma piscina privativa. Ele estava lá: vestido com a roupa da rua, trocando o canal da televisão.

Era um homem mais velho, na faixa dos sessenta anos, cabelos grisalhos, um tanto rechonchudo.

– Oi, Urach, muito prazer. Nossa, como você é linda! Eu te vi pelas fotos, mas você é mais bonita pessoalmente – elogiou, ao sentar na cama.

Admito: deitar com ele não foi uma missão fácil. A cada segundo, sentia repulsa ao ser tocada. Trocamos contatos e continuamos a nos falar até que, certo dia, ele me fez outra oferta, dessa vez mais indecorosa.

– Foi muito bom ter te conhecido. Mas acho que você precisa de uma família, um homem como eu do seu lado. Alguém para te proteger e cuidar da sua vida – introduziu a conversa, em um restaurante no bairro paulistano dos Jardins. – Você pode ir morar comigo. Se quiser, leve seu filho para passar um tempo lá. Posso até casar com você – prometeu.

Mudei para a casa do médium naquela semana, em um condomínio confortável em Alphaville. Ele me pagava mensalmente entre dez e doze mil reais para ser mulher exclusiva dele. Toda semana, me presenteava com roupas, bolsas e joias. Tinha um carro à minha disposição. Ele passava a maior parte do tempo em casa.

Atendia seus clientes por telefone e, mentindo, contava estar arreando despachos e fazendo previsões enquanto assistia a jogos e filmes comendo pipoca. O médium também era um homem muito duro e maltratava seus funcionários. Em poucos meses, passou a me tratar com ignorância, e decidi ir embora. Na hora de partir, na porta de sua casa, fez outra proposta:

– Espere, não vá. Você não quer participar do Big Brother? Eu conheço o diretor do programa. Eu vou te colocar lá dentro.

Eu virei as costas e entrei no táxi.

Em seguida, fui convidada para participar da gravação da propaganda de uma conhecida marca de refrigerante e lá conheci o cantor Latino. Pedi uma chance para ser sua dançarina, acreditando que poderia acrescentar alguns passos a mais na minha trajetória. Ele topou me ajudar por ter tido certa visibilidade em programas de TV.

Me mantive no posto de dançarina do grupo por cinco meses, o que

me obrigou a viajar exaustivamente em turnês de shows pelo país. Mas não havia mais tempo para agendar programas com os meus clientes e deixei de ser "latinete". O próprio cantor não admitia esse tipo de postura entre suas bailarinas. Nessa mesma fase, recebi um convite para posar nua na capa de uma das principais revistas masculinas do Brasil. E, então, reencontrei o rastro do dinheiro.

Comecei a investir em shows eróticos no embalo das vendas da revista. Em média, cobrava quinze mil reais de cachê por apresentação. Mais adiante, com o meu nome ainda mais conhecido, cheguei a ganhar duzentos mil reais por duas apresentações como, por exemplo, ocorreu certa vez em Goiânia. Foram somente vinte minutos no palco. Algo impensável para quem ganhava cento e cinquenta reais por dança no antigo bordel.

Tocavam sempre duas músicas. Na primeira performance, eu interpretava uma bruxa, com um vestido preto longo e uma vassoura nas mãos. O caldeirão soltava fumaça no palco e, então, iniciava a segunda trilha. A velha bruxa se transformava em uma linda mulher, e eu surgia praticamente nua ou com as partes íntimas pintadas de tinta. Os homens deliravam.

O esquema sempre se repetia. Organizava noites de autógrafo para lançar a revista masculina em boates, com geralmente quarenta ou cinquenta exemplares à venda. Caso surgisse um cliente interessado em agendar um programa comigo, discretamente, a negociação era feita ali, na hora, com os gerentes das casas. Tudo isso era previamente autorizado por mim. Eu dava sim ou não para cada proposta antes de fechar negócio. Cobrava de sete a quinze mil reais.

As regras eram rígidas. Eu saía em um táxi, sozinha, e encontrava o cliente já no quarto do motel. Não era permitido jantar nem fazer fotos ou filmagens. Eram só duas horas dentro do quarto. E o pagamento total sempre deveria ser feito com antecedência: metade antes do encontro e metade antes da relação sexual.

Viajei pelo país e pelo exterior ganhando dinheiro assim. Os agentes marcavam e eu partia, sem medo. Estava tomada por uma cega e perigosa ganância.

Fui para a Cidade do Panamá participar de orgias na mansão de um dos maiores empresários de lá ao lado de outras quatro garotas brasileiras. Havia homens armados por todos os lados. Fui para Manaus e Rio Branco, no calor abafado da Amazônia, para me encontrar com fazendeiros e empresários conhecidos da região. Não conhecia antecipadamente nenhum contato, mas encarava o risco. Cada um desses encontros me proporcionava entre dez e quinze mil reais. Se o cliente exigisse sexo anal, o preço subia. Um

deles, insaciável, chegou a me pagar trinta mil reais por uma hora de prazer.

Eu era um produto sempre disponível.



CELEBRIDADE A QUALQUER PREÇO



Para manter meu preço em alta, era preciso estar em evidência. Viver um vale-tudo pelos holofotes.

Obedecia a uma espécie de cartilha para meu nome não deixar de ser notado. Mandamentos práticos para aglutinar os flashes e notícias nos sites, revistas, jornais e programas de fofoca. Expus meu corpo com roupas justas, transparentes e curtíssimas em festas e eventos. Por vezes, deixava aparecer minha calcinha, de propósito, para ser clicada pelas lentes.

Com regularidade, pousava para ensaios picantes mostrando todo o corpo, sem reservas. Nas entrevistas, minhas declarações tinham de ser voltadas à baixaria ou a brigas e barracos para fabricar polêmicas. Lavar roupa suja em público sempre deu certo. Inventava romances, lésbicos ou não, e pagava fotógrafos para registrar os instantes de intimidade. Negociava matérias exclusivas sem me identificar. Era necessário me submeter a absurdos. Fazer o que ninguém pensou ou tivesse coragem de fazer. Anular a honra. Anular a dignidade.

Em 30 de novembro de 2012, ganhei o segundo lugar em um concurso brasileiro chamado "Miss Bumbum". A competição reunia dezenas de mulheres de todo o país em desfiles de fio-dental para uma banca de jurados. A vencedora era premiada com um ensaio de capa de uma revista masculina.

Estava obcecada em ganhar o concurso, mas perdi o título na avaliação final. Tempos depois, descobri que apenas não venci porque já havia posado nua para outra revista masculina, o que atrapalharia as vendas da publicação. Logo, tive a ideia de fingir um namoro gay com a terceira colocada para atrair a atenção, aniquilando assim qualquer chance de repercussão em torno da vencedora. E deu certo.

Na hora da entrega da faixa para a campeã, dei um beijo na boca da outra garota. As fotos correram a imprensa. No dia seguinte, pagamos um paparazzo para nos "flagrar" em momentos quentes em um iate na praia do Guarujá, no litoral de São Paulo. Fomos manchete em dezenas de sites e colunas sociais. Comemorei a proeza em um bar com as minhas amigas.

Pouco antes, ganhei um concurso chamado de "A Gata da Indy", escolha do público para a brasileira com curvas mais sensuais na celebração da Fórmula Indy em São Paulo, em abril de 2012. Diante da imprensa,

simulei um test-drive em um dos carros da competição e, para comemorar o título, participei de um ensaio fotográfico, somente de fio-dental, em frente ao Complexo Viário Ayrton Senna, um dos pontos mais movimentados da cidade, segurando apenas a bandeira do Brasil.

No ano seguinte, em março de 2013, em pleno inverno europeu, fiz topless em Paris, na França. Os turistas e policiais circulavam ao meu redor protegidos com casacos pesados, gorros e luvas e eu, vestida com um biquíni, botas e uma jaqueta de couro preta para tornar aquela sessão de fotos suportável. Também fiz fotos seminua em Londres, na Inglaterra, e em Miami e Nova York, nos Estados Unidos, onde posei de biquíni em plena Times Square, local badalado da metrópole norte-americana. Em abril de 2013, viajei para Buenos Aires, na Argentina, para outro ensaio sensual. Dessa vez, mudei a estratégia: usei um vestido amarelo muito curto e decotado com o escudo da seleção brasileira de futebol, que teria um jogo naquele dia contra a Argentina pelo torneio sul-americano sub-17. Fiz fotos com torcedores e fãs, até ser convidada a me retirar do local pelos organizadores.

A minha imagem de fio-dental começou a correr fora do Brasil.

No Rock in Rio, festival de música do Rio de Janeiro, apareci usando um figurino de roqueira: calça e mini jaqueta de couro. O sutiã estava à mostra. Apesar da transição do inverno para a primavera, o calor carioca era insuportável e beirava os trinta e sete graus. Não pensei duas vezes: tirei a roupa. Fiquei apenas de biquíni na entrada de acesso aos camarotes. E assim desfilei por horas, fazendo pose para os fotógrafos.

Nesse dia, já era possível notar nas minhas pernas os primeiros hematomas causados pela rejeição ao hidrogel. Para tirar proveito da situação, eu declarei aos jornalistas:

– Muitas pessoas vão perguntar sobre essas marquinhas. O que eu tenho a dizer é que são marcas do meu novo amor.

Essa frase foi publicada em alguns sites e revistas de entretenimento.

No carnaval de São Paulo, em 2013, nova situação armada em nome da fama. Primeiro, inventei que assaltantes haviam roubado minha fantasia da escola de samba Tom Maior, agremiação pela qual desfilaria, e, por isso, surgi no Sambódromo do Anhembi com os seios completamente à mostra.

Em seguida, ao me posicionar no destaque do carro alegórico, conforme havia sido prometido, me expulsaram para um espaço escondido no meio da fumaça. Comecei a chorar em plena concentração. Eu e meu antigo empresário partimos para a discussão com a direção da escola de samba.

Foi um bate-boca só. Acabamos hostilizados em meio a tanta gritaria.

Tudo exibido ao vivo pela TV Globo, emissora brasileira que detém os direitos exclusivos de transmissão do carnaval. Por fim, não desfilei e passamos a madrugada registrando boletim de ocorrência por injúria e ameaça.

Meu objetivo era ser famosa a qualquer preço. Engolida por esse tsunami de euforia e engano, cheguei ao cúmulo de quase expor meu filho, então com apenas sete anos. Ele estava prestes a realizar uma simples cirurgia de fimose – retirada da pele que recobre a glande do órgão genital masculino – com o meu cirurgião plástico quando tive a ideia de divulgar uma nota na imprensa sobre a operação.

– Você é maluca? É do seu filho que estamos falando! – exclamou, irritado, o médico Júlio Vedovato.

Contrariada, desisti da ideia.



JOGADORES, ARTISTAS, BICHEIROS E EMPRESÁRIOS MILIONÁRIOS



Fiz muitos programas de luxo ao longo do tempo de convívio no reduto das celebridades. Não vou citar cada um dos nomes dos homens que passaram pela minha vida porque não me sinto no direito de expor a privacidade de ninguém, a não ser os casos que se tornaram públicos pela imprensa.

Mas a lista de clientes é extensa: cantores famosos, apresentadores de televisão, modelos, médiuns, bicheiros, donos de escolas de samba, publicitários e empresários da alta sociedade, artistas de novela e jogadores de futebol conhecidos no Brasil e no mundo. Com alguns, me envolvi apenas uma noite, mas com outros mantive relacionamentos que duraram bastante tempo. Sempre por dinheiro ou para conquistar mais fama.

O glamour da vida dos astros do futebol sempre me atraiu, e eu os atraía sempre. Os mais mulherengos, casados ou não, me contratavam para programas de um ou dois dias seguidos. Tive envolvimento com vários jogadores da seleção brasileira de futebol. Em julho de 2012, um famoso atleta, identificado aqui apenas como " jogador da seleção um", me pagou quatro mil euros para passar cinco dias em Londres. Tudo desembolsado por ele: passagens de avião, hospedagem em hotel de primeira e os gastos durante a estadia.

O acordo começou em uma conversa fechada no Facebook. Ele contou que era casado, tinha filhos, mas me achava muito atraente. Pediu discrição absoluta antes, durante e depois dos dias juntos na Inglaterra. Na minha chegada ao país, acabei barrada na alfândega para verificação de documentos. Revistaram minha mala e me interrogaram em inglês, respondi com a ajuda de uma tradutora da polícia. Como não havia nada ilegal, fui liberada.

O imprevisto me assustou, mas não me impediu de cumprir meu trato. Um dos assessores particulares do " jogador da seleção um" me apanhou no aeroporto e me vigiou o tempo inteiro na viagem.

– É sempre assim, é? – perguntei para ele, cobrindo minhas pernas de frio ao entrar no carro.

– Isso. Ele recebe todo mês algumas amigas brasileiras e faz questão de tratar cada uma com muito carinho e atenção. Muito carinho mesmo – enfatizou, rindo, enquanto dirigia o carro.

– E a mulher dele? – perguntei, curiosa.

– Nem desconfia. Cuida dos filhos. Armamos tudo direitinho para nada dar errado – explicou.

No meio da noite, o " jogador da seleção um" bateu na minha porta e fizemos sexo. Tímido, bem-arrumado e cheiroso, largou o envelope com os euros em cima da cômoda. Na hora de se despedir, pediu para dormir comigo.

No outro dia, me levou de carro para visitar os pontos turísticos mais ilustres de Londres, como o Big Ben e o Palácio de Buckingham, residência oficial da família real. Almoçamos em uma sala fechada de um discreto restaurante italiano e, à noite, à base de muito champanhe e uísque, dançamos no camarote de uma conhecida discoteca local. Ao voltar para o Brasil, perdemos o contato. Nunca mais o vi.

Meses após a passagem por Londres, surgiu o " jogador da seleção dois", em outra viagem internacional, dessa vez para uma cidade da Rússia. Ele também era casado e tinha filhos. Foi a primeira vez na vida que vi neve. Era uma festa particular comigo e mais duas garotas de programa brasileiras. Uma delas cancelou a ida em cima da hora e sobrou para nós duas a missão de recepcionar o " jogador da seleção dois" e seus amigos de time. Claro, renegociamos um valor maior: doze mil reais para cada uma.

A orgia aconteceu em uma casa fechada em um condomínio, não sei ao certo de qual dos atletas. Os três jogadores queriam ter relação comigo ao mesmo tempo, mas resisti. Na primeira noite, me deitei apenas com o " jogador da seleção dois" que, no meio da madrugada, trocou de quarto para se relacionar com a outra garota de programa.

No outro dia, após o almoço, nova festa regada a bebida e prazer em uma mansão no condomínio vizinho. Os jogadores eram os mesmos. Todos beberam bastante uísque na piscina aquecida e, na hora do banho de sauna, houve relação sexual em grupo. Os homens não se tocaram, mas virei um objeto na mão de cada um deles.

No jantar de despedida, um dos rapazes comentou ser amigo íntimo do craque português Cristiano Ronaldo, naquele tempo considerado pela FIFA o melhor jogador do mundo. Foi aí que começou o meu caso que viraria manchete em toda a imprensa no Brasil e na Europa, como vou contar em algumas páginas.

Surge, então, o " jogador da seleção três". Muito jovem, rico e renomado, ele não pagou para dormir comigo. Agiu com gentileza durante a noite em que estivemos juntos, embora eu soubesse que me tratava apenas como um produto para satisfazer seus desejos. Ele era solteiro, mas namorava.

Nosso encontro foi em São Paulo mesmo, mais precisamente no meu

apartamento. Guardei as mensagens de conversas no WhatsApp e a gravação de imagens das câmeras de segurança do meu prédio como provas, caso houvesse alguma implicância comigo no futuro. O curioso é que o " jogador da seleção três" deixou um roxo no meu tórax, provocado por uma repentina mordida na cama. Isso foi detalhado por ele próprio nas conversas registradas no meu celular.

As viagens pelo exterior para vender meu corpo me proporcionaram muito dinheiro e regalias. Comprei joias finas, sapatos caros, roupas e bolsas de grife. Não tinha controle para gastar o que recebia. Cheguei a pagar doze mil reais por uma bolsa Chanel em Paris e outros vinte e cinco mil reais por um vestido Valentino em Nova York.

No Brasil, comprei um apartamento na zona nobre de Porto Alegre e outros dois menores para investimento. Nas joalherias dos shoppings grã-finos do Rio de Janeiro e São Paulo, cometia extravagâncias para quem não sabia lidar com valores altos. Paguei à vista quinze mil reais por um relógio de ouro cravejado de brilhantes e, para ter um animal de estimação, investi seis mil reais em um sagui domesticado.

As ligações não paravam. Viajei para Miami para sair com um modelo brasileiro internacional, o que me rendeu oito mil reais, quando ele intermediou um encontro surpreendente com um famoso galã de novelas da TV Globo.

– Como assim? Ele não precisa pagar para sair com nenhuma mulher. Ele escolhe quem quiser – argumentei, surpresa.

– Não é bem desse jeito. Ele é casado, pai e tem umas taras diferentes. Nada que te machuque, mas gosta de coisas fora do comum – disse, sem precisar expor muito para me convencer.

Em novembro de 2012, no meio da tarde de uma quarta-feira, cheguei ao ponto marcado pelo modelo de Miami: um apartamento na Rua Haddock Lobo, no bairro paulistano dos Jardins. Ao ficar frente a frente com o ator de novelas, suspirei. Era um dos homens mais cobiçados pelas mulheres no Brasil.

De cara, me passou um envelope fechado e pediu para eu contar o dinheiro. Oito mil reais em espécie, conferidos por mim em tempo recorde. Em meio à relação sexual, rapidamente descobri seus fetiches. Ele me dava tapas e puxava meus cabelos com força, nada que me provocasse muita estranheza.

Até que passou a morder minha cabeça sem parar e com certa violência. Isso mesmo: foram tantas bocadas em mim que terminei a relação com o crânio cheio de marcas de dente.

Marcamos novo encontro, duas semanas depois, dessa vez no meu

apartamento no bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Alertei que estava sendo perseguida por alguns paparazzi, por isso, adotamos uma estratégia de sigilo.

– Me pegue do outro lado da rua em frente à minha casa.

Vou sair pelos fundos do prédio – combinei, por telefone.

– Não tem problema, Andressa. Acabei de trocar de carro, os fotógrafos não sabem ainda – me avisou, também apreensivo.

Ao entrar no banco do passageiro, me dei conta de que não tínhamos onde passar algumas horas a sós.

– Tem um motel aqui no bairro, mas todo mundo vai te conhecer – falei para ele.

Antes de entrar, o ator estacionou o carro, pediu para que eu dirigisse e pulou para o banco traseiro. Encolhido, com boné e óculos escuros, conseguimos chegar a uma suíte do motel. Outro intenso ato sexual marcado pelas dentadas na minha cabeça. Ele não foi o último galã que atendi como garota de programa. Dividi noitadas com outro modelo brasileiro, famoso por namorar estrelas da música internacional. Tudo aconteceu muito rápido e sem boa vontade no apartamento dele na zona sul do Rio de Janeiro.

Outra situação inusitada ocorreu em junho de 2013, quando fui convocada para uma reunião a portas fechadas com o empresário de um badalado cantor. O dono de uma agência de eventos no Rio de Janeiro foi quem fez a proposta:

– Você precisa fingir namorá-lo. Sair nas fotos, jantar abraçada, andar de mãos-dadas, dar declarações sobre o lado romântico dele, dizer que é um cavalheiro – detalhou as instruções, de forma didática.

– Mas ele vai ser meu namorado para valer? – questionei, achando tudo bem esquisito.

– Você está interessada ou não? Pagamos oitenta mil reais por seis meses de namoro com o rapaz.

Aceitei na hora. Detalhe: o próprio cantor não sabia da armação. Ninguém me contava abertamente, mas deduzi que era uma iniciativa do próprio pai do artista e do empresário que administrava sua carreira. Por meses, participei de shows, gravações, jantares e eventos vips, sempre sorridente ao lado dele. Mas também existem perigos na vida da prostituição de luxo. Eu me arrisquei ao me envolver com criminosos, sem saber ao certo que cometiam ilegalidades. Eles me ajudavam financeiramente de uma forma ou de outra, mas nunca procurei conhecer a procedência do dinheiro sujo.

Um dos casos mais marcantes foi o de um bandido perigoso, ex-presidiário de trinta e nove anos, morador da zona leste de São Paulo, que

conheci no camarote de um estádio de futebol. Homem forte, de boa aparência e voz rouca. Lembrava muito um amante que tive na fase do bordel, ainda no Rio Grande do Sul. Destemido e agressivo no dia a dia, cumpriu pena por tráfico de drogas. Como forma de retribuição às minhas noitadas, pagava o aluguel do meu apartamento.

Ostentava correntes de ouro no pescoço e relógios grandes no braço quando me levava para bailes funk na periferia paulistana. O relacionamento passou a ser de um namoro mesmo, embora fosse casado. Saíamos praticamente todas as noites. Em uma dessas festas, descobri o traço agressivo de sua personalidade. O bandido teve um ataque de ciúmes ao me ver conversando com um dos frequentadores do clube interessado em tirar uma foto comigo.

– Eu vou te quebrar, Andressa. Não brinque comigo – gritou, com raiva, e me puxou pelos cabelos na frente de todos.

Na hora da relação sexual, me batia no rosto e me sufocava sem dó. Em uma das noites, quando sua esposa havia viajado, pegou um revólver na gaveta do criado-mudo do seu quarto e o encostou nas minhas costas. Subiu a arma devagar até a minha nuca com a ponta do cano levemente encostada na minha pele.

– Se você me trair, eu te mato. É só puxar esse dedo aqui, fácil assim – sussurrava, sem eu saber até que ponto ele brincava ou falava a sério.

Nosso contato chegou ao fim quando ele se mudou para fora do país.

Outro marginal que cruzou meu caminho foi um conhecido bicheiro, dono de uma das principais escolas de samba do Rio de Janeiro, só que com o perfil completamente oposto ao do bandido perigoso. Eu virei sua amante porque me encantei por sua simpática companhia. Todos os meses, depositava altas quantias de dinheiro na minha conta apenas para me ter como acompanhante exclusiva.

Pouco antes de ser internada no hospital, já sofrendo com as crises agudas da aplicação do hidrogel no meu corpo, rompi o relacionamento com um empresário gaúcho milionário, apontado na lista dos brasileiros mais ricos da revista *Forbes*.

Não tinha mais saúde para prosseguir.



ASTRO DO FUTEBOL EM MADRI



Como disse anteriormente, na festinha particular com o conhecido jogador da seleção brasileira na Rússia, um dos seus colegas de clube me contou que era amicíssimo do jogador português Cristiano Ronaldo, considerado o melhor do mundo em 2008, 2013 e 2014.

Sempre o admirei como esportista e por ser um homem bonito e elegante. Passei o número do meu telefone no Brasil, retransmitindo o meu intenso desejo de ter um encontro particular com ele. Além de encantada pelo porte físico do jogador, também acreditei que seria uma nova oportunidade para conquistar mais fama.

– Nossa, ele é o meu sonho de consumo. Sou louca pelo Cristiano! Pede para ele me ligar, pede? Faço tudo para sair com ele – implorei, mesmo sabendo que, à época, o craque do Real Madrid namorava a modelo russa Irina Shayk.

– Claro, vou passar. Em você, nós confiamos – respondeu o meu contato.

Os jogadores de futebol do meu ciclo de relacionamentos sempre confiaram em mim por causa da total discrição dos meus encontros. A maioria deles era casada e personalidades reconhecidas pelo grande público, o que aumentava neles o receio de serem descobertos e envolvidos em um escândalo de traição. Cristiano Ronaldo me ligou exatamente na tarde do dia 19 de março de 2013. Na hora, levei um susto. Depois de se apresentar, com um sotaque português bastante enrolado, foi direto ao assunto.

– Você é mesmo a Miss Bumbum do Brasil? Tem o bumbum mais bonito daí? Gosto muito de bumbuns – afirmou, sarcástico e sem pudores.

– Vou para Madri fotografar no mês que vem. Se você quiser me ver, estarei aí – propus, também já desinibida.

– Vamos manter contato. A gente combina pelo WhatsApp – finalizou a conversa, em poucos minutos de ligação.

Desliguei o celular, radiante. Mal podia acreditar que teria a chance de um encontro romântico com um dos jogadores de futebol mais reverenciados do planeta. Não queria saber de cobrar por essa viagem. “Dinheiro nenhum será capaz de pagar o sucesso de estar ao lado de Cristiano Ronaldo”, pensava comigo.

Nos trinta dias seguintes, as conversas com o jogador se tornaram

cada vez mais ousadas e quentes. Até que, na semana do embarque para a Espanha, planejei com meu antigo empresário uma estratégia para tirar o máximo de proveito da surpreendente situação. O plano era tirar uma foto ao lado de Cristiano para divulgar na imprensa da Europa.

Eu não iria expor a vida pessoal do jogador, queria apenas causar um novo burburinho na mídia em meu favor. Passei a gravar e imprimir todas as conversas pelo celular como prova da nossa proximidade, caso houvesse alguma confusão futura.

Em abril do mesmo ano, desembarquei em Madri pagando do meu próprio bolso as despesas de passagens aéreas e hospedagem. Cristiano Ronaldo escolheu o hotel e o horário do encontro. Avisou que não teria muito tempo, mas o suficiente para passarmos algumas horas juntos e nos conhecermos melhor. Eu, claro, topei de imediato.

O encontro foi agendado para as duas da tarde no hotel de luxo Villa Magna de Madri, um dos mais caros e conhecidos da capital espanhola, onde as suítes custavam até doze mil libras por noite. Assim que soube do local, contratei um paparazzo para permanecer de plantão na porta com a missão de me clicar ao lado do jogador.

Ao chegar ao lobby do hotel, para evitar que desconfiassem de mim, avisei-o de que havia um paparazzo na rua.

– Não há problema. Deve ser algum evento do hotel. Sobe para o sexto andar. Quarto número seiscentos e dezenove – me respondeu pelo WhatsApp, sem se preocupar.

Ao sair do elevador privativo, meu coração já palpitava e logo disparou quando a porta do quarto se abriu. Era ele em pessoa: Cristiano Ronaldo. Sorridente, me convidou para entrar e conversamos rapidamente sobre amenidades.

Logo me agarrou e tivemos uma intensa relação sexual. Ao contrário do que imaginava, o jogador era um tanto agressivo na cama.

Ficamos menos de uma hora no quarto. Enquanto se preparava para tomar banho, perguntei sobre a sua namorada russa. Ele disse que gostava dela, mas o "relacionamento não era nada sério", e desconversou. De repente, passou a olhar com mais atenção para o seu celular. Mensagens piscavam o tempo inteiro na tela do aparelho. A distância, eu não conseguia enxergar direito, mas deduzi que eram recados de algum funcionário do hotel de sua confiança ou dos seus seguranças, que o aguardavam no lobby.

Cristiano Ronaldo começou a ficar inquieto e eu, preocupada. Durante a ducha dele, escrevi rapidamente para o meu empresário contando o que havia acontecido e que achava que o nosso plano seria frustrado. Na mesma hora, apaguei tudo rapidamente, meio nervosa.

O jogador parecia irritado ao sair do banheiro. Eu me calei e apenas sorri, discretamente. Ele me pediu para descer para não sermos vistos juntos no elevador e, em um impulso, fiz um pedido:

– Posso tirar uma foto contigo como fã?

– Pode, mas não aqui no quarto. Desce e me espera no subsolo do hotel. Quando eu descer, a gente bate – respondeu, ríspido.

Fiquei parada no estacionamento por trinta minutos. Quarenta minutos e nada. "Ele me enganou", conclui, com raiva. "Ele me paga", pensei. Logo, surgiu um funcionário do hotel me avisando que ele já havia ido embora. Estranhei quando, ao chamar o elevador para o lobby com destino à rua, outro funcionário me puxou pelo braço e ordenou:

– Sobe. O Cristiano mandou você subir.

Sem reação, entrei no mesmo quarto, dessa vez vazio, e me trancaram por cerca de três horas. Agoniada, pedia ajuda para o meu empresário me dizendo vítima de cárcere privado. Fumava de nervosismo enquanto avistava fotógrafos na porta do hotel. Cristiano Ronaldo havia deixado o local, de carro, pelas portas dos fundos.

Mais tarde, o jogador me enviou uma mensagem dizendo que precisou sair às pressas e que os seus seguranças me levariam ao hotel onde estava hospedada. Quando abriram a porta para me soltar, vi três brutamontes no corredor. Um deles me pediu para acompanhá-los. Assustada, me levaram de volta ao subsolo para uma caminhonete preta de vidros escuros e só me deixaram sair na porta do meu hotel, quando havia garantia absoluta de que eu não seria fotografada.

Assim que fui liberada, só surgia à mente o desejo de vingança. Tentei falar e escrever para Cristiano Ronaldo, mas sem retorno. Contei toda essa história para um repórter do tabloide britânico *The Sun*. A reportagem foi capa de página inteira e provocou uma tremenda repercussão em toda a Europa. A matéria, com o título "Cheating Ronaldo Romps With Miss Bumbum" (Ronaldo malandro diverte-se com Miss Bumbum), descrevia em um dos trechos:

> *"Andressa Urach, 26, disse que o craque do Real Madrid foi para a cama com ela, depois de uma série de mensagens picantes. Ela disse ao jornal The Sun que Ronaldo sonhava com o traseiro dela, que ele chamava de 'cavalinho'. O encontro aconteceu um dia depois que o jogador português de 80 milhões de libras foi flagrado saindo de um restaurante em Madri, ao lado de uma Irina com a aparência furiosa. A modelo é namorada dele desde 2010. Ronaldo disse para Andressa encontrá-lo na cidade, depois do treino de segunda-feira".*

Ao saber da reportagem, Cristiano Ronaldo me ligou enfurecido e eu argumentei:

– Você me tratou mal. Eu só queria tirar uma foto de fã. Você me deixou plantada como idiota durante horas. Contei tudo mesmo.

A reação dele foi explosiva chegando a ponto de me escrever ameaças. "O dinheiro que você ganhou, vai perder para pagar os seus curativos", dizia um trecho. Cristiano acreditava que o jornal havia pagado para eu dar a entrevista, o que não era verdade. Imprimi tudo como prova contra futuras acusações.

Poucos antes dessa edição do *The Sun* chegar às bancas, o jogador me acusou em sua página no Facebook:

"Fui informado de que o The Sun*, fiel à sua linha editorial, irá publicar um artigo onde dá voz a uma tal de Andressa, alguém que quer ser o centro das atenções às minhas custas (...) Me pergunto*

por que isso acontece um dia antes de um jogo muito importante para a minha equipe. Profundamente indignado com a situação, tentam, em vão, afetar a minha vida pessoal".

O nome "Andressa Urach" corria a imprensa em quase todo o mundo.

Hoje, uso este livro de memórias para publicamente pedir perdão a Cristiano Ronaldo e a sua então namorada, Irina. Se pudesse voltar no tempo, escreveria uma nova página para tudo o que aconteceu.



MINHA VIDA DIANTE DAS CÂMERAS



O escândalo com o jogador Cristiano Ronaldo fez meu nome ser falado em todo o Brasil. A reportagem do *The Sun* trouxe novos convites para shows eróticos de norte a sul do País. Foi quando recebi a proposta para participar de *A Fazenda*, da Rede Record, um dos *reality shows* mais assistidos e polêmicos da televisão brasileira.

Era a minha oportunidade de alcançar ainda mais fama e dinheiro. Fiquei oitenta e cinco dias confinada com outras dezesseis celebridades em uma disputa pelo prêmio de dois milhões de reais. Sonhava com essa fortuna para dar um salto na vida. Meu objetivo era ganhar o primeiro lugar ou me tornar ainda mais conhecida, o que me geraria novos negócios.

No confinamento, a minha estratégia nas primeiras duas semanas era ser a vilã – estupidamente, porque via nas novelas os vilões aparecerem mais do que os mocinhos, acreditei que isso se repetiria na vida real. Não abusei da sensualidade com medo da rejeição do público. Usei roupas longas logo de início. Mas não deu certo: na primeira rodada de eliminação do programa, fui logo indicada para a "roça", nome dado à posição do participante como candidato a ser excluído pelos telespectadores. A raiva aflorou como desejo de vingança.

Em seguida, por vencer uma prova de resistência física e de sorte, eu ganhei o posto de "fazendeira", líder semanal do *reality*, que distribuía os serviços obrigatórios e indicava um participante para sair do jogo. De propósito, ordenei os piores serviços para os famosos com menor habilidade. Foi um desastre total.

Os que tinham medo de cavalos e lhamas, por exemplo, eram colocados para cuidar desses tipos de bicho. Os que tinham dificuldade para acordar cedo, até porque os via tomando remédios sob recomendação médica, eram obrigados a tirar leite da vaca nas primeiras horas do dia. E até os homens com menor prática para tarefas domésticas ficaram encarregados de lavar a louça e limpar os banheiros.

Todos os integrantes se irritaram ainda mais comigo. Consegui gerar inimizade com praticamente todo mundo lá dentro. Fui maldosa de forma calculista. Tudo planejado na minha cabeça. Meu prazer era a vingança. Claro que se tratava de um mero jogo na televisão, mas isso não me impediu de colocar em prática os meus instintos mais maldosos. Era o meu jeito de ser

vinte e quatro horas por dia.

Tentei fazer algumas amizades, mas ninguém acreditava mais em mim. Nas festas, eu me revelava um ser desprezível. Na noite do dia 15 de agosto de 2013, o Brasil dormiu com repulsa pelas minhas atitudes. A vergonha exposta em rede nacional.

Tudo começou com um ataque de nervos depois de flagrar um casal, formado dentro do *reality*, se acariciando embaixo do cobertor. Xinguei a moça e o rapaz dos piores palavrões. A reação dele foi cuspir no meu cabelo. Eu revidei e cuspi de volta, e ele começou a me xingar:

– Prostituta! Vagabunda!

– Ridículo! Machista! Preconceituoso! – revidei, e continuava cuspindo.

Ao todo, foram quase trinta cusparadas de um lado e de outro. Depois disso, fui chorar em um dos cantos da fazenda. Duas semanas se passaram e perdi novamente o controle com outra famosa do programa. Logo de manhã, tivemos um bate-boca severo por eu discordar das táticas do jogo. Ela me chamou de *stripper* enrustida e disse que eu tinha bafo. Eu rebati chamando-a de biscate.

– Você tem cara de travesti. Seu bumbum é de silicone. Sua barriga é de lipoaspiração. Vai tomar banho, sua porca. Sem-vergonha! – esbravejei, sem estar alcoolizada.

O nível só descia. Mas a situação chegou ao limite quando ela mencionou o meu filho, meu ponto fraco.

– Você não é uma boa mãe! – gritou.

Eu senti a pontada na hora. Minha vontade era de estrangular o pescoço dela, mas poderia ser expulsa do programa. Reagi novamente com um cuspe e mais insultos:

– Você pode falar o que quiser de mim, que eu sou garota de programa, qualquer coisa, mas menos dizer que eu não sou uma boa mãe. Não toque no nome do meu filho!

Os outros participantes tentaram, em vão, separar a briga. Eu perdi completamente a cabeça. Foram duas cusparadas em meio a palavrões.

Na edição final do programa, durante a última festa, cometi outra loucura: nadei nua na piscina da fazenda em protesto contra a vencedora. Tudo exibido na íntegra para todo o Brasil. Meses depois de deixar *A Fazenda*, fui contratada por outra emissora brasileira, a Rede TV, e as baixarias continuaram.

Meu nome já era sinônimo de tumulto.

Como uma das apresentadoras e repórter de uma atração diária de

variedades, fui submetida aos mais diversos constrangimentos. Nas transmissões do carnaval, beijei um travesti e um gari na boca. Pegava no bumbum das mulheres e as beijava, o tempo inteiro, ao vivo.

Durante a Copa do Mundo no Brasil, fui credenciada como repórter para fazer a cobertura dos jogos e escalada para encontrar o jogador Cristiano Ronaldo nos treinos e no hotel da seleção portuguesa. Na porta do hotel onde os jogadores estavam hospedados, apareci com os seios pintados com as cores da camisa do time, com listras verdes e vermelhas. No estádio em que Portugal se preparava para os jogos, na cidade de Campinas, no interior de São Paulo, tentei entrar no gramado seminua. Fui expulsa do estádio pelos seguranças, é claro.



COM MEU FILHO NO HOSPITAL



É embaraçoso aceitar o tamanho do vexame diante da minha família depois de viver cenas tão grotescas na televisão. Na minha jornada pelo submundo da prostituição e das drogas, eu conseguia manter os meus atos mais degradantes na penumbra, mas como esconder o que fazia e quem realmente eu era com tantas atitudes indignas na TV?

Meu filho Arthur nunca soube do que fiz nos bordéis, casas de shows e motéis para ganhar a vida. Nem minha mãe conheceu com tantos detalhes as situações mais dramáticas que enfrentei e, talvez, só descubra agora pelas páginas deste livro. Meus outros familiares nem sonham com tudo o que vivi e já cometi.

Há algum tempo, quando atravessei uma grave crise de depressão, já fora de *A Fazenda*, desabafei com minha mãe sobre o passado. Foi o mais próximo que chegamos da verdade.

– Isso mesmo, mãe. Eu saio com homens e tiro a roupa por dinheiro. Fiz muito isso nos últimos anos. Esse é o meu trabalho para trazer comida aqui para casa e pagar as nossas contas – revelei, com a voz triste, mas aliviada.

Ela ficou sem saber o que dizer. Desconfiada, eu fugia dos seus questionamentos na época de garota de programa no Rio Grande do Sul. Sempre afirmei que dançava em casas noturnas como profissional. Nunca tive coragem de contar a realidade com receio de provocar mágoas.

– Não quero que a senhora carregue nenhuma culpa. A sua parte foi feita. Eu sei que a senhora deu o seu melhor – completei. Sempre compreendi que um ser humano não pode dar o amor que nunca recebeu. Nem a educação e o carinho que jamais existiram para ele. Nossa família foi vítima de uma sucessão de erros. A raiz para tantos males é espiritual.

– Sabe, mãe, só tenho que agradecer à senhora por estar ao meu lado nesse tempo todo. O que seria do Arthur sem o seu amor de vó? O que seria dele em tantas situações em que estive ausente? Quem iria colocá-lo para dormir? Quem iria cuidar dele nas noites em que sentia a minha falta?

Dei um abraço caloroso nela e agradeci por existir para mim. Mais recentemente, percebi a necessidade de passar a minha vida a limpo também para o meu filho. Obviamente, pela idade dele, sei que não compreenderia tudo, mas era preciso uma conversa franca.

Estava me recuperando internada no Hospital Alvorada, em São Paulo, quando pedi para uma amiga trazê-lo. Ao entrarem, o sorriso meigo dele logo me tocou. Estava com receio daquele instante, quem sabe, por não prever qual seria a sua reação exata.

As culpas me atormentavam sem parar. Que mãe renunciaria o convívio amoroso com seu filho em nome de uma ambição desmedida? Quantas vezes optei pelas festas e diversões em vez de estar com o meu garoto? Não poderia ter me esforçado para conseguir um trabalho honesto, que me desse condições de sustentar minha casa e me dedicar ao meu pequeno? Eu fiz o meu melhor? Que mãe eu fui capaz de ser?

Era preciso recuperar o tempo perdido.

Pedi para ficar a sós com o meu filho no quarto. E, após respirar fundo, o puxei carinhosamente pelas mãos.

– Filho, senta aqui na cama. A mamãe quer falar contigo. Ele se aproximou, como sempre muito doce.

– Filho, sabe que a mamãe te ama muito. Eu quero conversar uma coisa muito séria. Quando a mamãe esteve muito doente e quase morreu, pediu para Deus cuidar de você. Sabe por quê? Porque eu nunca cuidei – admiti, tomada de arrependimento.

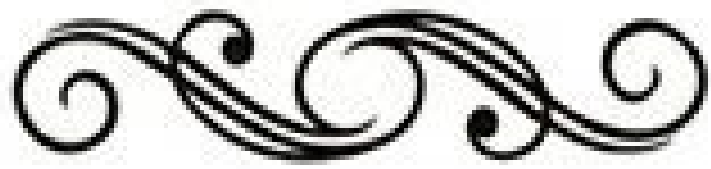
E continuei, segurando suas mãozinhas:

– A mamãe fez muita coisa errada. A mamãe fez coisas horríveis, muito feias mesmo, fez tudo de errado neste mundo. Mas eu pedi perdão a Deus e mudei. E agora preciso do seu perdão. Hoje, você é a pessoa mais importante para mim. Eu preciso da sua ajuda, filho.

Ele me olhou por alguns segundos e, com ternura, disse:

– Está bem, mãezinha. Eu te amo. Podemos descansar?

Eu chorei, sem dizer uma única palavra. E no silêncio do hospital, dormimos à noite abraçados na cama.



EU ME VENCI



HORA DE REERGUER



Eu sempre ouvi falar das histórias de gente excluída recuperada pela ação da fé. Não tinha noção ao certo de como isso acontecia na prática até que, aos poucos, conheci a essência de homens e mulheres resgatados do lado amargo da vida. Compreendi que tudo começa com uma transformação de mentalidade, uma troca de pensamentos e valores que nos torna arrependidos de tanta sujeira do passado e faz brotar em nosso interior o que temos de melhor.

Mas confesso que lutei para isso acontecer. Achei que não havia solução para mim. Achei que Deus jamais me perdoaria por tantos erros cometidos, um atrás do outro, e de maneira inconsequente. Achei que eu mesma nunca me perdoaria pela vida que construí.

Magoei muitos em torno de mim, alguns dos quais me amavam de verdade. Decepcionei quem continuamente esteve do meu lado. Tive atitudes dignas de um ser insensato com minha família, meus amigos, conhecidos ou não e, sobretudo, comigo própria.

As rebeldias da juventude me colocaram em situações degradantes, a ponto de sentir vergonha de detalhar tantas histórias. Brigas, surras e dependência precoce. Cigarro todos os dias quando ainda era uma criança. A perda da virgindade com um irmão de criação.

Tanta maldade logo cedo.

Agi com um desequilíbrio inexplicável no trato do meu corpo, com um mundaréu de transformações de imagem. Tatuagens, anabolizantes, tratamentos sem controle e intervenções invasivas em nome da obsessão pelo visual perfeito. Depois de quatorze operações em menos de quatro anos, em meio a um delicado processo de recuperação médica, quem pensaria em retirar a costela para ficar com a cintura mais fina e cortar os dedos dos pés para calçar um número menor?

O vício em cirurgias plásticas quase me matou.

Mergulhei a fundo nas drogas. Coloquei dentro de mim as substâncias mais nocivas à saúde. Maconha, cocaína, ecstasy. Sintéticas ou não, eu as consumia no embalo das músicas em som alto e da ferveção de festinhas particulares. Picos de tantos estimulantes, com overdoses, na solidão das raves. Alucinações com desejos de morte em mansões milionárias.

Não tinha limites.

Transformei meu corpo em uma mercadoria barata. Entreguei minha intimidade para centenas, quem sabe, milhares de homens em apenas vinte e sete anos de vida, protagonizando as cenas mais humilhantes para uma mulher. Ricos e pobres, maníacos, pervertidos, gays, religiosos, assaltantes, pedófilos, sadomasoquistas. Tinha satisfação em impor e receber dor nas práticas sexuais. Era obcecada pelo prazer obtido pela submissão.

Joguei minha honra no lixo.

Aceitei viver orgias apenas para me aproximar de gente famosa, convicta de que subiria certos degraus na vida. Artistas, empresários bem-sucedidos, jogadores de futebol famosos. Não media esforços para ficar rica.

Consenti vender minha dignidade.

Expus minha nudez como algo absolutamente natural, desejando apenas ser capa de jornais, sites e revistas de celebridades. Uma corrida desenfreada e insana pelos flashes. Fiz de tudo pela fama e pelo dinheiro.

Eles eram os meus deuses.

Dei as costas para o meu filho. Troquei um tempo precioso que poderia ser dedicado ao meu maior bem, meu pequeno homem, por baladas e festanças nas madrugadas. Quantas vezes o deixei sozinho na cama de casa e, vestida de microssaia, pernas e coxas à vista, maquiagem escandalosa, parti para a loucura da noite até o dia amanhecer. O beijo na sua testa era uma facada no meu peito, mesmo quando tentava me enganar que buscava apenas sustento para casa. Muitas vezes, sentia prazer na curtição das noitadas.

Que tipo de mãe realmente eu fui?

O ódio exalava nos meus dizeres. Meu prazer era ofender as pessoas, custe o que custasse, não importa quem fosse, em público ou não. Incessantemente, partia para a baixaria, disposta a tudo ou nada.

Por que tinha prazer em provocar rancores e ser detestada? Hoje, não tenho outra palavra para dizer a todos que feri: perdão. Perdão, perdão, perdão. Que cada um dos que machuquei, em menor ou maior escala, receba o meu sincero pedido de perdão. Imploro perdão com todas as minhas forças e de toda a minha alma. Antes de suplicar perdão às pessoas com as quais convivi e machuquei, fui buscar o perdão de Deus.

Assim que deixei o hospital, pisei na Igrej63a Universal decidida a erguer um antes e um depois definitivo na minha trajetória. Era preciso dar uma chance para Deus. Uma chance para mim mesma. Entrei com o corpo e o espírito destruídos, com meus medos e traumas aflorados, consciente de tudo o que fiz e do que fui. A primeira atitude foi olhar no espelho e não me preocupar mais com minha imagem, a aparência do meu corpo, mas com meu estado interior. Como me senti insignificante, um nada, alguém com

menos importância do que um papel rasgado na rua.

Ao mesmo tempo, despertou dentro de mim uma fé adormecida. Necessitava me esvaziar totalmente para receber algo sublime. Percebi que, quanto mais me compreendia um ser pequenino e sem valor, mais próxima eu chegava de Deus. Sua grandeza habitava no meu íntimo. Era tudo o que eu precisava. Nesse período, me batizei nas águas, ritual na Igreja para marcar a conversão de atitudes, simbolizando um novo nascimento, mas sem ainda poder mergulhar no batistério por causa dos curativos. Essa atitude também foi decisiva para mim. O batismo serviu para marcar, vigorosamente, a separação de duas fases da minha vida. Ali, afirmei para Deus que colocaria o meu passado, presente e futuro no Altar. E agradeci por estar viva.

Gratidão também foi o que me fez aceitar o convite para relatar minha história em uma reunião especial de domingo no Templo de Salomão, em São Paulo. Mais de 20 mil pessoas me ouviram falar durante quase uma hora. Emocionada, contei detalhes jamais revelados da minha travessia, como estou fazendo nas páginas deste livro. Na imensidão do Templo, nas fileiras de uma pequena Igreja ou sozinha no meu quarto, conversando com Deus, comecei a aprender o real sentido de existir. As peças foram se encaixando. Família, saúde, amor, trabalho, fé, felicidade. Os valores voltaram ao seu lugar.

Um passo decisivo foi parar de sentir autopiedade. Assumi meus erros para mim mesma. A culpa de tudo não poderia ser unicamente dos meus abusos e traumas da infância. Quantas mulheres se reerguem desse labirinto e conseguem vencer na vida, se tornar pessoas de bem e com amor-próprio? Foram centenas de programas sexuais em um ataque ao meu corpo em busca de cifras maiores. Decisões que me fizeram colher os frutos lá na frente por minha própria e única responsabilidade. Minhas escolhas me levaram ao fim de um túnel sem saída.

Parei de sentir pena de mim mesma, abandonei o papel de vítima. Nada poderia reverter esse passado, mas a maneira de lidar com isso deveria ser diferente. Eu colhi os resultados de tudo o que plantei. Fui eu a maior responsável por tantos desgostos. Fui eu que me afundei.

A palavra redenção ganhou um significado amplo para mim. Libertação, proteção, salvação, socorro. Indulgência. Tenho certeza absoluta do perdão de Deus e vivo essa crença sincera unicamente pela convicção nas promessas da Bíblia e nunca, jamais, porque sou ou me reconheça merecedora disso.

Não foi simples me aceitar depois de tudo o que fiz.

Certo dia, ainda no início de 2015, precisei ir à Igreja em busca de consolo. Sofria constantes crises de choro, tamanhas acusações que vinham

nos meus pensamentos. Como poderia ter sido tão ruim? Como fui capaz de me rebaixar tanto por coisas tão minúsculas? Como sentia prazer com situações tão infames? Como tudo sempre deu tão errado na minha vida? Por que provocava circunstâncias tão bizarras por instantes de sucesso? Ao chegar ao templo, um dos pastores, me vendo abatida, orou por mim e foi direto ao ponto.

– Andressa, você já matou alguém? – questionou, ao me chamar de canto.

– Não, pastor. Claro que não! – respondi, surpresa.

– Então... eu já fui um assassino no passado, há mais de trinta anos. Matei um vizinho em uma estúpida briga de bar. Paguei o preço na Justiça e me envergonho do que fiz. Mas me arrependi e mudei completamente de vida. O Senhor Jesus é quem nos perdoa, enterra o nosso velho homem e nos faz novas criaturas.

Ele me chamou para mais perto e, pausadamente, abriu a Bíblia para ler o trecho abaixo:

"E, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Coríntios 5.17).

Eu parei naquele instante. "Nova criatura?", pensei comigo. Meu passado, meu caminho emaranhado de erros, meu ciclo incalculável de transgressões eram coisas antigas e vencidas, não poderiam mais me condenar. Serviriam somente como lições do que nunca mais deveria praticar e como lembranças para provar que existe regeneração para os arruinados. Eu lutaria com fé para ser uma nova pessoa. Fiquei observando o pastor. Entendi que uma palavra muda tudo.

As palavras levantam, mas também tentam derrubar. Agora, curiosamente triste, sou vítima de preconceito por decidir escolher outro rumo para minha vida. Muita gente ataca minha moral e me ofende de graça, sem sequer ouvir a minha versão. Parece que recebo menos apoio nesse momento em que busco consertar meus erros e ajustar minha vida do que quando submergia na indecência. Naquele tempo, era admirada pelos desatinos que cometia. Todos me aplaudiam.

Agora, sou condenada por adotar uma fé que me reergue a cada dia. Sou criticada por crer na Bíblia, por falar de Deus e de um amor capaz de me transformar por dentro e por fora.

Mas não importa. Hoje, pouco a pouco, construo um novo amanhã.



ELES ORAVAM POR MIM



Dia após dia, avanço em meu novo estágio de vida carregando marcas cruciantes no meu corpo após a internação que quase me levou à morte. Ainda tenho dois buracos com espessura de quatro dedos em cada uma das pernas, de onde eram drenados os líquidos para a cicatrização. Passei muito tempo em casa, vinte e quatro horas sendo monitorada. Desde a alta, um grupo de médicos e enfermeiros passou a me aplicar antibióticos na veia, diariamente, pela manhã.

Foi penoso. Nos primeiros meses, meu corpo sentia falta da morfina do hospital e eu vomitava bastante. Tive anemia, porque perdi muito sangue no processo de internação, somam-se a isso a fraqueza e as tonturas. Deixei o hospital com seis quilos a menos – pesava setenta – e dezenas de pontos.

No meio da recuperação, contraí uma nova infecção durante uma viagem a Santa Catarina, sendo reconduzida à internação por mais onze dias no Hospital Alvorada, em São Paulo. Minha perna ficou superinchada, cheia de secreção e pus. Não conseguia caminhar, só me arrastava.

Fui, então, submetida a outro procedimento para acelerar a cicatrização dos ferimentos na perna. Era levada de carro por uma técnica de enfermagem para fazer a oxigenoterapia, isto é, uma inalação de oxigênio medicinal a cem por cento de pureza, dentro de uma câmara hiperbárica.

Sempre senti muitas dores, provocadas pela atrofia muscular causada pelo PMMA. Essa substância é definitiva dentro do organismo. Infelizmente, vou ter de conviver com ela o resto da vida. Não posso fazer exercícios pesados, porque podem causar inflamação no tecido muscular.

Apesar de todos os contratempos, frutos dos maus-tratos ao meu corpo, minha recuperação continuou lenta, porém sempre gradual. A evolução do meu estado de saúde, seriamente ameaçada pelos dias de UTI e pela gravidade do coma, surpreendeu os médicos.

O cirurgião Pedro Martins, que comandou as intervenções mais decisivas durante o meu coma, entende que algo diferente aconteceu comigo.

– Eu acredito em Deus e Ele salvou a Andressa através dos seus instrumentos, que somos nós. Deus se manifesta no ser humano e foi o que ocorreu nas horas de definição das medidas emergenciais que salvaram sua vida. Ela poderia ter morrido mesmo – resume ele, que tem cerca de oito mil

operações realizadas desde 1991.

Para o meu cirurgião plástico, Júlio Vedovato, não foi apenas a medicina que teve responsabilidade no meu restabelecimento.

– A medicina sozinha não salva ninguém. Muitos acharam que ela ficaria paralítica ou sem as pernas. Eu acredito que

Deus preparou um milagre para ela. Eu me comovi com o seu depoimento no Templo de Salomão. As conversas que tenho com a Andressa hoje deixam claro que aconteceu uma mudança interna, no âmago do seu ser – opina o médico.

Encarar a morte de perto me fez tomar decisões para mudar radicalmente o meu destino.

– A maior plástica pela qual ela já passou aconteceu na sua alma – resume o dr. Vedovato.

Concedi diversas e longas entrevistas para jornais, revistas e emissoras de TV do Brasil e do exterior, incluindo a norte-americana CNN e a BBC de Londres. Nesse período, minhas experiências foram temas de reportagens nos veículos mais prestigiados da imprensa internacional, como *The New York Times, People, The Sun, Daily Mail, Huffington Post* e *Washington*

Post. Meu nome se tornou um dos termos mais procurados pelo serviço de buscas do Google em 2014, em todo o Brasil. Durante todo o tempo, procurava assumir meus erros, alertar quem sonha com a fama, a fortuna e a perfeição da beleza a qualquer preço. E o mais importante: anunciar como Deus agiu na minha vida, me salvando da morte no hospital. Uma das reportagens mais marcantes foi concedida ao tabloide britânico *Daily Mirror*:

> *"Durante sua última luta com questões relacionadas a seus implantes, Andressa Urach pediu oração aos milhares de fãs no twitter. 'Eu estou sofrendo muito, mas Deus está comigo', disse a modelo. 'É minha culpa, minha vaidade me fez passar dos limites. Graças a Deus, eu já não preciso do meu corpo para trabalhar, agora eu trabalho com honra e posso sustentar a minha família assim. Eu prefiro ter pernas e ser capaz de andar e perder metade de uma nádega do que morrer'".*

Sobreviver não seria possível sem o socorro de homens e mulheres de persistência nos momentos mais tenebrosos que vivi hospitalizada. Muitos oravam por mim no coma, sem ao menos eu saber que se mantinham obstinados nessa corrente do bem. Bispos, pastores e obreiros, minha mãe, meu primo e minha avó até o seu último dia de vida. Sei que o clamor de cada um me ajudou a permanecer neste mundo. Não há lógica capaz de

explicar como resisti às internações e a uma vida tão desregrada e repleta de perigos.

Agora, pouco a pouco, tenho descoberto novas riquezas. Passei a prezar instantes tão simples e, ao mesmo tempo, tão singulares da nossa rotina. Sinto alegria ao acordar de manhã e tomar café com meu filho e minha mãe. Adoro ficar na cama assistindo filmes e brincando com o meu garoto. Tenho vontade de passar horas jogando conversa fora com minhas amigas e meus familiares. Não tenho medo da velhice. Sei o limite da vaidade. Quero me cuidar, estar sempre bonita e elegante, mas estou feliz com o meu corpo.

Sentir o vento bater no rosto e suspirar profundamente hoje me arrancam um sorriso. Como é bom viver!



QUEM NÃO PODE RECOMEÇAR?



Minhas primeiras participações na Igreja até os dias de hoje provocaram reações diferentes e surpreendentes em mim. Durante as reuniões, minha vontade era de chorar o tempo todo, sorrir e abraçar cada uma das pessoas. Meu Deus, havia solução para mim. O Espírito Santo me aceitava. Sabe o que é descobrir que existe saída em meio a um terrível labirinto?

Agora, compreendo uma antiga conversa com meu primo, o ex-criminoso hoje convertido à fé cristã. Certa noite, sozinhos na cozinha de sua casa, ele me pediu para meditar sobre uma possível mudança de vida quando eu ainda me deslumbrava com o auge da fama, iludida por meus egoísmos. Com voz branda, olhou firme para mim e disse:

– Pense, Andressa. Deus deseja salvar a sua alma.

– Para mim, nem Deus consegue dar jeito. Eu não tenho solução, primo – respondi, um tanto esnobe.

Sem se importar com minha reação, ele passou a contar sobre a forma errada como a Igreja Universal é vista pelas pessoas em geral.

– Eles enganam o povo – discordei dele.

E então, meu primo começou a fazer perguntas intrigantes para mim. Contou que visitou os presídios mais perigosos do Brasil para pregar o Evangelho, nos lugares mais imundos e fétidos, onde os prisioneiros eram tratados como animais. E dentro dessas cadeias abandonadas, havia um lugar ainda pior: as masmorras, celas de isolamento em que se amontoavam os presos jurados de morte. Assassinos, estupradores, denunciantes. Dezenas de homens entulhados atrás das grades, sem luz, sem sol, sem colchão e quase sem água e comida. Os demais detentos não apareciam por perto. Os próprios carcereiros e agentes de saúde se negavam a passar por lá. A família não os visitava mais. Nada nem ninguém.

– E quem passava todos os dias uma ou duas horas sentado na sujeira, na frente da grade, com uma Bíblia na mão, conversando com os presos? Um pastor da Igreja Universal. Somente um pastor e mais ninguém. Sabe o que ele via lá, Andressa? Almas, e não criminosos. Gente que o mundo despreza.

Eu pensei nessas palavras por vários dias e hoje entendo perfeitamente o magnífico significado delas. A Igreja enxerga os aflitos e necessitados exatamente como Deus enxerga. Foi assim que Deus me viu.

Passei a buscar no Evangelho os exemplos vivos desse aprendizado, capazes de me fortalecer nessa guinada de vida. As comprovações da compaixão divina surgiam diante de mim e eram diretas, inquestionáveis, mexiam comigo.

A fascinante história de Raabe, prostituta e cafetina, chefe de outras prostitutas. Apesar de uma trajetória errada, teve uma atitude nobre: salvou dois homens do exército de Israel, enviados do profeta Josué para espionar a terra a ser invadida, quando os escondeu dos soldados inimigos em sua própria casa, na cidade de Jericó. Foi considerada justa por Deus e, segundo a Bíblia, colocou seu nome entre os heróis da fé, ou seja, *"homens dos quais o mundo não é digno"* (Hebreus 11.31;38).

A mulher adúltera atacada por gente que se considerava perfeita, sem erros. As pedras iriam matar impiedosamente alguém humilhada e à vista de todos, sem chance de ser resgatada. "*Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra*" (João 8.7), desafiou Jesus, diante da multidão. Em seguida, ergueu a adúltera do chão e a deixou seguir em liberdade. E em plena hora de ser crucificado, a poucos instantes de sua morte, tomado de ferimentos e agonias, Jesus teve forças e piedade para absolver mais um pecador: um ladrão, arrependido dos seus erros, que morreria momentos depois na cruz ao lado. *"Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso"* (Lucas 23.43).

Assim como perdoou e regenerou Raabe, a mulher adúltera, e até o ladrão na cruz, entre tantos outros homens e mulheres do passado e do presente, Deus me aceitou. Entendi que os nascidos de Deus não são compostos por santos que nunca pecaram, mas por pecadores que pela compaixão divina venceram seus pecados.

A partir de então, levo isso para minha vida. Não que eu exija a compreensão das pessoas ao meu redor. De maneira nenhuma. Jamais me sentirei no direito de obrigar alguém a aceitar minha mudança. Tenho consciência das críticas e julgamentos dos quais sou, e sempre serei, vítima o tempo inteiro. Se estivesse no lugar delas, talvez, até pensaria da mesma forma no passado. Duvidaria das minhas decisões por tantas coisas erradas que fiz. Mas isso não me incomoda. O tempo vai provar o nascimento de uma nova Andressa. Estou pronta para pagar o preço devido e, cada dia mais, decidida quanto ao caminho a seguir. Conto com a direção do Espírito de Deus para me ajudar a ir em frente, sem olhar para trás.

Sigo com gratidão sem tamanho à Universal por me acolher tão suja e pecadora e a todos os seus pastores e bispos por me receberem com as mãos estendidas, sem sequer merecer um segundo da atenção deles. Não merecia um sorriso sequer de cada obreiro. Não merecia um olhar sequer de cada

senhora nas reuniões. Todos pareciam querer me ajudar. O cuidado de mãe de várias esposas de pastores. Nunca fui merecedora disso, eu sei.

As orações. As mensagens de fé e confiança. As permanentes visitas no hospital. A paciência com as minhas inquietações. A atenção espiritual do bispo Edir Macedo e de sua esposa, Ester. Chorei ao receber a visita dela no hospital. Quando entrou no quarto, ao lado de Fátima Bassini, esposa do bispo Clodomir Santos, outro casal fundamental na minha recuperação, não contive as lágrimas no decorrer da conversa.

– Você vai sair desse hospital rápido. Deus vai te tirar daqui para glorificar o nome Dele – disse Ester, em uma atitude de humildade e grandeza.

Quantos ensinamentos de caráter e convicção para a vida. Ao receber o privilégio de ser atendida espiritualmente pelo bispo Macedo, minhas certezas aumentaram. Meus olhos se abriram.

– Como o Infinito, Deus, pode habitar em nós, o finito? Somente pela sua fé pura e sincera. Se você se arrependeu e mudou de vida para valer, o Espírito Santo transforma você em uma nova criatura. Andressa, preste atenção: a sua sinceridade é tudo para Deus – ele afirmou, convicto, olhando firme para mim.

Todos me aceitaram de braços abertos. A Igreja Universal me recebeu como uma mãe, como uma família que nunca tive. Justamente a Igreja que todos sempre atacaram e atacam. O pronto-socorro das almas. A Obra de Deus. Santa, pura, imaculada. Como demonstrar o tamanho da minha gratidão? Meu Deus, como um dia poderei retribuir tanto carinho e clemência?

As lições, claro, ficaram. As cicatrizes, físicas e espirituais, estão expostas, renovando minhas forças para caminhar em frente, de rosto erguido.

Os meus pensamentos me impulsionam a seguir adiante. Quem não tem o direito de começar de novo? Quem pode apontar o dedo e, se considerando perfeito, afirmar que não existe absolvição para outra pessoa? Quem pode tirar o direito de alguém de reiniciar a vida? De tentar ser um ser humano melhor? Uma mãe melhor, uma filha melhor, uma mulher melhor?

Eu escolhi recomeçar.

"Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento"

(Lucas 5.31,32)



Arquivo pessoal

MORTE PELA VIDA. Em coma, meu quadro era considerado gravíssimo: uma bactéria destruía meu corpo. Faltou pouco para eu deixar este mundo.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

DESESPERO COM O HIDROGEL. Apliquei quatrocentos mililitros em cada perna e o resultado foi desastroso: primeiro, uma bola sobre cada joelho. Depois, hematomas espalhados pelas coxas. Era apenas o começo de uma jornada de medo.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

MOMENTO DE DECISÃO. Na UTI os médicos viviam o dilema: seria a hora certa para perfurar as minhas pernas e extrair os focos de infecção? Eu resistiria ao procedimento? A atitude foi tomada: buracos nas pernas, que salvaram minha vida



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

FORA DO CORPO. Os momentos em coma me fi zeram enxergar um mundo espiritual até então desconhecido para mim. Minha experiência de quase morte nunca se apagará da minha memória. Eu sei o que vi e vivi.



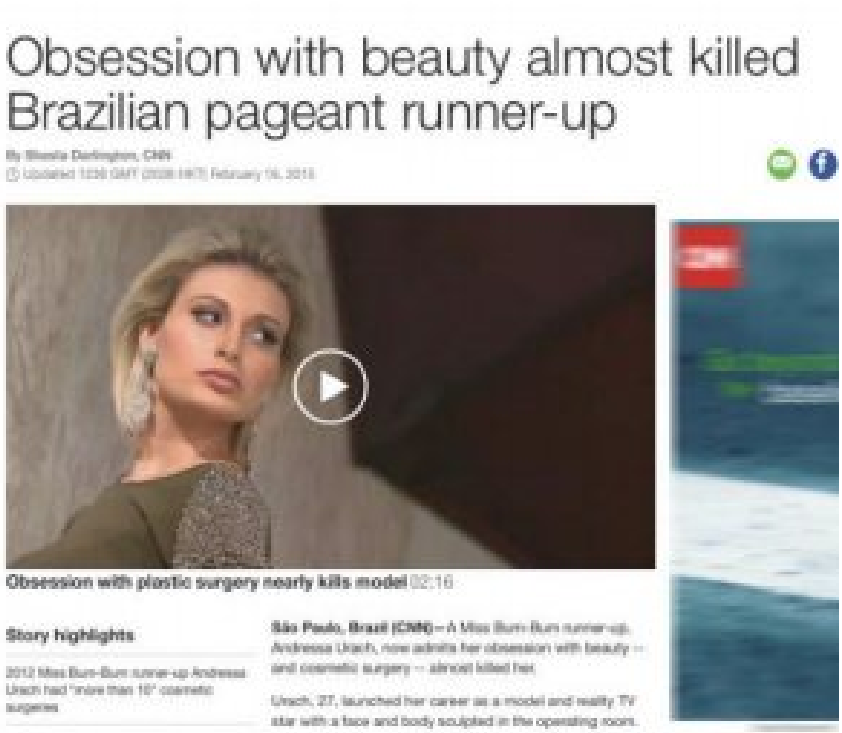
Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

LUTA INTENSA. Os médicos batalhavam pela minha saúde. A tatuagem na minha coxa foi usada como caminho para a abertura dos pontos cirúrgicos. Eu paguei o preço de tudo o que fi z em busca de um corpo ideal.





Obsession with beauty almost killed Brazilian pageant runner-up

By Shasta Darlington, CNN

Updated 1239 GMT (0539 HKT) February 16, 2013

Obsession with plastic surgery nearly kills model 02:16

Story highlights

2012 Miss Bum-Bum runner-up Andressa Urach had "more than 10" cosmetic surgeries

São Paulo, Brazil (CNN)—A Miss Bum-Bum runner-up, Andressa Urach, now admits her obsession with beauty -- and cosmetic surgery -- almost killed her.

Urach, 27, launched her career as a model and reality TV star with a face and body sculpted in the operating room.

Arquivo pessoal

The New York Times



AMERICAS

TV Star's Plastic Surgery Disaster Tests Brazil

By THE ASSOCIATED PRESS JAN. 28, 2015, 12:20 A.M. E.S.T.

Email
Share
Tweet
Save
More

SAO PAULO — Andressa Urach went from being a single teenage mom nicknamed "Beanpole" to a reality TV bombshell in Brazil thanks to silicone implants, anabolic steroids, a nose job, and gel and botox injections, a fact she wasn't ashamed to share with fans.

"There are plenty of ugly women," she said last year. "If you have the money, you can be beautiful. This pretty face you see here, my dear, it costs some."

More, it turns out, than she bargained for.

Arquivo pessoal

The Telegraph



Brazil's 'Miss BumBum' runner-up in hospital after buttock operation

Runner-up of Brazil beauty contest – who scooted Cristiano Ronaldo at World Cup – fighting for her life in hospital following complications from a 'bottom lift operation

The Telegraph

Like

Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Reprodução

TRISTE NOTÍCIA 1. A imprensa de vários países publicou minha internação e os males causados pelos exageros de cirurgias plásticas. Em entrevista, disse que quero servir de exemplo do que outras mulheres não devem fazer jamais.

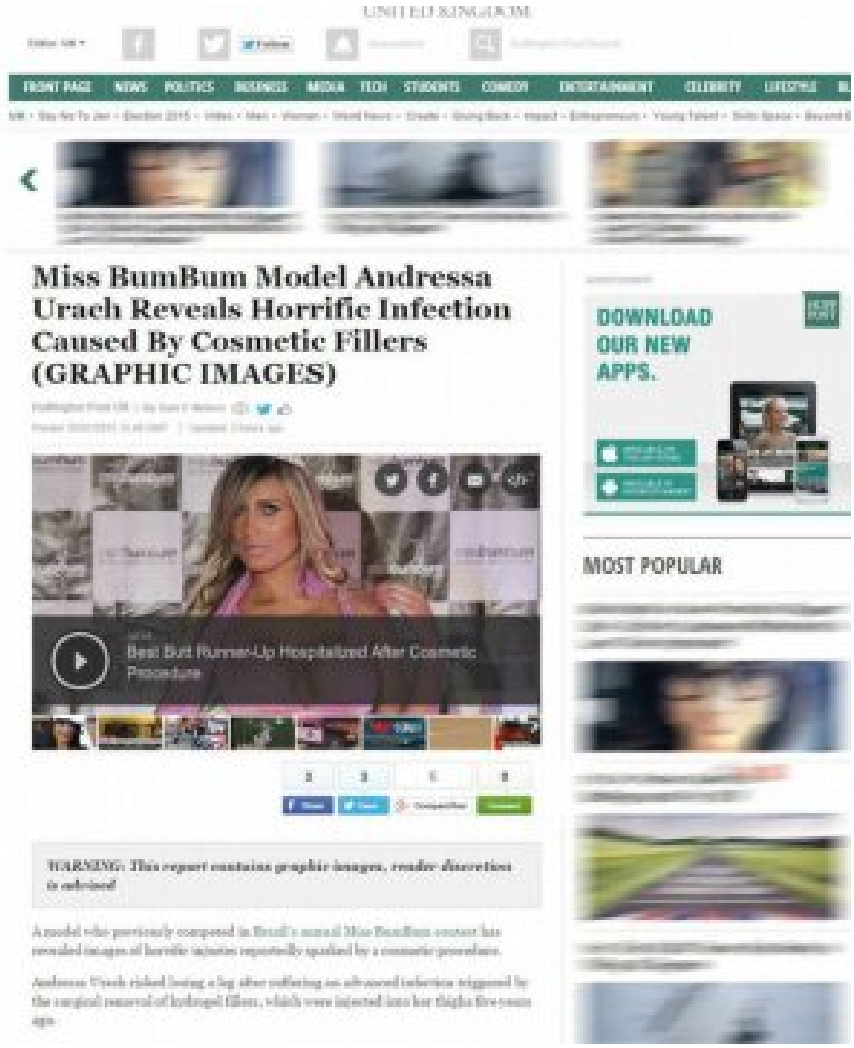

Mirror
Most read
Live feeds
Top Videos
News
Football
Celebs
TV & Film
Weird News
Miss BumBum runner-up Andressa Urach almost DIED when plastic surgery to plump her rear began to ROT tissue
Share

Reprodução



Reprodução

THE HUFFINGTON POST


UNITED KINGDOM
FRONT PAGE NEWS POLITICS BUSINESS MEDIA TECH STUDENTS COMEDY ENTERTAINMENT CELEBRITY LIFESTYLE
Miss BumBum Model Andressa Urach Reveals Horrific Infection Caused By Cosmetic Fillers (GRAPHIC IMAGES)
Best Butt Runner-Up Hospitalized After Cosmetic Procedure
WARNING: This report contains graphic images, reader discretion is advised
DOWNLOAD OUR NEW APPS.
MOST POPULAR

Reprodução



Follow @MailOnline | DailyMail

Monday, Jan 5th

Mail Online

Home | News | U.S. | Sport | TV&Showbiz | Australia | Femail | Health | Science | Money | W

News Home | Arts | Headlines | Pictures | Most read | News Board | Wires

Miss BumBum contestant and Brazilian TV presenter reveals the shocking damage caused by fillers injected to give her a bigger bottom and thighs

- WARNING GRAPHIC CONTENT
- Andressa Urach, 27, was runner-up in Brazilian rear end beauty contest
- But model was hospitalised after cosmetic gels 'rotted' her muscles
- Wounds got infected after they were removed, causing septic shock
- She has released horror photos taken during her month in intensive care
- Brazil has overtaken U.S. to become most prolific plastic surgery nation

By DAN BLOOM FOR MAILONLINE

PUBLISHED: 12:20 GMT, 5 January 2015 | UPDATED: 17:59 GMT, 5 January 2015

Share | 3.3k shares | 132 View comments

A model whose bottom came second in Brazil's Miss BumBum beauty contest has revealed the terrible harm plastic surgery wreaked on her body.

Fillers 'rotted' her muscles and had to be removed, triggering a life-threatening infection.

These photos show the shocking extent of the damage to one of the most controversial TV presenters in Brazil - a nation which has overtaken the U.S. to become the cosmetic surgery capital of the world.

WARNING GRAPHIC CONTENT

+11

Terrible toll: Brazilian TV presenter Andressa Urach, a runner up in Brazil's Miss BumBum competition, has revealed the terrible damage wreaked on her body by plastic surgery after wounds in her thigh were infected

Reprodução



Reprodução

TRISTE NOTÍCIA 2. Manchetes estampavam a minha agonia e as imagens dos buracos nas minhas pernas. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de agradecer a Deus por estar viva.



Arquivo pessoal



© Edu Moraes

CORPO TURBINADO. Fui uma adolescente muito magra e com as pernas muito finas. Depois da série insana de plásticas me transformei em uma mulher forte e cheia de curvas.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



AgNews

TRANSFORMAÇÃO COMPLETA. Não apenas mudei meu corpo como também meu rosto. Foram várias intervenções na face em um período curto de tempo. Praticamente virei outra pessoa. Nem eu me reconheceria na rua.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

SONHO DE SER BARBIE. Eu procurava a clínica de cirurgia plástica como quem vai ao supermercado. Queria retirar uma costela para fi car com a cintura mais fi na. Sonhava em cortar os dedos dos pés para calçar um número menor.

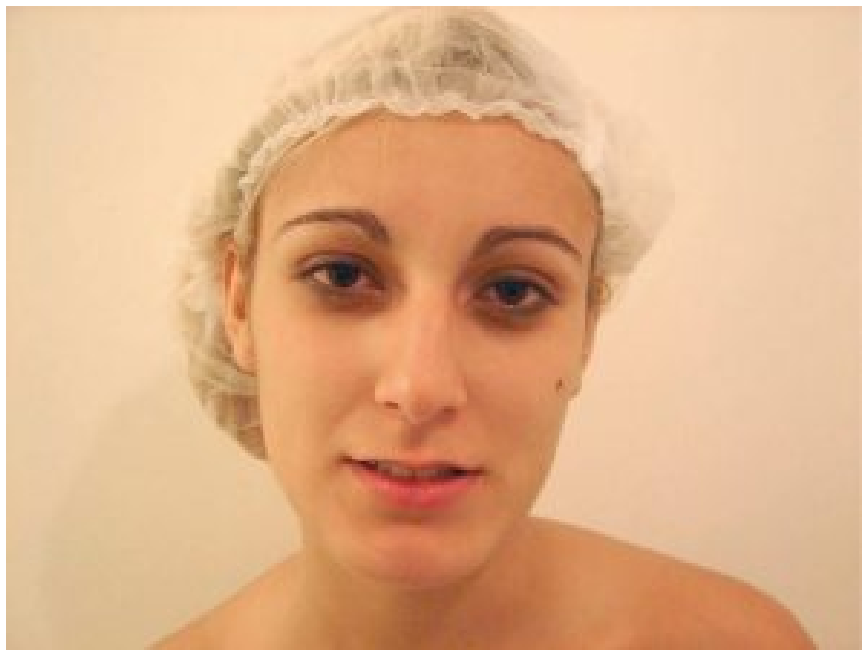


Arquivo pessoal

SEM LIMITES. Mudei meu rosto, retirei gordura do joelho e coloquei nos lábios. Fiz bioplastia no maxilar e depois nas maçãs do rosto. Apliquei botox. Loucuras em nome da beleza.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

MUDANÇA RADICAL NO ROSTO. Aqui estão as fotos tiradas pouco antes da cirurgia no nariz, uma das mais agressivas que já fi z. Meu prazer era divulgar minhas imagens nos minutos que antecediam as operações.



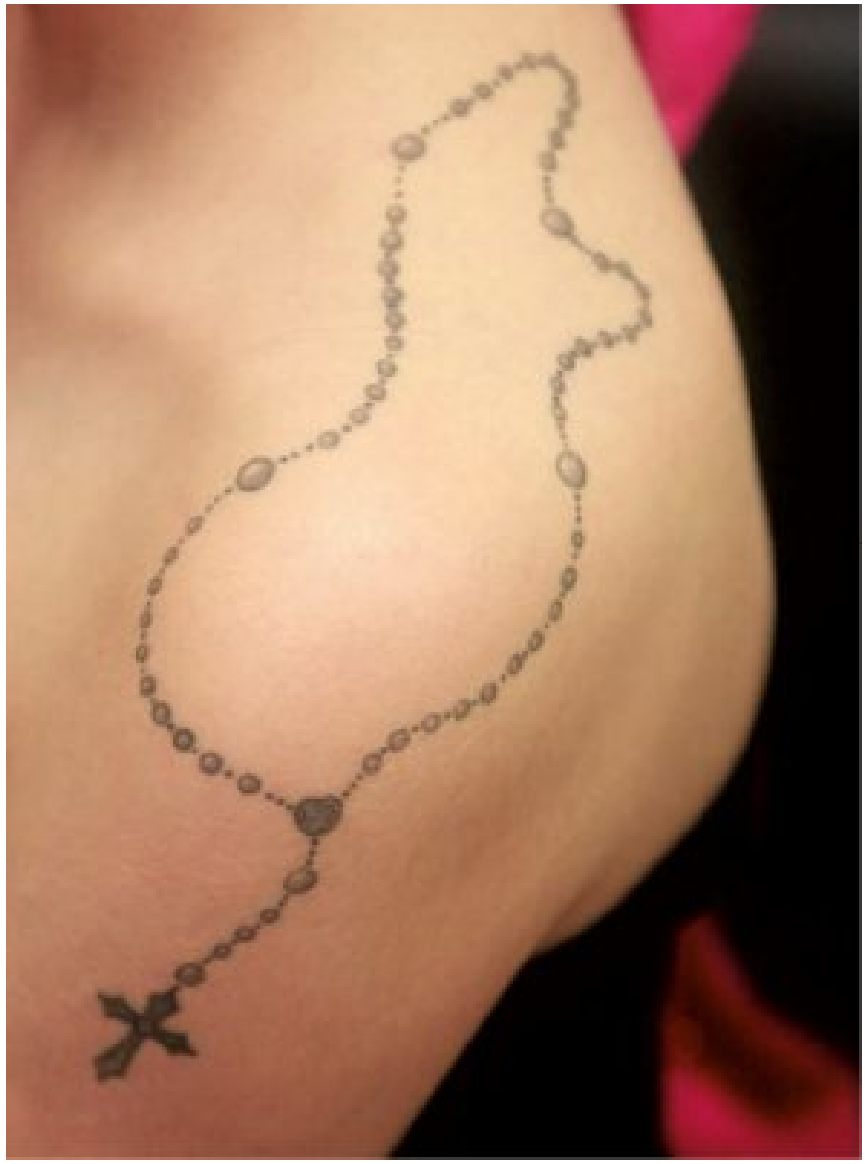

神
族


الحق دائما


Una Vida




13





© Lumi Zúnica

TATUAGENS, UM OUTRO VÍCIO. Tenho quinze espalhadas da cabeça aos pés, cada uma com um tamanho, formato e significado, também para esconder imperfeições e cicatrizes das plásticas.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

DIFERENTE DAS OUTRAS. Eu parecia uma criança de criação tradicional, mas não era. Não conheci meu pai na infância, via minha mãe poucas vezes na semana. Avós de criação cuidavam de mim.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

INOCÊNCIA ROUBADA. Era uma menina vaidosa, cheia de vida, mas convivi com a dor de ter sido abusada. Até os oito anos, escondia um sofrimento que parecia não ter fim.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

ORIGEM POBRE. Passamos por muitas dificuldades. Vivíamos em casas simples, sem luxo. Mesmo assim, minha mãe se esforçava para me dar uma vida digna.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

SOZINHA EM CASA. Um dos poucos registros da infância em que minha mãe me abraça. Tínhamos um relacionamento difícil. Não havia diálogo. Eu também fui uma criança difícil de educar



Arquivo pessoal

INFÂNCIA DOÍDA. Por tudo o que vivi quando criança e por minhas próprias escolhas, me tornei uma adolescente rebelde. Aos treze anos de idade fumei maconha. Dentro de mim havia um furacão de sentimentos.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

MUDANÇAS PRECOCES. Já adolescente, pintava o cabelo de todas as cores. A primeira foi preto-azulado. Um choque para quem me conhecia. Apesar de não me achar bonita, nutria a vaidade e participava de concursos de beleza.

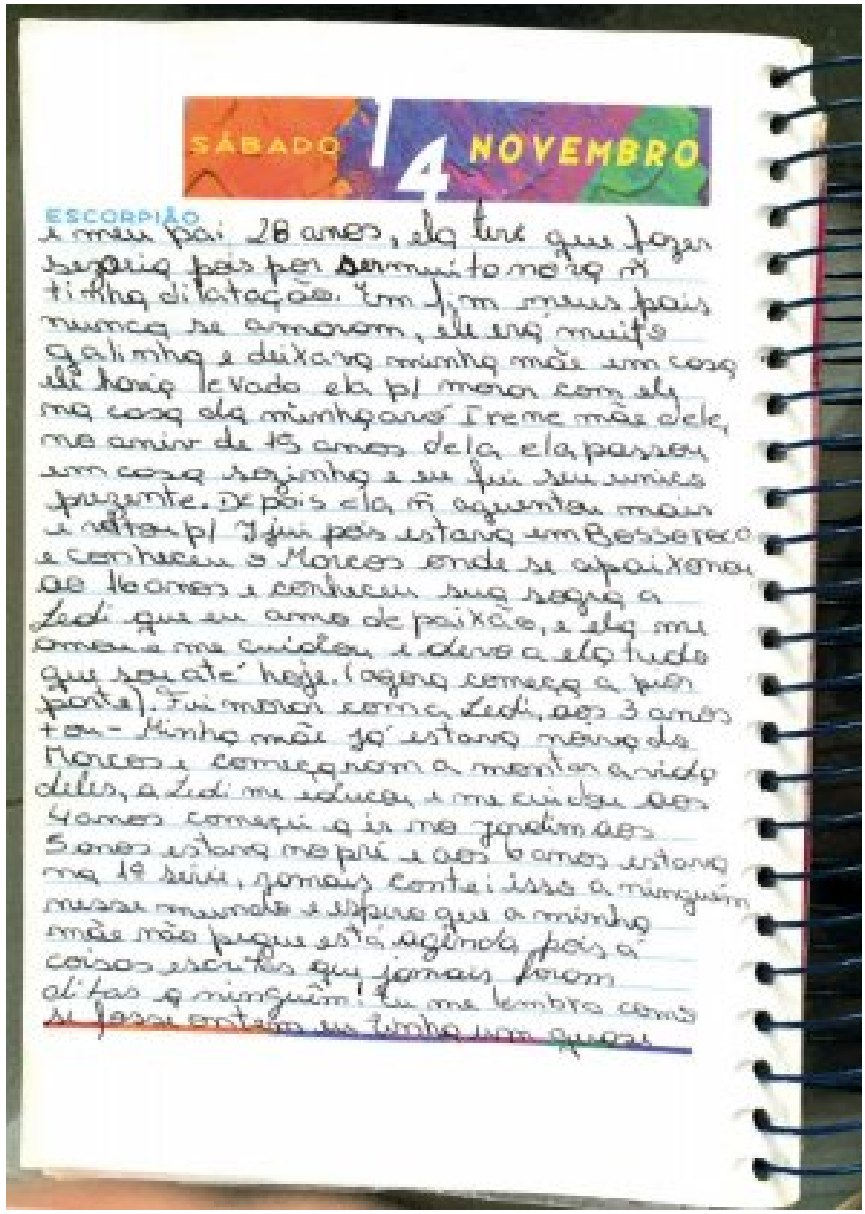


Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

FELIZ POR UM MOMENTO. Meu aniversário de quinze anos: morava com meu pai na pequena cidade de Bossoroca, no interior do Rio Grande do Sul. Festa ao lado da família e, em especial, dos meus pais.



Arquivo pessoal

DOCUMENTO INÉDITO. Durante pesquisa para este livro, minha mãe encontrou uma caixa com meus cinco diários escritos na adolescência. Um triste e dramático registro dos abusos que sofri na infância.



Arquivo pessoal

CENAS DO HORROR. Sob o rabiscado de caneta, é possível ler o que vivi. "(...) Eu me lembro como se fosse ontem eu tinha quase... anos e ele sempre foi tarado... e tinha nojo... colocava as mãos em meu órgão genital... e tivesse contato físico... porque isso me traumatizou profundamente... eu não podia contar a ninguém..."



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

9006489235

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PODER JUDICIÁRIO

COMARCA DE IJUÍ

FIRMAS

Bel. Milton Diemer

OFICIAL

Bel. MILTON DIEMER

José Marder e Gilson Luis Rigoli

SUBSTITUTOS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que se acha registrado nesta Ofício no livro de Registro de Nascimento

de número A -SESSENTA E DOIS(A-062)- - - - às folhas oitenta e dois verso(82vs)- - - - - - - sob número vinte e cinco mil,trezentos e trinta (25.330)- - - - - o nascimento de "ANNESSA DE FAVERI URACH".- - - - - -

do sexo feminino - - nascid a às 11:30 horas do dia onze de outubro de mil novecentos e oitenta e sete - - (11.10.1987)- em o Hospital de Caridade Ijuí,nesta cidade - - - - - -



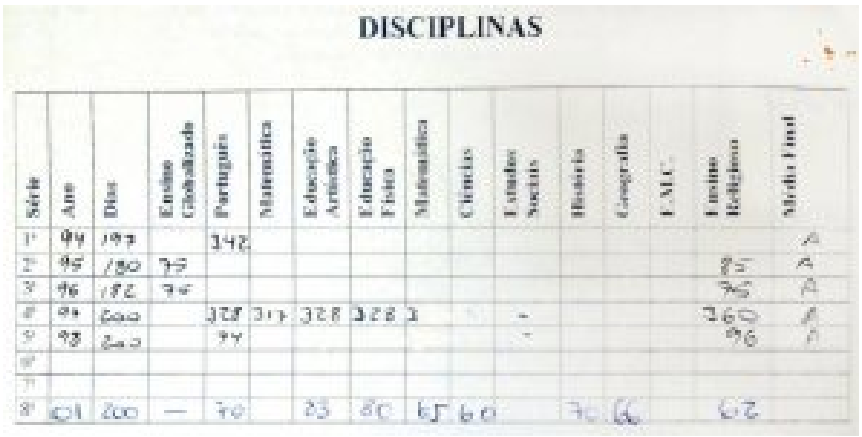
E.M.E.F. PRES. JOÃO BELCHIOR MARQUES GOULART
Decreto Municipal 126/81-Decreto Municipal 068/98
Rua São Benedito nº 180 – Alvorada

2001 - 81

SERIE: 7ª
TURMA: 71

NOME DO ALUNO: Andressa de Faveri Urach
DATA DE NASCIMENTO: 11/10/1987 IDADE: 13 anos SEXO: feminino
NOME DO PAI: Carlos Alberto Kreja Urach PROFISSÃO: granjeiro
NOME DA MÃE: Marisete de Medeiros de Faveri PROFISSÃO: comerciante
SITUAÇÃO DO CASAL: ( )CASADOS (x) *SEPARADOS ( ) OUTROS
RENDA FAMILIAR:
NATURALIDADE: Ipuí / RS RELIGIÃO: Cristã
PODE ASSISTIR AULAS DE RELIGIÃO: (x)SIM ( )NÃO
ENDEREÇO: Rua Gonçalves de Magalhães
BAIRRO: Jd. Porto Alegre CIDADE: Alvorada
VACINAÇÃO: ( )BCG ( )PARALISIA INFANTIL ( )SARAMPO
POSSUI ALGUMA DOENÇA? ( ) SIM ( ) NÃO
TEM RESTRIÇÕES A MEDICAMENTOS: ( )SIM ( )NÃO
QUAIS:
TIPO SANGUÍNEO:
QUEM PERMANECE EM CASA NO PERÍODO ESCOLAR:
EM CASO DE ACIDENTE COM O ALUNO QUEM DEVE SER COMUNICADO?

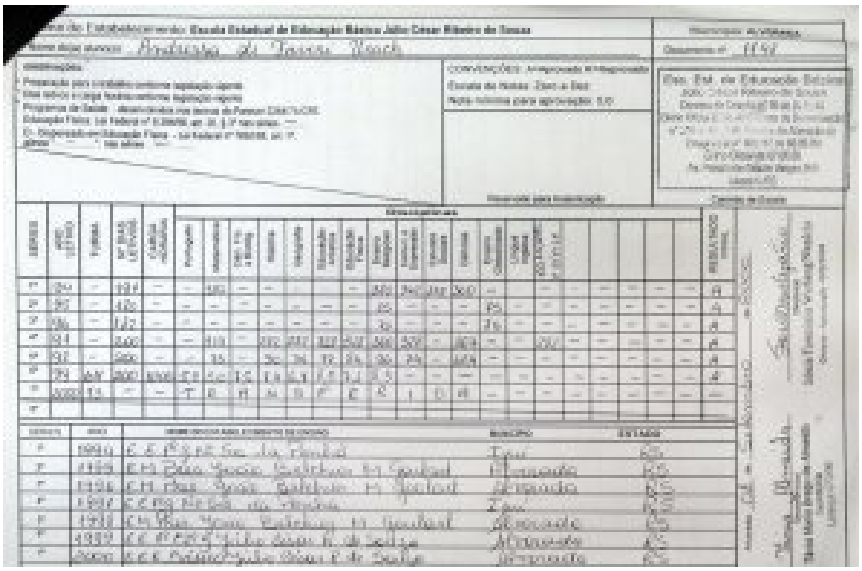
Arquivo pessoal



DISCIPLINAS

Série	Ano	Dias	Ensino Globalizado	Português	Matemática	Educação Artística	Educação Física	Matemática	Ciências	Estudos Sociais	História	Geografia	E.M.C.	Ensino Religioso	Média Final
1ª	94	197		342											A
2ª	95	180	75											85	A
3ª	96	182	75											75	A
4ª	97	200		328	317	328	328	3		-				360	A
5ª	98	200		74						-				96	A
6ª															
7ª															
8ª	01	200	—	70		23	80	65	60		70	66		62	

Arquivo pessoal



Estabelecimento: Escola Estadual de Educação Básica Júlio César Ribeiro de Souza
Nome do aluno: Andressa de Faveri Urach
Documento nº: 1141

Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

VIDA DE ESPOSA. Não namorei, parti direto para o casamento com o consentimento de minha mãe. E, no dia 24 de maio de 2005, ganhei o meu maior presente: meu amado fi lho Arthur. Meu sonho era ter uma família.



Arquivo pessoal

VIDA DE MÃE. Após o nascimento, Arthur ficou dez dias hospitalizado. Foi uma agonia ver meu fi lho na UTI, mas ele sobreviveu e superou todas as dificuldades. Hoje é uma das minhas razões de viver.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



AgNews



Arquivo pessoal

JAMAIS REVELADO. Entrei no mundo sujo da prostituição, mergulhei num poço de ganância e luxúria. A ambição foi tomando conta de mim. Criei uma personagem, a Ímola, uma mulher indomável, sem valores, sem limites.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal

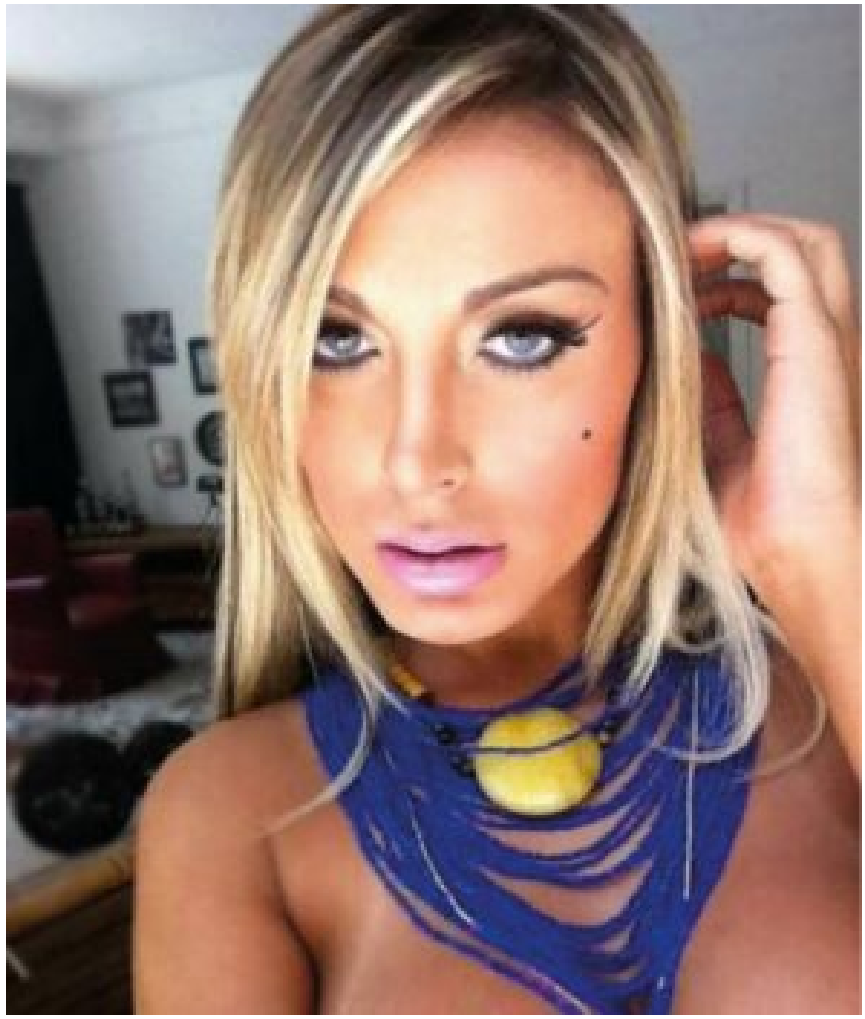


Arquivo pessoal



AgNews

PROSTITUTA DE LUXO. Transformei meu corpo em uma máquina de aluguel. Conheci bordéis de alto nível em várias partes do Brasil e do exterior e cheguei a cobrar trinta mil reais por uma hora de sexo. Confissões que me envergonham.



Arquivo pessoal



© Reinaldo Canato/Folhapress

AMBIÇÃO DOENTIA. Eu queria mais, queria a fama. E a fama traria mais dinheiro. Era preciso me tornar uma celebridade. Participei de um concurso de bumbuns sensuais e conquistei o segundo lugar, mas apareci mais que a primeira colocada porque inventei um namoro lésbico.



© Rodrigo Paiva/RPCI/Folhapress



AgNews


THE
Sun
Sunday
Sunday, April 28, 2013
60p
thesun.co.uk
CHEATING RONALDO ROMPS WITH MISS BUMBUM

Reprodução



AgNews



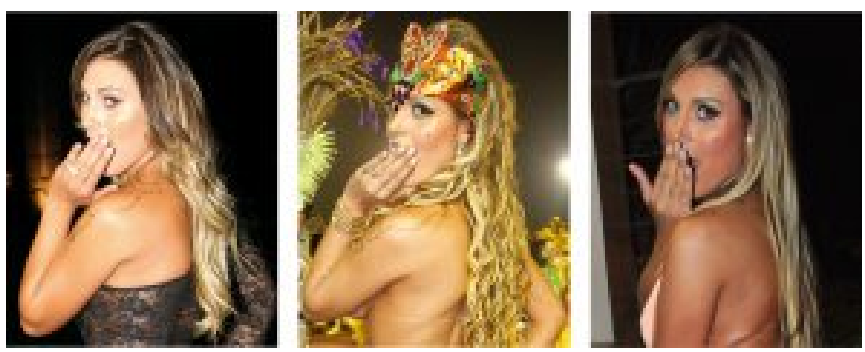
Reprodução



Reprodução

ATITUDE SEM ORGULHO. O envolvimento com o jogador português Cristiano Ronaldo rendeu manchetes na imprensa internacional. O título de capa do tablóide britâncio The Sun, 28 de abril de 2013, afirma: “Ronaldo malandro diverte-se com Miss Bumbum”.

Alcancei a fama a um alto preço.



AgNews

CARAS E BOCAS. Valia qualquer pose para virar nota em páginas de celebridades. Eu precisava dos holofotes, sempre. Era combustível para o meu ego e o meu objetivo calculado de estar sempre em evidência.



Arquivo pessoal



© Edu Moraes

BRIGAS EM REDE NACIONAL. No reality show A Fazenda exibi meu corpo transformado pelas plásticas e meu destempero. Foi desastrosa a oportunidade de alcançar mais fama. Briguei e me envolvi em discussões e cusparadas.



Reprodução TV Record



Reprodução TV Record



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal





Arquivo pessoal



© The Grosby Group

O RENASCIMENTO. Aquela Andressa tinha prazo curto de vida. O resultado foi o coma no hospital, do qual saí também com ajuda do meu cirurgião plástico. Recuperada, pedi perdão ao meu fi lho e declarei o meu amor incondicional a ele.



Arquivo pessoal

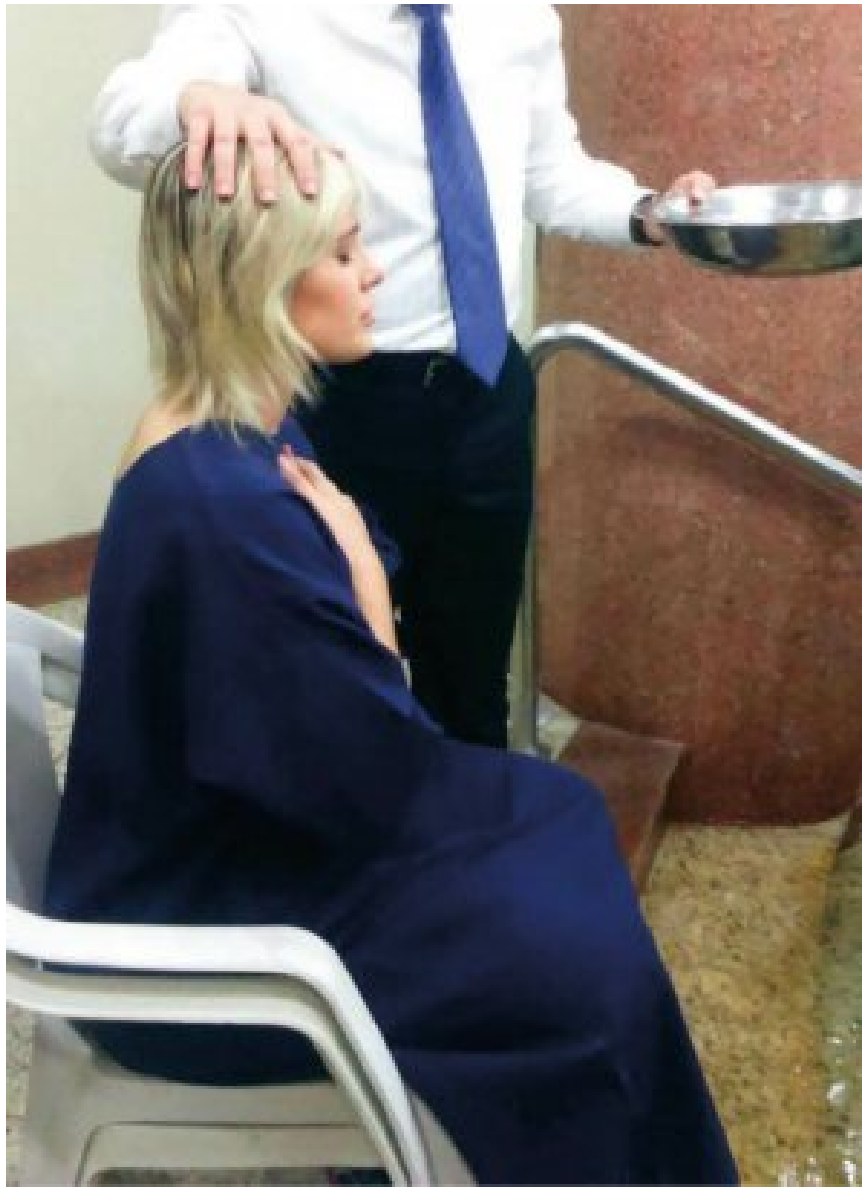


© Lumi Zúnica



© Demétrio Koch

EU ME DEI UMA CHANCE. Na Igreja Universal, decidi assumir uma verdadeira mudança de vida. Mais de vinte mil pessoas ouviram no Templo de Salomão do que era capaz a velha Andressa. Decidi pelo batismo nas águas para seguir um novo caminho.



Arquivo pessoal



Arquivo pessoal



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica

PAZ DE ESPÍRITO. Fui criticada após minha decisão de aceitar o Evangelho. Não julgo essas pessoas, depois de tantas coisas erradas que fi z. Mas o curioso é pensar que os mesmos que hoje me condenam, elogiavam meu comportamento desregrado e vergonhoso. Meus pensamentos foram transformados pouco a pouco.



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica

PERDÃO AO VIVO. No Programa do Gugu, da Record, agradeci aos médicos que lutaram para me salvar do coma. Também pedi desculpas ao meu pai (de vermelho na foto), pude me redimir e também desculpá-lo pelos erros do passado. Experimentei uma sensação incrível de alívio e paz.



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica

REENCONTRO AMARGO. Voltar a boates é reviver um passado sombrio. Hoje sei claramente que aqueles ambientes não fazem mais parte da minha

vida. Tenho repulsa a eles. Dei as costas para o passado.



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica

MULHER COMPLETA. Redescobri o prazer dos momentos mais simples da vida. Os valores finalmente voltaram ao seu devido lugar: família, saúde, amor-próprio e fé. Como é bom estar viva.



© Lumi Zúnica

GRATA POR VIVER. Clamei uma nova oportunidade para cuidar de meu filho. E é isso que tenho feito. Faltam palavras para expressar tanto agradecimento aos homens e mulheres de fé que me ajudaram e, sobretudo, a Deus, que me salvou da morte.



© Lumi Zúnica



© Lumi Zúnica